UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

JOSÉ BARTOLOMEU GOMES DA SILVA JÚNIOR

# O ATO DE LER NO *DIDASCÁLICON* DE HUGO DE SÃO VITOR:
## redescobrindo a leitura como uma possibilidade metodológica no ensino de filosofia na atualidade

Recife
2025

JOSÉ BARTOLOMEU GOMES DA SILVA JÚNIOR

# O ATO DE LER NO *DIDASCÁLICON* DE HUGO DE SÃO VITOR:
## redescobrindo a leitura como uma possibilidade metodológica no ensino de filosofia na atualidade

Dissertação apresentada como requisito parcial ao Mestrado Profissional em Filosofia (UFPR/Núcleo UFPE) à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa

Recife
2025

**Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central**

Silva Junior, José Bartolomeu Gomes da.
O ato de ler no Didascálicon de Hugo de São Vitor: redescobrindo a leitura como uma possibilidade metodológica no ensino de filosofia na atualidade / José Bartolomeu Gomes da Silva Junior. - Recife, 2025.
95f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia.
Orientação: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa.
Inclui referências e apêndices.

1. Hugo de São Vitor; 2. Filosofia da Leitura; 3. Formação Filosófica e Pessoal; 4. Metodologia Vitoriana; 5. Ensino de Filosofia. I. Costa, Marcos Roberto Nunes. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JOSÉ BARTOLOMEU GOMES DA SILVA JUNIOR

**O ATO DE LER NO *DIDASCÁLICON* DE HUGO DE SÃO VITOR:**
**redescobrindo a leitura como uma possibilidade metodológica no ensino de filosofia na atualidade**

Dissertação de Mestrado, na área de Concentração: Ensino de Filosofia, apresentado ao PROF-FILO, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2025.

_____

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (UFPE)
Presidente - Orientador

_____

Profa. Dra. Izabel Cristina Izidoro de Souza Barbosa (CESA)
Examinadora externa a Instituição

_____

Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimaraes (UFPE)

Examinador interno ao Programa

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que em sua infinita sabedoria e graça me sustentou e guiou em cada passo desta jornada acadêmica. A Jesus Cristo, fonte de toda a verdade, *Sapiência* que desejo encontrar em todos os dias da minha vida e ao Espírito Santo, que me consola e ilumina quando os desafios se apresentam diante de mim.

Sou imensamente grato à minha querida esposa, Raquel Biondi de Menezes Silva, pelo amor, paciência e apoio incondicional, e ao nosso filho, José Bartolomeu Neto, cuja alegria e presença me deram forças nos momentos de cansaço. A minha mãe, Célia Maria Gomes da Silva, que mesmo não tendo avançado nos estudos sempre foi uma encorajadora em nossa carreira acadêmica, e meus irmãos, André e Diana, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram com carinho e palavras de encorajamento, e ao meu pai, José Bartolomeu, que muito contribui em nossa formação como pessoas de princípios e nos deixou há pouco mais de um ano.

Expresso também minha gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa, cuja sabedoria, dedicação e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, proporcionando-me as ferramentas e o incentivo necessários ao cumprimento deste componente curricular.

Por fim, obrigado de coração à igreja que pastoreio, a Igreja Batista Missionária Palavra Viva, comunidade de fé que tem sido para mim um suporte inabalável, onde pude crescer como servo e compartilhar a Palavra que tanto me inspira. Que este trabalho, fruto de tantas mãos e corações, possa contribuir para o conhecimento e edificação de todos que o lerem.

A Deus seja toda glória!

## RESUMO

A presente dissertação visa examinar o ato de ler no *Didascálicon* de Hugo de São Vitor (1095 – 1141), uma obra considerada por muitos como um marco na história da educação medieval, em busca de uma filosofia da leitura como instrumento formativo do estudante tanto no que diz respeito ao conhecimento quanto ao desenvolvimento de qualidades morais e vitais indispensáveis ao discente na aprendizagem. É na leitura, segundo Hugo de São Vitor, que se concretiza a filosofia, o amor à Sabedoria, assim como o autoconhecimento, o conhecimento do Criador e do mundo. Portanto, em uma geração que vem sendo bombardeada por um fortíssimo estímulo no uso de aparelhos eletrônicos, redes sociais, canais de streaming, podcasts e outros meios digitais de comunicação, inclusive na educação básica, através da recomendação do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), como metodologia facilitadora dos saberes, vigente nos documentos normativos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Base Curricular de Pernambuco, se faz necessário refletir sobre a leitura teleológica de Hugo de São Vitor, como uma possibilidade metodológica no ensino de filosofia, visando estabelecer um ponto de equilíbrio, que minimize os impactos negativos dessa utilização na vida dos alunos, especialmente no ambiente escolar, para que tenhamos estudantes não apenas com alto nível de conhecimento, mas, acima de tudo, seres humanos saudáveis. Para isso, nossa pesquisa também envolverá uma aproximação entre o pensamento de Hugo de São Vitor e o conceito de leitura de mundo em Paulo Freire, em busca de encontros e desencontros que contribuam aos objetivos deste trabalho, e uma apreciação das contribuições do psicanalista Michel Desmurget sobre as consequências negativas do uso deliberado das telas à cognição dos estudantes. Por fim, mas não menos relevante, do ponto de vista técnico, nossa pesquisa será bibliográfica, qualiquantitativa, envolvendo uma intervenção através de um questionário semiestruturado. Nosso objetivo é reunir informações suficientes para testar a viabilidade do conhecimento filosófico no ensino de filosofia, utilizando a metodologia vitoriana de leitura.



**Palavras-chaves:** Hugo de São Vitor; Filosofia da Leitura; Formação Filosófica e Pessoal; Metodologia Vitoriana; Ensino de Filosofia.

## ABSTRACT

This dissertation aims to examine the act of reading in the Didascalicon of Hugh of Saint Victor (1095 – 1141). The work is considered by many as a milestone in the history of medieval education in search of a philosophy of reading as a formative instrument of the student both regarding knowledge and the development of moral and vital qualities which are indispensable to the student in learning. It is through the reading, according to Hugh of St. Victor, that philosophy, the love of Wisdom, as well as self-knowledge, the knowledge of the Creator and the world, is established. Therefore, in a generation that has been bombarded by a very strong stimulus in the use of electronic devices, social networks, streaming channels, podcasts and other digital means of communication, even in basic education, through the recommendation of the use of Digital Information and Communication Technologies (TDICs), as a methodology to facilitate knowledge, which are in use in the normative documents of the National Common Curricular Base (BNCC) and in the Pernambuco Curriculum Base, it is necessary to reflect on the teleological reading of Hugh of Saint Victor, as a methodological possibility in the teaching of philosophy, aiming to establish a point of balance, which minimizes the negative impacts of this use in the lives of students, especially in the school environment, so that we have students not only with a high level of knowledge, but, above all, healthy human beings. For this, our research will also involve an approximation between the thought of Hugh of Saint Victor and the concept of reading in the world in Paulo Freire, in search of agreements and disagreements that contribute to the objectives of this work, as well as an appreciation of the contributions of psychoanalyst Michel Desmurget on the negative consequences of the deliberate use of screens to the students' cognition. Finally, from a technical point of view, our research will be bibliographic, qualitative-quantitative, involving an intervention through a semi-structured questionnaire. Our goal is to gather enough information to test the feasibility of philosophical knowledge in the teaching of philosophy, using the Victorian methodology of reading.

**Keywords**: Hugh of Saint Victor; Philosophy of Reading; Philosophical and Personal Training; Victorian Methodology; Teaching of Philosophy.

**SUMÁRIO**


1 **INTRODUÇÃO** ..... 09
1.1 OBJETIVOS ..... 13
1.1.1 **Objetivo geral** ..... 13
1.1.2 **Objetivos específicos** ..... 13
1.2 METODOLOGIA ..... 14
**2 HUGO DE SÃO VÍTOR E O *DIDASCÁLICON*** ..... 16
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO QUE PRECEDEU HUGO DE SÃO VÍTOR ..... 16
2.2 AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS EXISTENTES NO INÍCIO DA BAIXA IDADE MÉDIA ..... 21
3 **UMA METODOLOGIA FUNDAMENTADA NA LEITURA COMO POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO NO ENSINO DE FILOSOFIA** ..... 27
3.1 A CONCEPÇÃO VITORINA DE FILOSOFIA ..... 27
3.1.1 **A divisão da filosofia segundo Hugo de São Vitor** ..... 31
3.1.2 **As influências filosóficas de Hugo de São Vitor e o conhecimento da Sapiência** ..... 33
3.2 A METODOLOGIA DE HUGO DE SÃO VITOR FUNDAMENTADA NA LEITURA ..... 37
3.2.1 **A leitura como primeiro degrau para o conhecimento** ..... 39
3.2.1.1 As qualidades naturais necessárias ao estudo ..... 45
3.2.1.1.1 A leitura como primeiro exercício das qualidades naturais ..... 46
3.2.1.1.2 A meditação como segundo exercício das qualidades naturais ..... 48
3.2.1.1.3 A memória como elemento indispensável ao estudo ..... 49
3.2.1.2 A disciplina moral como elemento formativo e essencial à leitura ..... 50
3.2.1.2.1 A humildade como fundamento moral do estudo ..... 51
3.2.1.2.2 A dedicação à pesquisa como segundo passo da disciplina moral no estudo ..... 55
3.2.1.3 As qualidades vitais como princípios formativos e essenciais à leitura e ao estudo ..... 56
3.2.1.3.1 A qualidade vital da quietude à leitura ..... 56
3.2.1.3.2 A qualidade vital da análise minuciosa à leitura ..... 57

3.2.1.3.3 A qualidade vital da sobriedade à leitura ..... 58
3.2.1.3.4 A qualidade vital do exílio à leitura ..... 58

3.3 A LEITURA DE MUNDO SEGUNDO PAULO FREIRE E SEUS ENCONTROS E DESENCONTROS COM O ATO DE LER EM HUGO DE SÃO VITOR ..... 58
3.3.1 **Contextualizando Paulo Freire e sua reflexão sobre a consciência** ..... 59
3.3.2 **A leitura do mundo em Paulo Freire** ..... 63
3.4 A UTILIZAÇÃO DAS TDICS COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA BNCC E NO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO ..... 66
3.5 OS IMPACTOS DO USO DAS TDICS EM UMA CULTURA DA TELA, AS OBSERVAÇÕES DO PSICANALISTA MICHEL DESMURGET E A DESVALORIZAÇÃO DE UMA LEITURA TELEOLÓGICA PROPOSTA POR HUGO DE SÃO VITOR ..... 69

4 **INTERVENÇÃO: A INVESTIGAÇÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO FILOSÓFICO ATRAVÉS DA METODOLOGIA VITORIANA FUNDAMENTADA NA LEITURA** ..... 74
4.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA ..... 74
4.2 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA ..... 76
4.3 CAMPO METODOLÓGICO ..... 76
4.3.1 **Instrumento para coleta de dados** ..... 77
4.3.2 **Análise e discussões dos dados** ..... 78
4.3.2.1 Os participantes da pesquisa falam: o que os estudantes pensam sobre a metodologia vitoriana da leitura? ..... 79

5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 86

**REFERÊNCIAS** ..... 89

**APÊNDICE A – Questionário do Google forms para intervenção com os alunos** ..... 93

# 1 INTRODUÇÃO

"A palavra Pedagogia tem origem na Grécia, *paidós* (criança) e *agodé* (condução). A palavra grega *Paidagogos* é formada pela palavra *paidós* (criança) e *agogos* (condutor). Portanto, pedagogo significa condutor de crianças, aquele que ajuda a conduzir o ensino" (Hamze, 2024, p.1). Assim sendo, a pedagogia está ligada ao ato de condução do saber. E até hoje a preocupação da pedagogia é encontrar formas de levar o indivíduo ao conhecimento.

É no tocante a essa preocupação que encontramos a justificativa para a nossa pesquisa, pois se a pedagogia visa conduzir o homem ao conhecimento, é mister que este também seja instruído acerca do Criador, da Razão universal e do propósito estabelecido por Ele para a existência humana. Tal perspectiva começou a ser subvertida no século XIII, com um prenúncio da modernidade, a partir de Abelardo e vários universitários, como está escrito na Introdução de Eduardo Zaratini a tradução da obra *A Instrução dos Principiantes*, de Hugo de São Vitor:

> Eis o ideal da tradição cristã continuada pelos Vitorinos, subvertido por Abelardo e por muito universitários do século XIII que, prenunciando a modernidade, viam como reinos radicalmente separados a vida do corpo, a vida moral, e o trabalho da razão, a lógica e o discurso (Zaratini, *In:* Hugo de São Vitor, 2021, p. 13)

Dando mais corpo a essa denúncia, já havia dito um pouco antes:

> a separação do estritamente lógico e racional, puramente "filosófico", da pedagogia que visava a formação de uma personalidade inteiriça, baseada na unidade da vida de um indivíduo, cujo objetivo era a sabedoria e a contemplação, com a qual 'tem-se um antegosto nesta vida do que será a recompensa futura (*Ibid.*, p. 7).

Essa subversão aumentou exponencialmente, principalmente, na época da Renascença, como observamos no escrito anônimo *Princípios Fundamentais da Pedagogia de Hugo de São Vitor*:

> Com o advento da educação a que se chamou de humanista, o estudo foi utilizado somente como instrumento para a formação do caráter; se as escolas religiosas ainda orientavam os alunos a respeito da vida espiritual, esta orientação era algo paralelo ou acrescentado à escola e não tinha mais relação necessária com o estudo nela desenvolvido pelos alunos (Princípios fundamentais […], 2021, p. 5).

No entanto, outro movimento paradigmático da educação aconteceu nos séculos XVIII e XIX, onde o princípio da educação humanista, que objetivava a formação do caráter, deu lugar a um novo propósito, denominado de tecnicista, como constatamos na supracitada obra:

> O espírito da educação humanista e o objetivo mais importante do sistema escolar deixou de ser a formação do caráter do aluno para se tornar a aquisição de determinadas habilidades úteis para a sociedade ou exigidas pelo mercado de trabalho. A formação do caráter foi buscada, principalmente, indiretamente através da aquisição e do exercício destas habilidades (*Ibid.*, p. 5).

Hoje, como a educação perpassa não apenas um conceito acerca de um conhecimento científico, formal e profissional, mas prioriza a própria formação do sujeito enquanto ser social que interage, que exerce a cidadania, que toma decisões e se expressa, se faz ainda mais necessário apresentar propostas pedagógicas fundamentadas neste ser integral, incluindo os aspectos religiosos.

Portanto, pensar numa pedagogia sem a perspectiva religiosa, no sentido de uma reflexão com o Transcendente e Seu *telos* para a criatura, é desprezar o valor e o impacto que essa vem efetuando ao longo de toda história cristã.

É nesta perspectiva que situamos o nosso objeto de estudo, a saber, "*O ato de ler no Didascálicon de Hugo de São Vitor: redescobrindo a leitura como uma possibilidade metodológica no ensino de filosofia na atualidade"*.

Durante trinta seis meses (01/2018 – 03/2022) estivemos participando de dois projetos de iniciação à docência, o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – e a Residência Pedagógica, ambos objetivando não apenas uma observação da prática docente, mas a própria iniciação na prática; transitando em três espaços escolares bem distintos, sendo duas escolas de referência (EREM – Escola de Referência do Ensino Médio) e um Instituto Federal (IFPE- Instituto Federal de Pernambuco, polo Recife), onde pudemos perceber uma grande dificuldade na educação básica, a partir deste pequeno recorte, a saber, a falta de leitura por parte dos estudantes.

Nessa observação, um fato nos chamou a atenção: os estudantes não levavam os livros didáticos para casa. Essa situação inusitada nos fez perceber que a leitura destes e de outros livros poderia não acontecer no dia a dia dos alunos, exceto nos momentos em que estavam na escola.

Outra experiência na educação básica aconteceu em uma escola da rede privada de ensino, que, embora o contexto seja outro, o problema permanece, ou, caso não seja um problema real, o mesmo cenário se reproduz: os estudantes continuam negligenciando a prática da leitura.

É nessa perspectiva que mais uma vez justificamos o nosso objeto de estudo na obra de Hugo de São Vitor. Pois, como disse o já mencionado escritor anônimo, acerca da pedagogia vitoriana: "a pedagogia aqui descrita transcende a época em que se realizou como fato histórico;

ela pertence, pensamos também nós, ao número daquelas coisas que não passam mais" (Anônimo. *Princípios fundamentais...*, 2021, p.16).

Segundo Hugo de São Vítor, tudo começa com a leitura. Eis a razão para o estudante não desprezar nenhuma possibilidade de ler e fazê-lo com paixão, como ele mesmo afirma:

> o estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma [...]. Não considere vil conhecimento algum, portanto, porque todo conhecimento é bom [...]. Se você não lucra, também não perde nada, sobretudo porque não há nenhum escrito, creio eu, que não proponha algo desejável, se é tratado no lugar e no modo devido, e não há nenhum escrito que não contenha algo especial não encontrado alhures, algo que o diligente escrutador da palavra não possa agarrar com tanta maior graça quanto mais é raro (Hugo de São Vitor, 2001, p. 157)

Portanto, em um contexto extremamente incentivador do visual, através da implementação das TDICs (Tecnologias digitais da informação e comunicação no contexto escolar), conforme recomendação da Base Nacional Comum Curricular na competência geral 5[1], instrumentalizado pelos equipamentos eletrônicos, faz-se necessário um contrabalanço que reafirme a importância de uma leitura teleológica, porque o ato de ler, primeiro degrau da metodologia vitoriana, requer um propósito, contribuindo na formação integral do estudante e no seu protagonismo juvenil, já que a proposta filosófico/pedagógica dele tem como finalidade a construção de uma autonomia por meio de princípios norteadores que começam com a leitura e conduzem o discente à contemplação – a perfeição do saber.

Desde o medievo a educação vem sofrendo algumas mudanças de perspectiva formativa, como vemos no escrito anônimo *Princípios Fundamentais da Pedagogia*:

> Com o advento da educação a que se chamou de humanista, o estudo passou a ser utilizado somente como instrumento para a formação do caráter; se as escolas religiosas ainda orientavam os alunos a respeito da vida espiritual, esta orientação era algo paralelo ou acrescentado à escola e não tinha mais relação necessária com o estudo nela desenvolvido pelos alunos (Anônimo. *Princípios fundamentais...*, 2021, p. 5).

Outro movimento paradigmático da educação aconteceu nos séculos XVIII e XIX, onde o princípio da educação humanista, que objetivava a formação do caráter, deu lugar a um novo propósito, denominado de tecnicista, como vemos na supracitada obra:

> O espírito da educação humanista e o objetivo mais importante do sistema escolar deixou de ser a formação do caráter do aluno para se tornar a aquisição

[1] Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018).

> de determinadas habilidades úteis para a sociedade ou exigidas pelo mercado de trabalho. A formação do caráter passou a ser buscada, de modo principal, indiretamente através da aquisição e do exercício destas habilidades (*Ibid*.).

Hoje, como a educação perpassa não apenas um conceito acerca de um conhecimento científico, formal e profissional, mas prioriza a própria formação do sujeito enquanto ser social que interage, que exerce a cidadania, que toma decisões e se expressa, se faz ainda mais necessário apresentar propostas pedagógicas que estejam fundamentadas neste ser integral.

Hugo de São Vítor, abandonando uma perspectiva filosófica centrada apenas na teoria, propondo a "verdadeira filosofia, como ele mesmo define: a verdadeira filosofia, extraída do ser mesmo 'como o mel de uma colmeia' – a virtude, a beleza dos costumes e a divina sabedoria" (*apud* Zaratini, 2021, p. 9), que, segundo ele, dá continuidade a uma tradição "que supõe um estilo de vida antes do cultivo das letras, e que serve deste com vistas ao seu ideal de vida eterna" (*Ibid.*, p. 9).

Antônio Marchionni, ao introduzir sua tradução do *Didascálicon*, diz que este foi "um dos livros medievais mais lidos nos círculos culturais do mundo" (Marchionni, *In:* Hugo de São Vitor, 2001, p. 9), no início do século XXI. Riquíssimo na descrição da cultura europeia do início do segundo milênio, ele apresenta um renascimento das escolas após os tempos de anarquia feudal. Sua relevância é tão marcante, que o famoso pedagogo Ivan Illich e escritor do Du Lisible au visible, um ensaio acerca da transformação intelectual do século XII fundamentado no Didascálicon, afirma, segundo Antônio Marchionni: "este livro de Hugo de São Vítor é considerado um divisor de águas no saber mundial, de maneira a poder-se falar de um antes e após Hugo" (*Ibid.*, p. 9).

Outro aspecto importantíssimo na instrução ao saber de Hugo que também se alinha com a finalidade da educação contemporânea – a formação do sujeito enquanto ser social que interage, que exerce a cidadania, que toma decisões e se expressa –, é o conhecimento de si mesmo, como Antônio Marchionni afirma:

> Por que esta Sapiência deve ser a primeira a ser procurada? Porque ela – explica Hugo – é a nossa origem. Conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos. Com efeito – continua o Mestre – estava escrito na trípode do templo de Apolo em Delfos o famoso ditado: 'Conhece-te a ti mesmo'. Mas, o que significa para o homem conhecer-se a si mesmo, senão conhecer a sua própria origem, o lugar divino de onde veio? (*Ibid*., p.10-11).

E o primeiro passo no conhecimento da *Sapiência*, e consequentemente o conhecimento de si mesmo, é a leitura.

Todavia, quando pensamos em leitura na atualidade, nos deparamos com o pensamento de um grande pensador, a saber, Paulo Freire, e o seu conceito de leitura de mundo, definido

como o conhecimento que antecede o ato de ler. Sendo assim, por se tratar de um pesquisador com muita expressão nas reflexões sobre uma educação humanista e emancipadora, que defende uma "metodologia" do conhecimento no processo de alfabetização dos adultos, é mister estabelecer uma comparação entre a metodologia vitoriana da leitura e a concepção freiriana, buscando destacar os encontros e desencontros entre ambos.

Além disso, para dar mais ensejo à atual desvalorização da leitura, estímulo no uso das tecnologias e seus impactos negativos na formação dos estudantes, incluímos algumas considerações do psicanalista Michel Desmurget, que vem estudando e escrevendo sobre essa temática.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Investigar a leitura no *Didascálicon* de Hugo de São Vitor como possibilidade metodológica de formação filosófica e pessoal no ensino de Filosofia no Ensino Médio.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Apresentar a perspectiva de Hugo de São Vitor sobre a leitura, no *Didascálicon*, para os alunos das turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado, na disciplina de Filosofia, do IFPE – Instituto Federal de Pernambuco, Campus Recife;
- Avaliar a aplicabilidade da metodologia vitoriana fundamentada na leitura nas turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado, na disciplina de Filosofia, do IFPE – Instituto Federal de Pernambuco –, através dos estudos cotidianos;
- Realizar uma intervenção, mediante aplicação de uma pesquisa semiestruturada, usando o *Google forms*.
- Analisar os dados coletados e a viabilidade da leitura vitoriana como possibilidade de formação filosófica e pessoal no ensino de Filosofia no Ensino Médio Integrado.

## 1.2 METODOLOGIA

Como nossa pesquisa tem uma natureza tanto teórica quanto prática, ela contará, inicialmente, com um caráter bibliográfico, onde leremos, analisando e interpretando a obra de Hugo de São Vitor, o *Didascálicon*, que aborda o ato de ler como o meio de se alcançar o conhecimento da Sapiência e de si mesmo, que, segundo Hugo, é a filosofia, já que esta é o amor a Sabedoria.

Para isso, o docente precisará incendiar os corações dos alunos com este amor pela leitura, primeiro passo da metodologia vitoriana. Nisso, segundo Maurício Bronzatto e Ricardo Camargo, encontramos um paralelo com a definição de Jean Piaget sobre a afetividade:

> Piaget reconhece que, nos processos de assimilação e acomodação, o aspecto afetivo se traduz pelo interesse do self pelos objetos de conhecimento. Esse interesse, ao lado dos julgamentos de valor que progressivamente os sujeitos vão endereçando aos objetos e pessoas, transforma-se na fonte de motivação para a ação. O papel da afetividade é funcional na inteligência, é a fonte de energia que a cognição utiliza para seu funcionamento. Originadas de raciocínios, as ações são sempre impregnadas de afetividade (Camargo; Bronzatto; 2010, p. 6).

Se as ações são impregnadas de afeto, segundo a teoria de Piaget, exposta pelos autores acima citados, é papel do professor de filosofia utilizar os vários recursos pedagógicos para que os estudantes desenvolvam afeto pelos cinco degraus que conduzem ao saber, dos quais o primeiro é a leitura. Para que essa tarefa seja realizada com êxito, será necessária, além de recursos didáticos – grupo de estudo, debates e seminários –, a mesma afetividade pela leitura por parte do docente.

Depois disso, ou concomitantemente, seguindo a trilha pedagógica vitoriana, devemos implementar os próximos passos, como assevera o pensador Vitorino: “o primeiro degrau, a leitura, dá o entendimento; o segundo, a meditação, engendra o discernimento; o terceiro, a oração, pede; o quarto, a prática, procura; o quinto, a contemplação, encontra” (Hugo de São Vitor, 2001, p. 229). Isso se dará através da exposição dessa metodologia, fundamentada na leitura como primeiro passo, em uma aula, onde poderemos discutir cada etapa desse processo, a fim refletirmos sobre a lógica e razoabilidade existentes na construção dessa caminhada rumo ao conhecimento filosófico.

Nesse percurso, outra formação é necessária, a que atenta para as qualidades morais e vitais dos estudantes referentes ao modo e forma de aprender. Sobre isso fala Wesley Rodrigues Athayde:

> Primeiro, a humildade; segundo, a ânsia de buscar o conhecimento, ou seja, a dedicação à pesquisa. Em seguida, nosso mestre apresenta as qualidades que são constantes na vida do sábio: a vida quieta ou tranquila, a consideração silenciosa ou análise minuciosa, a pobreza ou solidariedade e finalmente a terra estrangeira ou exílio (2009, p. 19).

Hugo de São Vitor também enxerga o processo de aprendizado como um programa de formação do estudante, já que este requer virtudes indispensáveis para o desenvolvimento pedagógico. Essa consideração se faz imprescindível, porque ela leva em consideração que o processo de construção do conhecimento não acontece dissociado de quem nós somos, do mundo no qual vivemos e das mais variadas circunstâncias que nos afetam diariamente. Refletir sobre a nossa condição como indivíduos, faz da metodologia de Hugo de São Vitor uma proposta à frente do seu tempo, contemplando a realidade complexa dos estudantes do Ensino Médio em nosso contexto. Essas considerações também serão feitas durante a aula.

Assim o pensador Vitorino entende que a contemplação da Sabedoria é o degrau que conduz a perfeição, inclusive moral, à medida que nos envolvermos com a leitura também avançaremos nos próximos degraus prospectando as condições indispensáveis ao conhecimento.

Esse conjunto de experiências planejadas e aplicadas acontecerão com estudantes das turmas iniciais do IFPE – Instituto Federal de Pernambuco, na disciplina de Filosofia I, durante as aulas de filosofia.

A coleta dos dados será feita através de um questionário semiestruturado, aplicado com a ferramenta *Google forms*, onde os alunos responderão questões objetivas e subjetivas, discorrendo sobre a experiência que tiveram em seus estudos antes do conhecimento da metodologia que enfatiza a leitura como instrumento de transformação intelectual e pessoal, e após a sua apresentação. Depois de coletados, os dados serão analisados e devidamente registrados, gerando uma reflexão final sobre a aplicabilidade da metodologia de Hugo de São Vitor como ferramenta transformadora no ensino de filosofia no Ensino Médio.

# 2 HUGO DE SÃO VÍTOR E O *DIDASCÁLICON*

A partir de uma extensa pesquisa sobre a biografia de Hugo de São Vítor e suas obras, especialmente o *Didascálicon*, objeto prioritário deste trabalho, seu contexto histórico e suas influências, encontramos diversas informações importantes para entendermos em que circunstâncias nasceu a perspectiva pedagógico/filosófica deste mestre medieval.

## 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO QUE PRECEDEU HUGO DE SÃO VÍTOR

De acordo com Wesley Rodrigues Athayde, para termos uma descrição mais adequada de Hugo de São Vítor precisamos iniciar falando sobre Guilherme de Champeaux, que nasceu em 1068 e faleceu em 1121 (cf. 2009, p. 22). Foi ele que, após alguns anos dedicados ao magistério na escola da catedral de Notre-Dame, criou a comunidade de cônegos que se tornou uma relevante escola, inicialmente chamada de abadia de São Vítor. Segundo o mesmo comentador, após estudar em Paris com Manegolo de Lautenbach, grande influenciador de sua espiritualidade, e com Anselmo de Laon e Roscelino, Guilherme de Champeaux, depois de um conturbado relacionamento com o filósofo Abelardo[2], encerrou sua docência na catedral de Paris para reiniciá-la na abadia de São Vítor, para onde se resguardou. Em consequência da sua chegada à abadia e da implementação dos seus pensamentos, São Vítor se consagrou como a produtora dos dois mais importantes pensadores do século XII, sendo reverenciados "pelos escolásticos do século XIII" (*Ibid.*), a saber, Hugo de São Vítor (1090 – 1141) e Ricardo de São Vítor (1110 – 1173). Graças a estes dois nomes, a escola de São Vítor foi considerada "uma das primeiras entre as que deram origem à Universidade de Paris" (*Ibid.*). Para além das questões institucionais, Hugo de São Vitor também escreveu inúmeros livros vinculados à educação que, segundo Wesley Rodrigues Athayde (cf. 2009, p. 22), continuavam sendo editados até hoje.

Retornando a Hugo de São Vítor, e usando como base os trabalhos de Wesley Rodrigues Athayde (cf. 2007 e 2009) e Sílvia Faethe (cf. 2022), possivelmente ele nasceu no ano de 1096, período da alta Idade Média[3], em Hartigham, na Saxônia – no Sacro Império Romano Germânico.

---

[2] A esse respeito, o supramencionado comentador, Wesley Rodrigues Athayde (cf. 2009, p. 22), diz que Abelardo, em *História de minhas calamidades*, fala de seu turbulento relacionamento com Guilherme e à retirada deste para a vida religiosa (cf. *In:* Abelardo, 1973, p. 250-253).

[3] Segundo Silvia Faethe, o período que se estende a Idade Média vai de 476, ano do fim do império Romano do Ocidente, e em torno aproximadamente de 1492, quando foram descobertas as Américas (cf. Faethe, 07.08.2022).

Algumas mudanças sociais e econômicas ocorreram no final do primeiro milênio, período em que o poder era dividido entre o príncipe e a Igreja, que se tornara uma forte aliada do Imperador devido à sua capacidade unificadora entre o povo e o Império. Como o milênio se aproximava do fim, e os fiéis temiam a destruição geral do mundo, a Igreja católica, através dos seus dogmas e mitos, propagou as indulgências como meio de salvação e tranquilização das almas temorosas.

Nesse tempo, conforme citação que Silvia Faethe faz de Franco Cambi, da obra *História da Pedagogia*, a composição da estrutura social seguia o modelo de pirâmide, onde os guerreiros e os clérigos estavam no topo, e os camponeses e artesãos, ou seja, o povo, ocupavam a base dela, cada grupo com seus direitos bem determinados que, em suma, colocava o povo na condição de servidão:

> A sociedade feudal é, portanto, uma sociedade fixa, com escassa mobilidade social e pouca reciprocidade; é uma sociedade de ordens, onde os homens se acham colocados com um papel social bem determinado. No vértice estão os *bellatores* (os guerreiros) e os *oratores* (os clérigos), embaixo estão os *laboratores* (camponeses, artesãos, ou seja, o povo), mas, cada ordem tem direitos precisos... são bastante impositivos e caracterizam a condição dos *laboratores* como de servidão (os 'servos da gleba' eram, de fato, os camponeses, colocados no degrau mais baixo da sociedade feudal (Cambi *apud* Faethe, 2022, p. 2).

Tal condição social caracterizou o feudalismo como uma hierarquia social e de poderes, onde o povo tinha direito à terra, cultivo e segurança, sob a prerrogativa de pagar um certo número de taxas aos senhores feudais e à Igreja.

A base dessa pirâmide é constituída pelos camponeses, também chamados de leigos. Nesse ponto, acrescenta Silvia Faethe, citando Jacques Le Goff:

> Na base dessa pirâmide social está a massa dos leigos, que somam 90% dos camponeses, uma parte deles, até o séc. XI, não é livre. Ainda existem escravos e servos, e as alforrias libertam grande parte deles (Le Goff *apud* Faethe, 2022, p. 3).

Continuando na descrição da hierarquia social e econômica do sistema feudal,

> acima deles estão os senhores, que são os proprietários, os beneficiários da terra e dos produtos econômicos, em geral. Ao lado e acima dele, uma hierarquia política dividida em governos urbanos com magistrados urbanos e governos que, pouco a pouco, a partir do séc. XI e XII, assumem um aspecto estatal e geram monarquias, das quais as principais são a inglesa, francês e castelhana (Faethe, 2022, p. 3).

Após o desmoronamento do Império carolíngio, houve um tempo de instabilidade que promoveu a edificação de castelos fortificados, também nomeados de *burgus*, pelos senhores

feudais, que forneciam proteção a seu povo através das suas muralhas, contornadas por um fosso. A principal atividade era agrícola, realizada fora dos muros, e em momentos de ameaça refugiavam-se no castelo.

Com a expansão comercial nas proximidades do castelo, a partir da segunda metade do século X, houve tanto uma crescente habitação das imediações das fortalezas, chamadas de *foris-burgus*, quanto trânsito de comerciantes. Segundo Silvia Faethe, é a partir deste movimento que surge o crescimento das cidades do medievo (cf. 2022, p. 3).

Esse crescimento também gera três novos contextos. Primeiro, a necessidade de aperfeiçoar algumas atividades profissionais que fomentou o surgimento das corporações. Segundo, o aumento da população emancipada que morava além das muralhas dos castelos deu origem às comunas. Terceiro, a Igreja assumiu a responsabilidade de instruir o povo por meio de vários tipos de escolas (monacais ou episcopais), demonstrando que esta acompanhava de perto as transformações sociais e suas demandas visando uma resposta satisfatória (cf. Faethe, 2022, p. 4).

É nesse contexto que surgem os grandes pensadores como Hugo de São Vítor, uma das expressões mais fortes neste período.

Falando sobre sua filiação, Silvia Faethe afirma que "ele descendia da estirpe dos Condes Blakenburg, era filho de Conrado, também conde de Blackenburg" (*Ibid.*, p. 4). Ainda falando da sua parentela, mesmo diante de uma escassez de informações, Silvia Faethe assevera que Hugo de São Vitor "tinha um tio chamado Reinardo o qual, em sua juventude, demonstrou vocação para a vida religiosa e inclinação para os estudos" (*Ibid.*, p. 4). Esse tio teria se mudado para Paris, desejando melhores oportunidades acadêmicas e religiosas, já que Paris era um dos mais notáveis centros do renascimento cultural da Europa. Foi nessa busca que ele conheceu Guilherme de Champeaux e construiu uma amizade sólida. Após um período de vivência em meio aos Vitorinos, Reinardo retornou à Saxônia, onde foi consagrado bispo de Halberstadt.

Desejoso em promover um avivamento na diocese, Reinardo, segundo Silvia Faethe, "convida os cônegos Regulares de São Vítor a se instalarem na Saxônia, convidando também seu sobrinho Hugo de São Vitor a estudar com eles" (*Ibid.*, p. 5). Foi exatamente neste contexto que Hugo conheceu os Vitorinos, abandonou a herança do título de conde e enveredou pelo caminho da vocação, como cita Wesley Rodrigues Athayde:

> Tivesse se tornado o Conde Blackemburg, teria se tornado ilustre pelo seu valor em algum campo de batalha, ou por sua sabedoria no governo de seu condado, mas seu nome jamais teria chegado até nós. Agora, porém, seu nome está inseparavelmente ligado às coisas que não perecerão jamais, à ciência teológica da qual ele foi um dos restauradores, aos nomes de Pedro Lombardo

> e de São Tomás de Aquino, que sempre o viram como o seu mestre (2009, p. 23).

Em face do início de uma guerra na Saxônia, Hugo, sob direcionamento do seu tio, deixa sua terra natal e retorna a Paris, aos cônegos de São Vítor e a abadia, onde, segundo Silvia Faethe, "futuramente viria a se tornar uma das maiores escolas de teologia da época e com algumas outras escolas da cidade, em pouco tempo, originariam a mais prestigiosa universidade do mundo ocidental latino" (2022, p. 7).

Os trabalhos dos cônegos em São Vítor que, para além dos atos religiosos também se estendia à cópia de manuscritos, proporcionou à abadia a edificação de uma riquíssima biblioteca, conhecida posteriormente como biblioteca de São Vítor, facilitou ainda mais o acesso de Hugo a um acervo inigualável em outros lugares.

Desta forma, ainda jovem e na companhia de seu avô, Hugo chegou a Paris, onde compusera o quadro de religiosos da abadia de São Vítor, conforme Wesley Rodrigues Athayde:

> Assim, Hugo, com a idade de dezoito anos, acompanhado de seu avô, cujo nome também era Hugo, dirigiram-se para Paris, onde se tornaram religiosos na abadia de São Vítor. Portanto, Hugo chegara jovem a Paris e a São Vítor (provavelmente em 17 de julho de 1115) (2009, p. 24).

Pouco tempo depois, Hugo já era mestre na abadia, sucedendo seu orientador Tomás e tendo como característica marcante a especulação e submissão de cada problema encontrado a minucioso exame.

Ainda segundo informações obtidas com Wesley Rodrigues (cf. 2009, p. 24), Hugo veio a falecer na abadia de São Vítor quando tinha apenas 44 anos, em fevereiro de 1141, sendo sucedido pelo seu discípulo Ricardo de São Vítor que, sob orientação de Hugo, veio a ser um teólogo respeitado. Este, em face do seu respeito e admiração a seu mestre, continua com sua obra gerando um único compêndio de ensinamentos pedagógicos e teológicos.

Uma característica marcante da escola de São Vítor era a ênfase filosófica e científica da cultura, sempre fundamenta na oração e contemplação a Deus. É por isso que também encontramos essa valorização por várias áreas do conhecimento em Hugo de São Vitor, tais como: a filosofia, a teologia, a história e as artes (artes têxteis, fabricação de armas, agricultura, arte de caça, conservação de alimentos, teatro, etc.). Dentre as obras mais destacadas temos o *De sacramentis christianae fidei, Epitome in philosophiam, Commentum in hierarchiam celestem* e *Didascálicon.* Além desses, Antônio Marchionni (cf. 1998) dá-nos notícias das seguintes obras de Hugo de São Vitor: *Sobre a hierarquia celeste do Santo Dionísio, Sobre o Eclesiastes, Da união do espírito e do corpo, Dos três dias, Da essência do Amor, Solilóquio*

*sobre o penhor da alma, Em louvor do Amor, Da arca mística de Noé, Da arca moral de Noé* e um livro de geografia *Descrição do mapa do mundo*.

Podemos considerar Hugo de São Vítor como o responsável pelo pontapé inicial no "processo educativo sistematizado na Idade Média" (Athayde, 2009, p. 25). No *De sacramentis christianae fidei,* encontramos um trabalho semelhante às sumas teológicas subsequentes, com um caráter bem dogmático, como a de São Tomás de Aquino. Já no tratado pedagógico *Didascálicon,* obra que está sob nossa análise neste trabalho, temos uma das principais obras dos séculos XII e XIII, que apresenta o educador como aquele que deve conduzir o aluno na transição "do mundo sensorial, que dá acesso ao conhecimento secular, para o mundo sobrenatural, que abre as portas à verdade divina, a única que é eterna e imutável" (Athayde, 2009, p. 25), uma influência tanto platônica quanto agostiniana – sobre isso trataremos no próximo tópico.

Essas obras pedagógicas, notadamente o *Didascálicon*, conseguem reunir quatro aspectos relevantes raramente vistos numa mesma obra e autor, de acordo com Wesley Rodrigues Athayde (cf. 2009), a saber: uma vida de manifesta santidade, inteligência notadamente brilhante, atividade docente e a direção de uma das mais importantes escolas do século XII. O resultado dessa convergência é que Hugo de São Vitor não apenas ministrava conteúdos, mas ainda apresentava aos discentes uma metodologia de aprendizagem. Com relação aos docentes, sua orientação consistia numa metodologia de ensino. E no que diz respeito à escola, ele administrava uma metodologia de organização. Notadamente sobressai na sua perspectiva pedagógica uma visão de que o todo corrobora ou compromete o aprendizado do estudante, não apenas aspectos isolados na prática do docente, ou no comportamento do discente, ou ainda na gestão escolar. E o fim desse engajamento do todo (professor, aluno e escola) é a "efetiva realização da verdade e à plenitude da vida moral" (Rodrigues, 2009, p. 26). É pertinente destacar que no meio corporativo já existe uma forte ênfase no cuidado integral do profissional, pois há o entendimento de que não apenas as habilidades técnicas são suficientes para uma boa produtividade. Os aspectos emocionais, psíquicos e espirituais também são fundamentais à produção deste. Neste sentido, Hugo de São Vítor parece estar à frente de sua época, pois sua pedagogia já contemplava a perspectiva de que a vida intelectual e espiritual, teórica e prática, agiam conjuntamente no ensino-aprendizado, seja na condição de docente, seja na condição de discente.

Contemplando essa perspectiva é que certo autor anônimo declarou que "Hugo de São Vítor organizou o estudo como um instrumento de ascese cristã a ser utilizado conjuntamente com os demais meios para o desenvolvimento da vida do espírito" (Anônimo, Notas sobre a

pedagogia de Hugo de São Vítor, 2006), porque, continua o autor, "o estudo e a ascese não são atividades independentes nem paralelas" (*Ibid.*); pelo contrário, pelo fato de Hugo de São Vitor enxergar a vida e os estudos como a busca da Sapiência, a Mente Divina, não há separação entre o desenvolvimento espiritual e a busca do conhecimento científico, ambos estão interligados como uma única coisa, de acordo com a afirmação de Wesley Rodrigues Atayhe:

> uma coisa faz parte da outra, a tal ponto que este pode ser corretamente identificado como um dos elementos que distinguem o que se pode chamar de espiritualidade vitoriana, uma determinada forma de desenvolvimento da vida cristã que inclui dentro dela a pedagogia, e que pode se desenvolver como em um lugar próprio, em uma escola (2009, p. 26).

É assim que se justifica a relevância e a atualidade do pensamento deste ilustre mestre, pois já percebia em seu tempo o papel essencial de todos os atores sociais no processo de aprendizagem, assim como a integralidade do estudante em sua formação.

## 2.2 AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS EXISTENTES NO INÍCIO DA BAIXA IDADE MÉDIA

Quando pensamos na educação e pedagogias existentes na Idade Média, e mais especificamente no século XII, precisamos recordar que mesmo ainda no início do século XXI este período é visto, ainda hoje, como obscurantista, retardado, ignorante, supersticioso, fanatista, etc. Ainda que já estejamos no ano 2024, com inúmeros avanços acadêmicos no estudo da filosofia medieval e áreas afins, como a educação, não é incomum ouvirmos comentários ou lermos obras que retratem o medievo como "idade das trevas" ou período infrutífero e retardante no tange o desenvolvimento do conhecimento e da vida humana.

Contribuindo com a reflexão acerca desse tipo preconceito medieval, Wilson Arnhold Chegas Júnior cita uma leitura da relação passado-presente exposta por Jacques Heers: "Cada sociedade inventa os seus bodes expiatórios, reflexo para justificar fracassos ou desenganos, e sobretudo para alimentar animosidades" (Herrs, *apud* Chagas Júnior, 2014, p. 11). Isto é, nem sempre o que se diz sobre um determinado momento histórico é o que aconteceu de fato, mas reflete o propósito de quem fala. Ainda nesta direção de justificar essa postura moderna/contemporânea contra o medievo, o autor ainda acrescenta: "Cumular o passado de todos os males e de todos os malefícios, revesti-lo de uma imagem sombria[4], permite-nos a nós sentirmo-nos melhor, mais felizes no nosso tempo e na nossa pele" (Chagas Júnior, 2014, p.

[4] No texto original a palavra existente é "negra" que, de acordo com o contexto de luta contra o racismo, foi por mim substituída pelo termo "sombria", sem, contudo, alterar o sentido do texto.

11), ou seja, se o nosso bem-estar atual depende do sacrifício de alguém ou de algum fato histórico, que não seja eu o sacrificado, e, sim, o outro. Então, para a conveniência da modernidade/contemporaneidade e consolidação do seu pensamento, é melhor exorcizar definitivamente a reflexão medieval e toda a sua riqueza.

Foi exatamente isso que afirmou, segundo Wilson Arnhold Chagas Júnior, o historiador da filosofia Anthony Kenny, de Oxford:

> Não há tanto tempo, em muitas universidades, os cursos de história da filosofia iam diretamente de Aristóteles para Descartes, pulando a Antiguidade Tardia e a Idade Média. Havia a crença bastante difundida nos círculos acadêmicos que a filosofia medieval não merecia ser estudada. Esta crença não era geralmente baseada em qualquer familiaridade com os textos principais: tinha mais probabilidade de ser uma herança acrítica de um preconceito religioso ou humanista (Kenny, *apud* Chegas Júnior, 2014, p. 12).

Contudo, no meio acadêmico esse preconceito está em processo de desconstrução, ao ponto que encontramos vários estudos sobre filosofia e educação a partir dos autores e obras medievais, resultando não apenas na difusão do pensamento medieval, mas, principalmente, na grande contribuição que estes proporcionam ao pensamento moderno. É nessa direção que Wilson Arnhold Júnior apresenta em seu trabalho a citação de Albert Zimmermann, ex-diretor do Thomas- Institut da Universidade de Köln:

> Por mais diferentes que fossem os ensinamentos dos pensadores medievais, todos eles tinham uma convicção fundamental em comum: a saber, que a base e o padrão das suas deliberações sobre questões éticas e políticas é o valor e a dignidade do indivíduo humano. Tal concordância não será encontrada no pensamento moderno, apesar da ênfase com que os herdeiros do Iluminismo se referem tão frequentemente à prescrição ética básica deduzida da dignidade do homem por I. Kant, ou seja, que uma pessoa não deve ser considerada e tratada meramente como um meio para um fim (Zimmermann, *apud* Chagas Júnior, 2014, p. 12).

Voltando o nosso olhar para o século XII, temos diante de nós inúmeras mudanças, e, porque não dizer, transformações essenciais na educação, desde sua organização enquanto instituição, quanto da crescente ampliação nas áreas do conhecimento.

Na perspectiva institucional, nos deparamos com o movimento sucessivo do ensino nas escolas rurais para as escolas relacionadas às catedrais na zona urbana. Ainda outra possibilidade de ensino surgiu naquele tempo, a saber, as escolas privadas originadas por mestres autônomos, aulas particulares etc., que abririam as portas das primeiras universidades, logo mais.

Já no tocante aos conteúdos, houve um desenvolvimento dos métodos dialéticos, traço marcante nas obras de Abelardo; a inclusão de conhecimentos manuais como as artes mecânicas

através da inovação pedagógica presente no *Didascálicon* de Hugo de São Vitor; e, como afirma Wilson Arnhold Chagas Júnior, "retornam a circular com vigor as obras parcialmente esquecidas de autores como Virgílio, Ovídio, Cícero, e outros clássicos da antiguidade" (2014, p. 14).

Em face das transformações supracitadas, que trouxeram uma verdadeira revolução na educação medieval, a afirmação "Renascimento do século XII"[5] tornou-se uma insígnia deste período.

O resultado desse período frutífero tornou-se mais volumoso no século seguinte, com o surgimento das universidades e as grandes elaborações teológicas da Escolástica, que Wilson Arnhold Júnior, citando um trecho da obra que expõe a cultura monástica medieval, *O Amor às Letras e o Desejo de Deus*, escrita por Jean Leclercq, afirma: "Admite-se agora que esse período exerceu um papel capital na preparação da teologia escolástica do século XIII" (Leclercq, *apud* Chagas Júnior, 2014, p. 15).

Contudo, além deste legado deixado para o século XIII, outro importante dado sobre o século XII foi o crescimento das cidades, que impulsionou a necessidade de mão-de-obra qualificada, suscitando o nascimento de escolas profissionalizantes, objetivando a capacitação em alguns ofícios práticos. Ou seja, em certa medida o aumento territorial e comercial potencializou um crescimento na educação, e no quantitativo de mestres e alunos, que buscavam nos estudos a condição necessária para o engajamento no mercado de trabalho. Hoje, quando pensamos em escolas profissionalizantes, estamos falando sobre uma pedagogia tecnicista, que, segundo Juliana Miranda, escritora do site Grupo Escolar, "é uma área de estudo criada nos Estados Unidos. Este campo adota um modelo empresarial da educação, moldando os padrões educacionais para a sociedade moderna e tecnológica" (Miranda, 2006, p. 1). Ainda falando sobre a pedagogia tecnicista, afirma a comentadora:

> o objetivo da pedagogia tecnicista é preparar profissionais para o mercado de trabalho a partir de métodos de ensino tayloristas, nos quais as atividades são divididas entre técnicos, com um planejamento racional. Na prática, a pedagogia tecnicista busca eficiência, racionalidade e produtividade [...] A escola tecnicista organiza o processo educativo para torná-lo objetivo e operacional [...]. O pesquisador Skinner é considerado um dos principais representantes da análise experimental do comportamento humano e da pedagogia tecnicista (Miranda, 2006, p. 1).

Entretanto, é relevante destacar que embora a educação estivesse respondendo às demandas territoriais, demográficas e materiais, as escolas de São Vitor, de Charles e o ensino

[5] Segundo Wilson Arnhold Chagas Júnior, esse termo foi criado por Charles Homer Haskins, em 1927, na obra *The Renaissance of the Twelth Century* (cf. 2014, p. 14).

de Pedro Abelardo, tinham como objetivo principal a formação do indivíduo, conforme assevera Wilson Arnhold Chagas Júnior:

> muitas das principais expressões pedagógicas deste século – tais como a Escola de São Vitor, a Escola de Charles, e mesmo o ensino de Pedro Abelardo – não visavam a transmitir um ofício, ou uma técnica que pudesse ser remunerada, mas tinham como objetivo a formação da alma do indivíduo, e o aprimoramento do intelecto (2014, p. 15).

Independente do propósito dominante em cada prática pedagógica vivenciada no século XII, é inquestionável a contribuição deste período à história da educação, como afirma o historiador brasileiro Ruy Afonso da Costa Nunes, na obra *História da Educação na Idade Média*:

> Quem estuda a história da Idade Média percebe com meridiana clareza que o século XII representa a confluência de toda a semeadura e de toda a fermentação dos séculos anteriores no surgimento da nova civilização medieval, que chegará ao apogeu no século XIII e no início do surto cultural do Ocidente que nunca mais se deteve, e se estendeu em linha reta, desde a recuperação da ciência antiga até às invenções e às descobertas da era atômica e espacial em que estamos a viver (Nunes, 2018a, p. 195-196).

Voltando os nossos olhos para as propostas pedagógicas vigentes no início do segundo milênio, iniciamos dizendo que o currículo das escolas monásticas e episcopais era constituído das "sete artes liberais", que até o século XII eram semelhantes àquilo que chamamos hoje de matérias ou disciplinas (currículo base). A partir do século XIII, com a descoberta dos escritos filosóficos de Aristóteles, esse conceito foi ampliado, como afirma supracitado Ruy Costa Nunes:

> Após o renascimento da filosofia no Ocidente, depois do século XII, a introdução da filosofia aristotélica no currículo e o comentário da obra de Aristóteles por Santo Tomás de Aquino durante o século XIII, os estudiosos medievais tomaram perfeita consciência do significado e do alcance da expressão artes liberais [...]. Na primeira parte da Idade Média [...] as *artes liberales* eram entendidas simplesmente no mesmo sentido com que hoje se fala de matérias do ensino ou de disciplinas curriculares (Nunes, 2018a, p. 162).

Essa postulação das artes liberais em sete também fora defendida por pensadores como Santo Isidoro de Sevilha, em 600, na obra *Origines sive Etymologiae,* por Cassiodoro na obra *Intituições Divinas e Seculares* e por Severino Boécio nos seus escritos lógicos e matemáticos. Alcuíno foi outro que escreveu sobre as "artes liberais", no século IX, dos quais, segundo Ruy Costa, apenas os referentes ao *Trivium* – gramática, retórica e dialética – chegaram até nós.

Para além desses documentos, temos um riquíssimo relato de Valfrido Estrabão, estudante do mosteiro de Reichenau, nos meados do século IX, o *Diário de um Estudante,* que

descreve o currículo e o cotidiano do estudante no mosteiro. Este material só foi descoberto no final do século XIX, e segundo Ruy Costa Nunes, traduzido e publicado em alemão por Augusto Messes na obra *História da Pedagogia*.

Nesse contexto cristão, o número s*ete* carregava em si uma profunda simbologia, já que, segundo Ruy Costa Nunes, "são sete as petições do Padre-Nosso, sete os Dons do Espírito Santo, sete os sacramentos e existem sete virtudes, sete pilares da sabedoria e sete céus" (2018a, p. 164).

Além das "setes artes liberais", continua Ruy Costa Nunes, os estudantes deveriam conhecer "as sete artes mecânicas necessárias à vida social e à utilidade dos homens: as artes da tecelagem, do ferreiro, da guerra, da navegação, da agricultura, da caça e da medicina, às quais se acrescentavam as do teatro, da dança, da luta e da condução de veículos" (2018a, p. 164). Até quando se pensava na preparação de um cavaleiro o número *sete* aparecia constituindo a educação dos jovens desde a infância como pajens e na adolescência como escudeiro: "equitação, esgrima, torneio, luta, corrida, salto e arremesso da lança ou noutro elenco: equitação, natação, tiro de flecha, luta, caça, xadrez e versificação" (2018a, p. 164).

Assim como houve esse transbordamento das artes mecânicas, que, por isso, faz parte da reflexão filosófica de Hugo de São Vitor na obra aqui estudada, uma inovação na investigação filosófica do século XII, as "artes liberais" também sobressaíram à luz do contexto, de forma que foram ampliadas, a partir deste século, com a "introdução da enciclopédia aristotélica e da ciência muçulmana no Ocidente cristão" (2018a, p.164), levando a criação de novas escolas e a ampliação do número de disciplinas nos currículos, especialmente com a proeminência da dialética e da matemática, a partir do século X.

A dialética ganha destaque com as leituras e pesquisas realizadas nas obras lógicas de Severino Boécio, como ressalta Ruy Costa Nunes:

> No fim do século X, Gerberto lhe conferiu papel de relevo no ensino na escola episcopal de Reims, Fulberto cultivou-a na escola episcopal de Chartres, enquanto o seu ensino coruscava e atraía alunos na escola monástica de Bec sob o impulso e a direção dos italianos Lanfranco e Santo Anselmo (2018a, p. 165).

Outra informação importante a ser pontuada, é que na Idade Média as "artes liberais" são disciplinas do ensino escolar com o propósito de contribuir na redenção da ignorância e no desvio do erro. Por isso, elas são bem abrangentes que, segundo Ruy Costa Nunes, incluem as

> disciplinas literárias como a gramática e retórica, filosóficas como a dialética – que foi a única representante da filosofia no ensino durante séculos – e científica como as quatro artes do quadrívio que se enriqueceram soberbamente, por ocasião do renascimento cultural do século XX (*Ibid.*).

Dessa forma, estamos diante de uma educação que contempla todos os aspectos do ser humano medieval, com o estudo das letras, das ciências e da filosofia, levemente traspassada pelo espírito sobrenatural do Evangelho.

As “sete artes liberais” foram apresentadas para os medievais por Marciano Mineu Félix Capela, um estudioso de língua latina da antiguidade tardia. Foi ele que, segundo Ruy Costa Nunes, inspirou os artistas de tal forma com sua apresentação das artes, que estes a utilizaram como fundamento para decorar as catedrais e ornamentar os manuscritos. As “sete artes liberais”, descritas pelo supramencionado Marciano Capela, de acordo com Ruy Costa Nunes, são:

> A *Gramática* é uma matrona que viver quase a vida inteira na África e se apresenta revestida de manto romano trazendo nas mãos um estojo de marfim com tinta, penas e tabuinhas, a férula para castigar os mais alunos e, ainda, um escalpelo para corrigir na língua e nos dentes os vícios da linguagem e mais uma lima dividida em oito partes por riscos doirados, símbolos das divisões do discurso. A *Dialética*, de rosto esperto e bela cabeleira, tem na mão esquerda uma serpente meio oculta pelo vestido e, na direita, uma tabuinha de cera e um anzol. A *Retórica*, a virgem mais impotente e bela, armada como um guerreiro, marcha ao som das trombetas. A *Geometria* é linda mulher cujo vestido ostenta as formas e os movimentos dos astros, bem como a sombra da terra no céu. Ela traz na mão direita um compasso (*radius*) e, na esquerda, uma esfera. A *Aritmética* apresenta-se com a cabeça resplandecente, a sua roupa traz representações dos seres da natureza e os seus dedos agitam-se como vermes inquietos. A *Astronomia* aparece num globo de fogo, coroada de estrelas, com asas doiradas e penas de cristal. Numa das mãos segura um instrumento brilhante e, na outra, um livro em que se veem os caminhos dos deuses e os cursos dos astros. Por fim, surge a *Harmonia* ou *Música* com a sonora cabeça coberta por folhas de ouro coruscante e revestida de lâminas que retiniam ao menor movimento, de modo que ela é melodiosa da cabeça aos pés (Capela, *apud* Nunes, 2018a, p. 167).

Dessa forma, concluída essa etapa de apresentação do contexto pedagógico do início da Baixa Idade Média, passaremos a discorrer sobre a proposta vitoriana fundamentada na leitura.

# 3 UMA METODOLOGIA FUNDAMENTADA NA LEITURA COMO POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO NO ENSINO DE FILOSOFIA

## 3.1 A CONCEPÇÃO VITORINA DE FILOSOFIA

Ainda na reflexão sobre o conhecimento de si através do conhecimento da Sapiência é que chegamos ao conceito do que é a filosofia, sua divisão e a sua relação com a Sapiência, segundo Hugo de São Vitor.

Sobre a primeira questão, o que é a filosofia, Antônio Marchionni, interpretando o pensamento de Hugo de são Vitor, apresenta quatro possibilidades de respostas:

Ele inicia a partir da definição etimológica, que é atribuída a Pitágoras, "na qual a filosofia é o amor (filia) da Sapiência (sofia)" (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 16). Consequentemente, a figura do filósofo não é o possuidor da Sapiência, porém aquele que, reconhecendo sua ignorância e limitação, se entrega diligentemente na busca, como o amante anela sua donzela, da *Sapiência*. E, segundo afirmações anteriores, o Mestre vitorino entende que a *Sapiência* é a mente divina, "que não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas" (*Ibid.,* p. 53). Sendo assim, a filosofia é, segundo Antônio Marchionni, "amor e zelo e em um certo sentido uma amizade para com a Sapiência" (*Ibid.*, p.16).

Ainda sobre a filosofia como amor a *Sapiência* (sofia), o próprio pensador Vitorino afirma:

> A filosofia é, portanto, o amor, a procura, e uma certa amizade para com a Sapiência, mas não aquela sabedoria que se ocupa de tecnologias e de ciências produtivas, e sim aquela *Sapiência* que, não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas. Este amor da *Sapiência* é uma iluminação do espírito inteligente por aquela pura *Sapiência*, e num certo sentido um retorno e um chamamento para si por parte daquela *Sapiência*, de modo a poder-se concluir que a procura da *Sapiência* é uma amizade com a divindade e com a sua mente pura (Hugo de São Vitor, 2001, p.53).

Sobre isso, Antônio Marchionni acrescenta:

> No ato de filosofar, a Mente divina ilumina a mente do homem, para que este de recoloque na sua dimensão divina originária. Num certo sentido, o ato humano de filosofar é um ato do homem, mas é também um ato de Deus. O homem olha para a *Sapiência* e recupera a sua semelhança com Ela, a *Sapiência* ilumina o homem e recupera a integridade divina que tinha nele, chamando-o para si. Deus ganha e o homem ganha. Por isso, a filosofia é um exercício de amizade entre a mente humana e a *Sapiência* (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p.53).

É nessa relação entre a *Sapiência* e o homem, através do ato de filosofar, que surge tanto a verdade presente nas reflexões e nos pensamentos, quanto a purificação dos atos. Sobre isso, acrescenta Antônio Marchionni: "pela filosofia, a alma do homem recupera a sua pureza e a força originária, pelas quais ficam garantidos os dois objetivos do filosofar: a verdade nos pensamentos e a ética nos atos" (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 53).

Seguindo a tradição filosófica greco-romana, que por sua vez fora adotada por Santo Agostinho, o pensador Vitorino destaca que a filosofia é responsável pela restauração da alma, se faz necessário discorrer sobre a perspectiva deste Mestre acerca da natureza dessa alma. Segundo ele, geralmente se atribuem três potências a alma na sustentação dos corpos: "Uma confere ao corpo somente a vida, para que, nascendo, cresça e, alimentando-se, continue a viver. A segunda, oferece a capacidade de discernimento mediante a percepção sensível. A terceira, é dotada da força da mente e da razão" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 53-55).

A primeira potência está presente em tudo que aquilo está enraizado na terra, ou seja, as árvores e as ervas, com a responsabilidade de "servir à criação, nutrição e crescimento dos corpos, sem nenhum discernimento da razão" (*Ibid.*, p. 55).

A segunda potência, além de possuir a característica da primeira, o poder da criação, nutrição e crescimento, também é encarregada pela variedade de discernimentos acerca do que se pode perceber e está presente em todos os animais. Estes são equipados com sentidos que promovem uma certa memória das sensações e objetos da experiência, ainda que não sejam capazes construir pensamentos, lembrança plena e reconstituição do que foi esquecido, como o Mestre Vitorino afirma:

> Os seres dotados de sentidos não captam somente aquelas formas que são percebidas na presença de um corpo sensível, mas, depois que termina a sensação e os objetos desaparecem, conservam as imagens das formas conhecidas na sensação, desenvolvem a memória delas e, segundo as capacidades de cada animal, mantêm-na por um tempo mais longo ou mais breve. Todavia, eles percebem estas imaginações de modo confuso e não evidente, e consequentemente não conseguem fazer nada através da conjunção e composição de tais imaginações, nem lembram de tudo, nem conseguem retomar e chamar de volta aquilo que foi esquecido (Hugo de São Vitor, 2001, p. 55).

A terceira potência, além das duas primeiras - nutricional e sensorial -, presente exclusivamente no gênero humano, é a razão. Esta é a parte mais importante no processo pedagógico e filosófico de Hugo de São Vitor, pois, como ele afirma, "se ocupa com a dedução a partir das coisas presentes, com o conhecimento das coisas ausentes, ou com a investigação das coisas desconhecidas" (*Ibid*., p. 55). Essa faculdade não apenas armazena memórias através das experiências, mas também é capaz de explicá-las. "Ela capta não somente sensações e

imaginações de forma perfeita e fundamentada, mas também as explica e confirma com pleno ato de inteligência aquilo que a imaginação sugeriu" (*Ibid.*, p.55). Este tipo de natureza, não só armazena e explica memórias construídas empiricamente, mas é capaz de nomear coisas ausentes e elucidá-las. Outrossim, a razão tem a capacidade de investigar as coisas desconhecidas mediante as conhecidas, segundo o próprio mestre Vitorino:

> Para esta natureza divina, não é suficiente apenas conhecer as coisas sujeitas aos sentidos, mas também, concebida uma representação mental a partir das coisas sensíveis, ela pode dar o nome às coisas ausentes e explicar com aposições de vocábulos aquilo que ela compreende com a razão da inteligência. É próprio da natureza dela investigar as coisas desconhecidas a partir das conhecidas, e isto exige conhecer de qualquer coisa não somente o é, mas também o que é, como é, e porque é (Hugo de São Vitor, 2001, p. 57).

Esta força característica da alma humana é exercida em quatro funções que apontam para o ato de filosofar: primeiro, aquela admiração própria da filosofia, já presente em Aristóteles: "os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores [...]" (Aristóteles, 2002, p. 11), que leva o estudante a querer conhecer a razão de todas as coisas, quais sejam:

> Ou pesquisa se uma coisa existe ou, se a sua existência foi constatada, pergunta o que ela é. E, se pela razão já possui o conhecimento destas duas coisas, investigada o que cada coisa é, e nisso inquire também os vários influxos dos acidentes. Conhecido tudo isso, ela pergunta por que a coisa é assim, e imediatamente investiga isto com a razão (Hugo de São Vitor, 2001, p. 57).

Nesse sentido, a força da alma, a razão, se esmera em alcançar aqueles objetivos já mencionados na primeira definição vitoriana sobre a filosofia, a saber, a verdade nos pensamentos e a ética nos atos, através da aplicação plena das suas capacidades, visando, conforme Hugo, "conhecer as naturezas das coisas mediante o método da indagação [...] conhecer aquilo que depois a seriedade moral deve realizar" (*Ibid.*, p. 57).

A segunda definição apresentada conceitua a filosofia como a "disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas" (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 16). É uma perspectiva bem metafísica encontrada nos círculos filosóficos romanos, bizantinos, agostinianos e latinos, fazendo da filosofia o amor e a procura da *Sapiência*, que é o princípio fundamental de todas as coisas, como assevera o próprio Hugo: "a filosofia é o amor e a procura da *Sapiência*, não daquela que é exercida na tecnologia, como é a arquitetura, a agricultura e coisas parecidas, mas daquela *Sapiência* que é a única razão

primordial das coisas" (Hugo de São Vitor, 2001, p.59). Portanto, a filosofia seria o caminho para se encontrar o Divino. Esse pensamento expande a filosofia aos trabalhos práticos, uma inovação implementada por Hugo de São Vitor, pois onde houver uma execução há também uma reflexão. E isto, segundo o mestre Vitorino, pertence ao campo da filosofia: "Você já pode ver por qual motivo somos obrigados a alargar a filosofia para todos os atos dos homens, de modo que já é necessário haver tantas partes da filosofia, quantas são as diversidades das coisas, às quais, como ficou claro, ela se refere" (*Ibid.*, p. 59-61).

A terceira definição atrai nossa atenção para o pensamento grego quando afirma que "a filosofia é arte das artes e a disciplina das disciplinas" (*Ibid.*, p. 16). Neste caso, segundo o próprio Hugo declara, "esta diferença entre arte e disciplina foi estabelecida por Platão e Aristóteles" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 85). Como Platão divide a realidade em dois mundos distintos: o inteligível e o sensível, onde, no primeiro, estão as ideias essenciais e originárias de todas as coisas que existem, já, no segundo, encontramos apenas as cópias ou formas sensíveis das coisas do mundo ideal. Dessa forma, para Platão, a arte acaba distanciando mais as pessoas do ideal, pois, sendo cópias produzidas no mundo sensível, são cópias das cópias, gerando mais afastamento e dessemelhança da realidade do que aproximando o ser da sua essência. É assim que Platão invalida o conhecimento alcançado pela arte, voltando-se à filosofia, contemplação racional em busca das verdades ideais na alma outrora conhecedora de todas as coisas no mundo das Ideias[6]. Quando nos voltamos para Aristóteles, percebemos que ele não faz uma divisão da realidade entre o mundo sensível e o inteligível. Para ele, a realidade é única e acessível aos sentidos. Assim, ao tratar da arte no livro *Metafísica*, Aristóteles considera que a capacidade de ensinar é uma evidência de conhecimento. Por isso, ele afirma: "Consideramos a arte superior à experiência, porque [os homens de arte] são capazes de ensinar, enquanto os outros não" (Aristóteles, *Metafísica*, I, 2, 1973, p. 212). Mas, segundo Aristóteles, as artes se multiplicaram gerando uma subdivisão: as artes que visam as necessidades, as artes que visam a satisfação e outras que são produzidas no ócio[7]. Já a filosofia, lida com as causas primeiras, uma ciência teórica que possibilita ao filósofo conhecer todas as coisas, mesmo que não tenha a ciência de

[6] Teria da reminiscência, que segundo Platão, "o ser humano é formado de uma parte mortal, a saber, o corpo; e uma parte imortal, a saber: a alma; antes de habitarmos este mundo, nossa alma habitava o mundo das ideias. Lá ela possuía todo o conhecimento possível, não era ignorante a respeito de nada. No entanto, quando nossa alma se junta ao corpo, ela acaba se esquecendo de tudo aquilo que ela sabia lá no mundo das ideias. Assim, o conhecimento para Platão é reminiscência (ou seja, lembrança) daquilo que nossa alma já viu quando habitava o mundo inteligível. Conhecer é, portanto, nada mais do que lembrar, trazer de volta à memória aquilo que já vimos em outro mundo" (Platão: reminiscência e conhecimento em filosofia. Disponível em: https://descomplica.com.br/d/vs/aula/platao-reminiscencia-e-conhecimento/. Acesso em 29/08/2022)

[7] Viver no ócio significa estar aliviado de trabalho manual e de cuidados materiais e, portanto, usufruir condições que permitam o exercício da atividade intelectual, ou teorética, sem a preocupação de obter o que é essencial à vida de cada dia (cf. Aristóteles, *Metafísica*, I, 2, 1973, p. 212).

cada uma particularmente. A filosofia não busca apenas o conhecimento das causas, mas a maior exatidão deste conhecimento. É por isso que, para Aristóteles, a filosofia é a disciplina das disciplinas, como ele afirma:

> E, das ciências, a que escolhemos por ela própria, e tendo em vista o saber, é mais filosofia do que a que escolhemos em virtude dos resultados; e uma [ciência] mais elevada é mais filosofia do que uma subordinada, pois não convém que o filósofo receba leis, mas que as dê, e que não obedeça ele a outro, mas a ele quem é menos sábio (Aristóteles, *Metafísica*, I, 2, 1973, p. 213)

A quarta definição apontada por Antônio Marchionni trabalha com a reflexão sobre a morte, pensamento presente no estoicismo que a enxerga como o grau mais elevado de liberdade. Segundo Hugo, essa perspectiva é predominante do Cristianismo, já que os cristãos devem viver abnegadamente na terra, ou seja, desprovidos de anseios materiais e terrenos, sempre atentos e desejosos dos prazeres vindouros e da cidade celestial, como ele mesmo diz: "a filosofia é a meditação da morte, coisa que convém sobretudo, aos cristãos, os quais desprezada a ambição terrena, vivem num estilo de vida disciplinado, à semelhança da pátria futura" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 85).

### 3.1.1 A divisão da filosofia segundo Hugo de São Vitor

Passando para a divisão da filosofia, segundo Antônio Marchionni, o pensador Vitorino apresenta duas perspectivas que estavam presentes no seu horizonte de reflexão na Idade Média: "a) a tradição platônico-estóico-agostiniano-isidorense, que divide a filosofia em física, ética e lógica; b) a tradição aristotélico-alexandrino-boeciana, que divide a filosofia em teórica, prática e poiética" (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 16). Aproximadamente durante três séculos não houve nenhum desenvolvimento nas "Introduções à Filosofia". É exatamente nesse hiato na construção do pensamento filosófico, que o século XII emerge, depois da repercussão dos "textos greco-árabes e dos primeiros textos científicos de Aristóteles", com Hugo de São Vitor e o *Didascálicon*, propondo uma nova disposição ao aprendizado.

O grande diferencial dessa introdução ao saber por parte de Hugo de São Vitor é a inclusão das ciências mecânicas, manuais, na reflexão filosófica que, diferenciada das anteriores, é dividida em quatro partes: teórica, prática, mecânica, lógica. Antônio Marchionni, em sua Introdução ao *Didascálicon*, apresenta a seguinte divisão da filosofia proposta pelo mestre Vitorino:

> A teórica se divide em teologia, matemática e física; a matemática compreende aritmética, geometria, astronomia e música. A prática se divide em solitária (ética, moral), privada (econômica, dispensativa), pública (política, civil). A mecânica engloba 7 ciências: manufatura da lã, armadura, navegação, agricultura, caça, medicina, lazer. A lógica se divide em gramática (arte de escrever) e ratio disserendi (arte de argumentar); a arte de argumentar se divide em demonstrativa, provável e sofística; a provável se divide em dialética e retórica (Marchionni, *In:* Hugo de São Vitor, 2001, p. 17).

A inserção da mecânica na reflexão filosófica também chama a atenção para uma concepção aristotélica de que a filosofia deve abranger a diversidade dos seres.

Porém, o destaque dessa inserção não se restringe apenas ao acréscimo de mais uma área no conhecimento filosófico, a saber, a mecânica (o trabalho humano); mas ao fato de que a base indispensável na construção do aluno para o conhecimento da *Sapiência* acontece a partir das ciências práticas - mecânica e lógica. O caminho que conduz os estudantes à *Sapiência*, depois da preparação estabelecida, é a investigação do quadrívio – constituído pela aritmética, geometria, astronomia e música – em conjunto com a teologia e física.

Diante dessa diversidade conceitual defendida pelo mestre Vitorino acerca da filosofia, percebemos duas coisas: primeiro, uma nítida conciliação entre as coisas da matéria e as do espírito, revelando que ele vê o homem como um ser integral, ou seja, que há uma interação entre as realizações do espírito e as realizações práticas. Sobre isso, afirma Terezinha Oliveira, no artigo *Didascálicon, Da arte de ler: a leitura como instrumento educativo no século XII Medievo*:

> Nessas diferentes definições que o mestre aponta para a Filosofia verificamos sempre a junção das coisas materiais com as questões espirituais. Nitidamente o mestre Vitorino não vê no homem e na sua capacidade de produzir conhecimento uma separação radical entre as atividades do espírito e as atividades práticas. Ao contrário, ambas são importantes e fazem parte da vida (Oliveira, 2024, p. 06).

Em segundo lugar, Hugo de São Vitor traça uma distinção entre teologia e filosofia ao considerar que a filosofia se debruça no estudo das coisas razoáveis, aquelas que justificam as atividades humanas. Atividades estas desenvolvidas pelo mestre Vitorino nos três primeiros livros do *Didascálicon* dedicados ao conhecimento das coisas do homem pela leitura dos escritos literários. Conquanto a teologia se dedica a investigar o conhecimento das coisas de Deus pela leitura da Sagrada Escritura, conteúdo exposto por ele nos últimos três livros dessa obra.

Sobre essa disposição do *Disdacálicon*, Sílvia Faethe faz o seguinte comentário:

> nos primeiros capítulos (I, II, III) define alguns princípios do estudo, as disciplinas e cita autores das artes, aconselha princípios básicos de como

> estudar e apresenta algumas atitudes necessárias para o estudo que são: o discernimento, meditação, memória, disciplina, humildade, silêncio, despojamento e exílio.
>
> … nos capítulos posteriores (IV, V, VI), já no estudo das Escrituras, é que ele mostra para nós profundamente um espírito de caráter investigativo apresentando a ordem, ressaltando com sabedoria a importância de saber as origens das obras, como também quem as traduziu. Aconselhar a usar a tradução mais fiel ao sentido das palavras. Dá importância também ao período histórico-social em que foi escrita, quem escreveu a obra, qual o assunto tratado pela obra [...] eleger sabiamente quais serão lidas e em que ordem (Faethe, 2010).

Todo empenho e dedicação de Hugo na recomendação dos estudos das Escrituras e seu método é justificado na concepção de que a Sapiência Criadora "é mente viva e única razão primordial das coisas" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 53). Acrescentando a essa definição, diz Antônio Marchionni na Introdução a sua tradução da obra *Didascálicon* de Hugo de são Vitor:

> A Sapiência é forma do bem perfeito. Ela é, antes de tudo, a forma do próprio Deus, que é bom e perfeito. Em segundo lugar é forma do mundo. O mundo e o homem estiveram dentro daquela forma e foram moldados por ela antes de serem criados [...] Como forma causal que cria o mundo, esta forma transfere a sua bondade perfeita para todo o universo (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 11).

Essa divisão do *Didascálicon* só reforça a concepção vitoriana de uma formação integral do estudante, que contempla todos os aspectos da vida humana, inclusive os espirituais, já que o homem, segundo o Cristianismo, é uma criação divina.

### 3.1.2 As influências filosóficas de Hugo de São Vitor e o conhecimento da Sapiência

Essa Sapiência que é mente viva e única razão primordial das coisas é, segundo João Paulo dos santos Neto, "a Segunda Pessoa da Trindade, a Mente de Deus" (2019, p.67).

Tal associação não é coisa do medievo, mas remonta ao primeiro século da era cristã, tendo sua origem especialmente no Evangelho de João, e que, conforme João Paulo dos Santos Neto, Agostinho, no período da Patrística, contribuiu para o pensamento a construção do pensamento de Hugo de São Vitor mediante sua concepção de Cristo-Sabedoria e do Cristo encarnado para salvação das pessoas e restauração destas à semelhança divina:

> [...] Hugo de São Vitor deve a Santo Agostinho por sua compreensão da noção Cristo-Sabedoria. Santo Agostinho escrevera em comentário ao Evangelho de João que a Sabedoria 'apresentou-se em pessoa para curá-lo [o homem] [grifo nosso]', que a Sapiência, o Verbo e Filho de Deus, 'se fez carne' para que as pessoas fossem curadas através da glória de Deus em Cristo. Também Hugo

> considerava a busca da Sabedoria como um meio de restaurar a semelhança divina no homem, e, da mesma forma, a tomava como Cristo: 'O livro que tem o nome Sabedoria de Salomão se chama simplesmente Sabedoria, 'porque nele em maneira clara é expresso o advento de Cristo, que é a Sapiência do Pai', e que 'Cristo é a vida eterna, Cristo é também sabedoria, e sabedoria é tesouro' (2019, p.67).

Encontramos importância nessa influência agostiniana no pensamento do mestre Vitorino porque ele acreditava que tudo que foi criado subsistiu na Mente de Deus antes de sua criação e permanece integrado a ela por sua semelhança com o Criador.

A raiz da concepção vitoriana de Cristo-Sabedoria na Mente de Deus vem da junção dos textos platônicos do *Timeu* e de Calcídio, e os de Agostinho e Boécio. Cada um desses mestres contribuiu na construção do pensamento Vitorino acerca da Sapiência, conforme destaca João Paulo dos Santos Neto:

> De Santo Agostinho, Hugo herdou a ideia de que a essência do mundo e as coisas concretas que nele existem são consubstanciais; de Boécio, a divisão da ordem das matérias em coisas intelectíveis (*intellectibilia*) e inteligíveis (*intelligibilia*), e a cristianização do demiurgo platônico; de Calcídio, parte da teoria teológica e cosmogônica de Platão – importante *auctoritas* para os homens de saber na Idade Média (*Ibid.*, p.68).

No tocante à influência do *Timeu*, diálogo platônico, somos informados que o artífice, fitando a si mesmo que é o eterno, modelou todo o universo ordenado a partir de um único referencial, ele próprio, de forma que todos os seres são provenientes desta mesma substância:

> Ao construir o universo ordenado, a que ser vivo o construtor fez-se assemelhar? Não podemos nos dignar a aceitar qualquer um desses que apresenta o caráter natural de uma parte, pois nada que se assemelhe ao incompleto poderia jamais tornar-se belo. Ao contrário, devemos afirmar que o universo ordenado se assemelha mais estritamente do que qualquer outra coisa àquele ser vivo do qual são as partes, tanto individualmente quanto universalmente, todos os demais seres vivos. Pois tal ser vivo abrange e contém dentro de si a totalidade dos seres vivos inteligíveis, tal como este universo contém a nós e todos os demais seres vivos visíveis que foram criados. Na medida em que o deus quis construir o universo o mais estreitamente semelhante ao mais belo dos seres inteligíveis, completo em todos os aspectos, o construiu como um ser vivo, único e visível, encerrando dentro de si todos os seres vivos naturalmente aparentados a ele próprio (Platão, 2010, p.181).

Foi baseado nessa concepção platônica, segundo João Paulo dos Santos Neto, que Hugo de São Vitor, mediado pela definição boeciana de que o demiurgo (*opifex*) é o Deus cristão, teve um curto passo para afirmar "que o universo está inserido na Mente de Deus" (NETO, 2019, p. 68). Mas, essa pré-existência de tudo o que foi criado na Mente de Deus não é explicitamente defendida no *Disdacálicon*, porque o mestre Vitorino não declara sua autoria a Platão, antes, ele cristianiza esse conceito platônico. Tal procedimento acontece logo no início

da obra, no Primeiro Livro, quando ele utiliza o *Timeu* para explicar o "escrito na trípode de Apolo: *gnoti seauton*, ou seja, 'conhece-te a ti mesmo'" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 47); defendendo que há uma concordância entre o pensamento platônico da formação do universo e a sua tese da composição e da potência presentes na alma humana:

> De fato, o homem que não esqueceu a sua origem sabe que é nada tudo aquilo que é sujeito à mutabilidade.
>
> Uma convicção aceita entre os filósofos afirma que a alma é formada de todas as partes da natureza. E o *Timeu* de Platão diz que a *enteléquia* é formada de uma substância divisível, indivisível e uma mistura das duas, e de uma natureza idêntica e diversa e uma mistura das duas. E a tudo isso ele deu o nome de universo.
>
> A alma, com efeito, conhece os elementos e as coisas que derivam dos elementos, pois pela inteligência compreende as causas invisíveis das coisas, e pelas impressões dos sentidos recolhe as formas visíveis das coisas corpóreas (Hugo de São Vitor, 2001, 47-49).

Todavia, a cristianização desse conceito acontece quando o pensador Vitorino substitui a natureza e potência do demiurgo, o artífice que utiliza os componentes dispostos no caos, conforme o próprio filósofo afirma:

> sendo desprovido de malevolência, ele desejou que tudo fosse o mais semelhante possível a ele [...] Na medida em que o deus quis construir o universo o mais estreitamente semelhante ao mais belo dos seres inteligíveis, completo em todos os aspectos, o construiu como um ser vivo, único e visível, encerrando dentro de si todos os seres vivos naturalmente aparentados a ele próprio (Platão, 2010, p. 179, 181).

Pelo Deus cristão, o Onipotente, que cria, segundo o mestre Virotino, *ex nihilo*, sendo Ele mesmo o princípio originário de todas as coisas, criando o que veio a existir daquilo que não existia, sendo ele o Pai de tudo que há, por decisão de sua própria vontade, conforme palavras de Hugo, na obra *De Sacramentis*, mediante João Paulo dos Santos Neto:

> 'No início, Deus criou o céu e a terra'. (Genesis 1, 1). O que se criou foi feito do nada. Pois o que é feito a partir de algo, de fato é feito, mas não criado, porque não é feito a partir do nada. No entanto, Deus fez o céu e a terra; Ele não apenas os fez, mas também os criou, isto é, os fez do nada. Os filósofos dos pagãos assumiram, por assim dizer, três princípios de coisas que não possuem início: um artesão, a matéria e a forma. Os quais argumentavam que todas essas coisas que foram feitas, receberam, na matéria, sua forma por um artesão. Mas [esses filósofos] tratavam Deus apenas como um fabricante, e não como criador. Contudo, a fé verdadeira, declara que há apenas um primeiro princípio, o qual sempre o foi, e que este [ser] solitário foi aquele que fez aquilo que não existia passar a existir. E, à virtude de sua onipotência inefável – pois nada poderia ser coeterno a ele ou auxiliá-lo na produção –, repousa em si mesmo [a potência criadora] conquanto ele assim desejar. Então, aquilo que ele desejou, e quando e na medida em que ele desejar, poderá ser criado a partir do nada. Portanto, Deus não apenas fez todas as

> coisas que foram feitas da matéria, mas Ele mesmo criou a matéria e todas as coisas a partir do nada (Hugo de São Vitor, *apud* Santos Neto, 2019, p. 70).

Como a Sapiência é também a razão primordial de todas as coisas, a alma humana, a substância intelectível, que dela deriva, contém virtualmente dentro de si a semelhança com todas as coisas e com a Mente de Deus, que é a substância intelectível primordial. É isso que assevera João Paulo dos Santos Neto, conforme citação de Hugo de São Vitor: "E assim se diz que a mente, cunhada com a semelhança de todas as coisas, é num certo sentido todas as coisas e é composta de todas as coisas, não em sentido efetivo, mas virtual e potencial" (Hugo de São Vitor, *apud* Santos Neto, 2019, p. 70).

Além da mente humana conter virtualmente todas as coisas por ser a substância intelectível que vem da substância intelectível primordial, a Mente divina, o mesmo autor propõe um silogismo para acrescentar que, segundo Hugo de São Vitor, todo movimento cognitivo humano é também, em certo sentido, um movimento cognitivo da Mente de Deus:

> se tudo o que veio à existência sob a ordem de Deus é partícipe de Sua Mente (pois existente como arquétipo na Sabedoria divina), e todos os homens devem a Deus a sua causa originária, então, todo movimento cognitivo humano é, de certa forma, um movimento cognitivo dentro da Mente de Deus, pois todas as coisas estão virtualmente contidas em Deus e a alma humana nada mais é do que parte da substância intelectível primordial (Santos Neto, 2019, p. 70).

> Assim, aquilo que existe na realidade é imagem daquilo que está na mente do homem, e aquilo que está na mente do homem é a imagem daquilo que está na mente divina. A criatura racional foi feita segundo a mente divina. A criatura visível foi feita segundo a mente do homem. Portanto, todo movimento e retorno da criatura racional devem ser direcionados para a mente divina, como todo movimento e retorno da criatura visível devem direcionar-se para a criatura racional (Hugo de são Vitor, *apud* Santos Neto, 2019, p. 71).

Sendo assim, acompanhando o pensamento de João Paulo dos Santos Neto, conduzido pela argumentação do mestre Vitorino, asseveramos que a consciência humana é singular em Deus e que toda produção intelectual introspectiva do homem é uma procura por resposta na Sapiência divina, ou seja, como citamos anteriormente, o "conhece-te a ti mesmo" escrito na trípode de Apolo é, para mestre Vitorino, o reconhecer-se no conhecimento do seu criador, a Sapiência divina.

Ora, se a Sapiência é a fonte de tudo, todo conhecimento só será legítimo, ou cumprirá seu objetivo formativo, pedagógico, se conduzir o homem ao conhecimento de si mesmo no conhecimento da Sapiência, como asseverou o supracitado comentador:

> Por que esta Sapiência deve ser a primeira a ser procurada? Porque ela – explica Hugo – é a nossa origem. Conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos [...] estava escrito na trípode do templo de Apolo em Delfos o famoso ditado:

> ‘Conhece-te a ti mesmo’. Mas, o que significa para o homem conhecer-se a si mesmo, senão conhecer a sua própria origem, o lugar divino de onde veio? (Hugo de são Vitor, *apud* Santos Neto, 2019, p. 10-11).

Esse caminho de conhecer a Sapiência para conhecer a si mesmo acontece, primeiramente, através da leitura, conforme acentua o mesmo comentador: “Hugo responde que tudo começa com o ato de ler, seguido pelo ato de refletir e enfim pelo ato de contemplar” (*Ibid.,* p. 11).

## 3.2 A METODOLOGIA DE HUGO DE SÃO VITOR FUNDAMENTADA NA LEITURA

Após abordarmos as influências filosóficas no pensamento de Hugo de São Vitor, passaremos a discorrer sobre um tema central na concepção vitoriana acerca da busca pelo conhecimento, a saber, a metodologia e aplicação.

É nesse contexto que encontramos a grandiosidade do *Didascálicon*, que pode ser declarado como uma obra filosófica, mística, ética, antropológica ou pedagógica, a depender do olhar daquele que o investiga. Nele encontramos a junção, como afirma Antônio Marchionni, “o ascetismo da Igreja primitiva, combinado com o serviço ao próximo e com as novas exigências da cidade medieval” (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 28). Essa característica unificadora ressalta a metodologia vitoriana que consiste em uma relação de retroalimentação entre o pensar e o agir. Por isso, o mestre Vitorino divide sua referida obra em duas partes, cada uma com três livros, sendo os primeiros “dedicados ao conhecimento ao conhecimento das coisas do homem pela leitura dos escritos literários e três dedicados ao conhecimento das coisas de Deus pela da Sagrada Escritura” (*Ibid.,* p. 28). Notem que todo conhecimento, seja filosófico ou espiritual, é alcançado através da leitura, primeiro degrau da metodologia vitoriana que é constituída dos seguintes passos: “o primeiro degrau, a leitura, dá o entendimento; o segundo, a meditação, engendra o discernimento; o terceiro, a oração, pede; o quarto, a prática, procura; o quinto, a contemplação, encontra” (Hugo de São Vitor, 2001, p. 229). Este último também pode ser denominado como resultado dos quatro primeiros.

A leitura, como primeiro passo, ainda que bem regulamentada por Hugo de São Vitor, é dos principiantes. A perfeição está na contemplação. Os passos que compõem a parte central do processo, quando acessados de forma crescente, estabelecem o aperfeiçoamento do estudante. Sobre isso o mestre Vitorino dá um exemplo: “O primeiro degrau, a leitura, dá o entendimento; o segundo, a meditação, engendra o discernimento; o terceiro, a oração, pede; o quarto, a prática, procura; o quinto, a contemplação, encontra” (*Ibid.,* p. 229).

Logo, se o discente alcançou o entendimento mediante a leitura, já tem a noção do que deve ser realizado, mas não tem o bastante, ainda não foi aperfeiçoado, conforme afirma o mestre Vitorino: "você lê e tem o entendimento e já sabe o que deve ser feito, isto é o começo do bem, mas ainda não lhe basta, ainda não é perfeito" (*Ibid.*, p. 229). Deve, então, continuar subindo até encontrar o discernimento, para meditar sobre como realizar as obrigações que aprendeu. Sobre isso afirma: "Suba, portanto, para a fortaleza do discernimento, e medite como conseguir cumprir as obrigações que aprendeu" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 229). A razão de tal recomendação vitoriana, é porque não são poucos os que conhecem teoricamente as coisas, mas não sabem como colocá-las em prática da maneira adequada.

No entanto, continua mestre Vitorino em defesa da sua metodologia, como há fragilidades e fraquezas no homem, o juízo humano é ineficaz, gerando a necessidade que este encontre amparo em Deus, mediante a oração, na qual clamará por ajuda divina e, sem a qual, seus atos serão desprovidos de bondade, demonstrando que a graça é indispensável como luz para iluminar o seu caminho e direcionar os seus passos na concretização daquilo que se encontra no campo da vontade, como ele mesmo declara:

> o discernimento do homem é fraco e ineficaz sem o auxílio divino, levante-se para a oração e peça a ajuda de Deus, sem a qual você não pode fazer bem algum, de modo que a graça dele, a qual, indo à frente, o iluminou, seguindo-o, dirija os seus pés no caminho da paz e leve ao efeito da boa obra aquilo que ainda está somente na vontade (Hugo de São Vitor, 2001, p. 229).

Todavia, depois de receber a graça de Deus através da oração, faz-se necessário solidificá-la com a prática, porque Deus não realiza a obrigação do aluno em seu lugar, mas o acompanha dando-lhe o suprimento essencial para que este ascenda ao conhecimento que o leva à vida, observação presente nas palavras do mestre:

> Ainda lhe resta cimentar-se na boa obra, para que, operando, mereça receber aquilo que, rezando, pede. Deus quer operar com você. Você não é obrigado, mas ajudado. Se você opera sozinho, nada consegue-se, se Deus opera sozinho, você nada merece. Portanto, opere Deus para que você possa, e opere você também, para que mereça algo. A boa obra é via pela qual vai-se à vida (*Ibid.*, p. 229).

Fica claro que, para o pensador Vitorino, o discente que busca o conhecimento, a *Sapiência*, e a contempla através desse processo, busca a vida, no sentido de plenitude, ou autorrealização, porque assim fazendo, esta o alcança, pois, segundo o mestre, "a prática procura, a contemplação encontra" (*Ibid.*, p. 231). Isto é, a contemplação da *Sapiência* é uma coroação da labuta do discente que vem a ele(a) na vivência dos quatro degraus.

No entanto, muitas coisas podem acontecer na vida de um estudante, inviabilizando a permanência dele em um determinado degrau do processo, induzindo-o a retornar aos degraus já vencidos, como exemplifica:

> Aquele que na prática é avançado, reza, para que não canse; aquele que persiste nas orações e não quer equivocar-se no rezar, medita sobre o que deve rezar; e aquele que vez e outra não confia no seu próprio discernimento, volta a consultar a leitura. E assim acontece que, mesmo tendo sempre a vontade de subir, às vezes a necessidade nos obriga a descer, de maneira tal, porém, que o nosso objetivo seja determinado pela vontade e não por esta necessidade (Hugo de São Vitor, 2001, p. 231).

Essa instabilidade pode produzir desânimo e um sentimento de fracasso no coração dos discentes, motivo pelo qual Hugo os adverte a sempre terem em si o desejo de continuar prosperando rumo à contemplação da Sabedoria, o objetivo dos estudos, independente das necessidades que nos forçam a descer no decorrer do percurso: "o nosso objetivo é subir, e por causa deste objetivo às vezes devemos descer. Em todo caso, o mais importante não é descermos, mas subirmos" (*Ibid.*, p. 231).

### 3.2.1 A leitura como primeiro degrau para o conhecimento

Para Hugo de São Vitor, segundo destaca Antônio Marchionni, o ato de ler é ócio (*otium*). O significado do *otium* em latim é: "a) inação, repouso, tempo livre (em oposição a negócio – negação do *otium* – trabalho, pressa), b) dedicação aos estudos e à expressão da consciência humana (*scribendi otium*, disponibilidade para escrever, diz Cícero em Ofícios 2, 4)" (Marchionni, *In:* Hugo de São Vitor, 2001, p. 33). Neste sentido, o ócio é um tempo livre onde o estudante se dedica à leitura em busca do conhecimento que conduz à Sapiência e ao autoconhecimento. Mas, o ócio não diz respeito apenas a leitura, ele abrange todo o processo de saber, ou seja, começa com a leitura, passa pela meditação e termina na contemplação. Assim, segundo o mestre Vitorino, o ócio é quietude, como ele mesmo assevera: "A quietude da vida, seja interior, para que a mente não se perca em desejos ilícitos, seja exterior, para que o ócio e a comodidade permitam estudos honestos e úteis, ambas pertencem à disciplina moral" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 165). Todavia, o êxito na busca pelo saber não depende somente do ócio e da leitura, também é necessário o método adequado para se alcançar o objetivo. Sobre isso, o mestre Vitorino declara que independente do trabalho realizado, dois fatores são indispensáveis: a aplicação e o método da aplicação. E ambos os itens são indissociáveis, porque, por um lado, se desejarmos realizar algum trabalho sem o método, desferiremos golpes sem direção alguma, desperdiçando energia aleatoriamente. Por outro lado, se edificarmos sem

aplicação, nos faltará vigor e foco suficiente para levar a êxito o nosso propósito, como esclarece: "Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento" (*Ibid.,* p. 217). Conectando essa reflexão com a leitura da Escritura, ele continua:

> E o que denominaria eu a Escritura senão uma floresta, cujas frases colhemos na leitura como se fossem frutos dulcíssimos e as ruminamos na reflexão? Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não mantém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagueasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo 'sempre estudando – como se diz – nunca chegando ao saber' (Hugo de São Vitor, 2001, p. 217).

Isto é, sem o ócio não é possível, segundo o mestre Vitorino, alcançar o conhecimento, pois o estudante estaria dividido com outras atividades. Porém, o ócio sem o método transformaria o trabalho improdutivo, porque a ausência do processo levaria o estudante ao desperdício da força.

Não obstante, o *otium* é em grego, *skholé,* que significa, de acordo com a tradução de Antônio Marchionni, "pausa, parada, repouso, inocupação, indolência, tempo disponível, tempo livre e também o colóquio científico, leitura, recitação" (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 33). É justamente do significado "recitação" que vem a origem da palavra grega *skholé* "como o lugar onde o mestre lê, dá lição, onde se discute, se pensa" (*Ibid.,* p. 33). No latim, *skholé* vira *schola*, significando "pesquisa douta, disquisição, explanação de um objeto científico ou literário, lição e explicação de obras eruditas" (*Ibid.,* p. 33). Ainda é possível atribuir à *schola* o significado de lugar onde as pesquisas, estudos, produções e tempo livre acontecem, conforme ressalta Antônio Marchionni:

> *schola* vem designar também o lugar onde isto tudo acontece, como também a galeria onde os homens cultos se reúnem e onde as obras-de-arte são expostas, a sala de espera dos banhos públicos com suas longas conversas, as sedes das corporações, os lugares de reunião (*Ibid.,* p. 33).

Mais adiante, esses termos, somados a *scuola,* italiano, e *escola,* em português, foram utilizados para designar uma atividade pensativa e artística do homem, ou seja, a escola se torna um espaço onde se cultiva o espírito, bem diferente do contexto no trabalho.

Segundo Antônio Marchionni, a vida é dividida em duas dimensões, sendo o *otium* a dimensão vertical e o trabalho a dimensão horizontal, complementando a vertical que justifica a horizontal, por ser ela uma reflexão filosófica que expande a consciência humana mediante as artes, a religião, a cultura e a comunidade, dando sentido a todas as ações humanas. Sendo assim, encontramos uma relação de complementariedade entre "uma atividade-trabalho e uma atividade-*otium*, como destaca o supra comentador: "O trabalho subordina-se ao *otium* como

meio para o fim, e o *otium* é a instância que reveste o trabalho de justificação e valor" (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 35).

Contudo, mesmo que haja *otium*, aplicação e o método da aplicação, é indispensável pensarmos nos obstáculos que podem surgir nesse caminho do conhecimento, tema já mencionado na reflexão sobre as necessidades que acometem os(as) estudantes, abordado por Hugo por meio de três situações: 1) a negligência, 2) a imprudência, 3) a má sorte. A negligência é estudada considerando duas possibilidades: o desvio pleno do objetivo no estudo ou a falta de empenho necessário no processo de aprendizagem. Portanto, a negligência é um problema que tem sua origem no discente, mas que pode emergir de uma dificuldade inesperada. Já a imprudência diz respeito a desorganização, ou seja, nos desviamos do método pré-estabelecido. Mais uma vez, essa desorganização pode acontecer tanto por uma iniciativa do aluno quanto por uma causa independente que o afeta. É exatamente sobre essas causas incontroláveis, que Hugo de são Vitor versa quando descreve a má sorte. Ela tem a ver com um infortúnio, uma situação inesperada, de força maior, que nos afasta dos estudos, seja nos afetando, ou acometendo os professores, ou até mesmo a instituição. A pandemia de Covid-19 que acometeu todo o mundo a partir do final de 2019 é um bom exemplo daquilo que o pensador Vitorino chama de má sorte, e que, com toda certeza, trouxe muitos problemas à continuidade dos estudos por parte dos alunos, que foram forçados a experimentar um período de paralisação e, posteriormente, experimentar um ambiente virtual. Essa má sorte também afetou o trabalho dos docentes, pois, depois de um período sem aulas, eles precisaram se reinventar na aplicação das aulas remotas. É sobre isso que ele está falando quando destaca o tópico da má sorte.

Como toda ação gera uma reação, Hugo de São Vitor adverte que pela negligência o estudante deve ser repreendido, porque ele é a origem do desvio. Se o caso for a imprudência, o estudante deve ser instruído(a), para que haja nele uma reorientação na caminhada dos estudos. Se a situação for caracterizada como má sorte, o estudante deve ser socorrido, tendo em vista que a situação fugiu ao seu controle e, por isso, ele carece de compaixão, amor e consolo.

Porém, se o *otium*, que é o ato de ler, como já afirmamos acima, for vivenciado na íntegra, ele se torna, como diz Antônio Marchionni, "reparador, restaurador e inspirador" (Marchionni, *In*: Hugo de São Vitor, 2001, p. 34). É nesse contexto que a leitura manifesta uma relação de afetividade, de moralidade e de sociabilidade, um verdadeiro estilo de vida que produz não apenas conhecimento, mas alívio, felicidade, satisfação e plenitude, consequências descritas pelo referido comentador: "A leitura como sabor da Sapiência dá consolo a quem a procura, felicidade a quem a encontra, beatitude a quem a possui: a procura da Sapiência é o

máximo conforto na vida. Quem a encontra é feliz, e quem a possui é beato" (*Ibid.*, p. 34); porque leva o estudante ao encontro com a Sapiência.

Ainda falando sobre a leitura, é preciso entender que, de acordo com Hugo de São Vitor, a leitura divide. Essa definição diz respeito a natureza do que se lê, porque isso gera impacto na seleção das coisas que lemos. Segundo o autor, existem as coisas finitas e infinitas e, em face da proximidade conosco, a ciência parte das coisas mais aproximadas, divisíveis e inteligíveis para as mais distantes, ou seja, começamos pelas coisas finitas para progredirmos até as infinitas, como ele mesmo afirma: "A aprendizagem começa das coisas mais nítidas e, pelo conhecimento delas, chega ao conhecimento das ocultas" (Hugo de São Vitor, 2001, p.149). Neste caso, esse método racional é evidenciado quando "descemos dos universais para os particulares dividindo e investigando a natureza de cada coisa" (*Ibid.*, p. 149). Contudo, quanto mais particularizamos o conhecimento das coisas, mais diversificado se torna nosso horizonte de pesquisa e, consequentemente, mais complexo. Por isso, o pensador Vitorino defende que os estudantes iniciem seus estudos começando pelas coisas mais conhecidas, determinadas e abrangentes, porque são menos complexas. Após assegurar-se da apreensão destes saberes, aí sim o aluno estará em condições de, lentamente, buscar o entendimento das coisas mais particulares e mais divisíveis, sempre partindo das mais singulares e esquadrinhando a essência destas.

Entretanto, também se faz necessário a reflexão sobre o que deve ser lido, porque, como vimos acima, a leitura deve ser proposital e metodológica, não acidental e sem um fim. Pensando nisso, antes de oferecer uma sequência daquilo que deve ser lido, o mestre Vitorino descreve as artes e seus criadores:

> Teólogo, entre os gregos, foi Lino. Entre os latinos foi Varro. E o teólogo do nosso tempo é João Escoto...
>
> A física natural foi iniciada entre os gregos por Tales de Mileto [...] e entre os latinos foi Plínio...
>
> A aritmética foi iniciada por Pitágoras [...] Entre os latinos foi traduzida primeiro por Apuleio e depois por Boécio...
>
> Inventor da música foi, como disse Moisés, um certo Tubal [...] para os gregos foi Pitágoras ou, segundo outros, Mercúrio...
>
> A geometria, dizem, foi primeiro descoberta no Egito, e seu melhor expositor entre os gregos foi Euclides [...] Eratóstenes, que mediu a circunferência da terra.
>
> A astronomia, dizem alguns, foi iniciada primeiramente por Cam, filho de Noé [...] a astrologia foram os caldeus [...] José afirma que foi Abraão o primeiro a formar os egípcios na astrologia. Ptolomeu, rei do Egito, reorganizou a astronomia [...] o gigante Nemrot foi um astrólogo exímio [...] Os gregos dizem que esta ciência foi ideada primeiro por Atlas...

> O inventor da ética foi Sócrates [...] Platão, discípulo dele, compilou vários livros Sobre a república a respeito das duas justiças, a saber, a natural e a positiva. Mais tarde Cícero organizou os livros Sobre a República em língua latina. Também o filósofo Fronto escreveu o livro Strategematon, isto é, sobre a conduta militar.
>
> A mecânica teve diversos iniciadores. Hesíodo de Ascre, entre os gregos [...] depois dele Demócrito. Mago, o cartaginês [...] entre os romanos o primeiro a escrever Sobre a agricultura foi Catão, argumento que, em seguida, Marco Terêncio aperfeiçoou. Também Virgílio escreveu as Geórgicas, e depois dele vieram Cornélio e Júlio Ático, Emiliano e também Columela [...] Vitrúvio escreveu Sobre a arquitetura e Paládio Sobre a agricultura.
>
> A arte de fabricação de l~, conforme se conta, foi ensinada aos gregos por Minerva [...] Discípulo dela foi Dédalo [...] No Egito foi Ísis [...] Na Líbia, o primeiro uso da lã adveio do templo de Antônio.
>
> O primeiro a promover guerras foi Nino, rei dos assírios. Crê-se que Vulcano foi o primeiro fabro, mas a Escritura Sagrada diz que foi Tubal. Prometeu foi o primeiro que inventou o uso do anel...
>
> O uso de navios foi introduzido inicialmente pelos pelágios. Ceres foi a primeira na Grécia a descobrir o uso do trigo, e no Egito foi Ísis. Pluno, na Itália [...] enquanto Tago, na Espanha, introduziu o método de semear. Entre os egípcios foi Osíris que descobriu o cultivo da uva, e entre os indianos foi Libero. Dédalo foi o primeiro a fazer a mesa e a cadeira. Um certo Apício foi o primeiro a compor o receituário da cozinha...
>
> O iniciador da medicina entre os gregos foi Apolo, cujo filho Esculápio [...] enobreceu esta ciência [...] Hipócrates, engendrado pelo pai Asclépio na ilha de Coo, trouxe-a de novo em evidência.
>
> Acredita-se que os espetáculos públicos iniciaram com os lídios, os quais vieram da Ásia...
>
> O alfabeto hebraico, conforme tradição, iniciou com Moisés na Lei. O dos caldeus e dos sírios com Abraão. Ísis inventou o alfabeto dos egípcios; os fenícios inventaram o alfabeto grego [...] Carmenta [...] o alfabeto latino.
>
> Moisés foi o primeiro a escrever uma história divina. Entre os pagãos, foi o frígio Darete a escrever a história de Tróia [...] na Grécia foi Heródoto [...] depois dele brilhou Ferécide, na mesma época que Esdras escreveu a Lei. Crê-se que Alcmone de Crotão foi o primeiro a inventar as fábulas.
>
> O Egito é mãe das artes [...] nos tempos de Osíris, marido de Ísis, foi inventada pela primeira vez a gramática. Também de lá foi inventada pela primeira vez a dialética por obra de Parmênides [...] Platão [...] na Academia, que era a casa dele, dedicou-se aos estudos da filosofia [...] O primeiro a traduzir a dialética do grego para o latim foi Marco Terêncio Varro. Em seguida, Cícero elaborou os Tópicos. Diz-se que o inventor da retórica entre os gregos foi Demóstenes [...] entre os latinos Tísia, entre os siracusanos Corace. A retórica, escrita em grego por Aristóteles, Górgias e Hermágoras, foi traduzida para o latim por Túlio, Quintiliano e Ticiano (Hugo de São Vitor, 2001, p. 131-137).

De todas as artes (ciências) expostas acima, tanto o mestre Vitorino quanto os pensadores antigos enfatizaram sete delas, pois notaram que o profundo conhecimento destas levaria ao conhecimento das demais. A utilidade dessas artes também se encontra no fato de

que elas fornecem as condições necessárias para o conhecimento filosófico que, consequentemente, conduz o ser humano ao conhecimento da Sapiência, como afirma:

> Elas são como instrumentos ótimos e tirocínios pelos quais ao espírito é preparada a via para o pleno conhecimento da verdade filosófica. Por esta razão se chamaram 'trívio' e 'quadrívio', pois por elas, como se fosse por algumas vias, o espírito vivo penetra nos segredos da Sabedoria (Hugo de São Vitor, 2001, p.139).

Ainda podemos acrescentar um benefício existente na dedicação ao estudo do trívio e quadrívio, a saber, o conhecimento de si mesmo. Porque é no conhecimento filosófico que o estudante penetra nas profundezas da *Sapiência*, e a conhecendo ele conhece a si mesmo, como disse Antônio Marchionni "conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos" (Marchionni, *In:* Hugo de São Vitor, 2001, p. 10).

Dada a importância do estudo dessas ciências e, obviamente, da leitura como meio para se adquirir esse conhecimento, é necessário que o estudante se comporte com muita dedicação, investindo tempo não em coisas supérfluas que dispersam a mente, mas focando naquilo que é útil e promissor. Por isso, Hugo de São Vitor indica a escolha do estudo das artes, não dos seus complementos, já que somente aquelas estão submetidas à filosofia, que, por sua vez, conduz aos resultados supracitados. Entretanto, nesse processo seletivo onde se busca a leitura daquilo que é útil e promissor, o professor também tem sua responsabilidade, tendo em vista que em vez de apontar para as coisas importantes de cada arte, este pode misturá-las com coisas fúteis, mais preocupados com sua própria exaltação, como aquele que tem muito conhecimento, em lugar de ensinar devidamente aos alunos, ou seja, exercendo a função que busca a formação do outro, o aluno, ele desfere inúmeras informações secundárias, sem atingir o ponto principal de cada conteúdo, focando seu trabalho na construção de uma caricatura de sábio, desprezando, assim, o estudante e o que deve ser ensinado. Sobre isso, afirma Maria Simone Nogueira[8] em seu artigo intitulado *O Didascálicon de Hugo de São Vitor – Regras de leitura enquanto normas de vida*: "Logo, se em meio ao que é importante há muita superficialidade e o professor mistura o importante com o supérfluo apenas para mostrar que domina muitas artes, então, os alunos terão muito mais dificuldades para compreender e reter o que realmente interessa" (Nogueira, 2013, p. 57). Ainda falando sobre esse comportamento do docente, o pensamento Vitorino declara: "Repara quão perverso é este costume, considerando-se que, quanto mais você acumula as coisas supérfluas, tanto menos poderá compreender e reter coisas úteis" (Hugo de São Vitor,

[8] Professora de Filosofia Medieval da Universidade Estadual da Paraíba. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora e Pesquisadora do *Principium* – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval/CNPq: sites.uepb.edu.br/principium E-*mail*: mar.simone@gmail.com

2001, p. 145). Maria Simone acrescenta que esse contexto dá ensejo à discussão contemporânea sobre a distinção entre professor e educador, apontando para o fato que o pensador Vitorino desde o século XII, já estava pensando nesta diferença, como ela destaca:

> Talvez isso marque uma diferença, contemporânea, importante, entre 'ser professor' e 'ser educador' e as consequências dessa diferença nos permite afirmar, como Hugo já fizera em sua época, que encontramos muitos estudantes, mas poucos sábios (Nogueira, 2013, p. 57).

Sendo assim, atentando tanto para o que concerne ao professor/educador quanto à dedicação essencial do aluno, é mister falarmos sobre o que é vital ao estudo, ou as condições indispensáveis no ato de ler e aprender, que serão determinantes, segundo Hugo, ao conhecimento da Sabedoria. Para ele, os três elementos são: "1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 147). O papel das qualidades naturais, também denominadas pelo mestre Vitorino como "engenho natural", é facilitar a compreensão e memorização do que foi estudado. Já o exercício, tem como finalidade orientar as qualidades naturais por intermédio do trabalho de da persistência. Finalmente, a disciplina tem a função de harmonizar o que se compreende e memoriza pelas qualidades naturais, através do trabalho e persistência do exercício, com a vida prática, para que o estudante tenha um testemunho louvável, vivencie o quarto degrau na escala do conhecimento e seja alcançado pela contemplação da Sabedoria. Nesse caso, a disciplina se constitui em uma disciplina moral, porque ao regular como o estudante chega ao conhecimento da Sabedoria, regula também como este deve viver.

#### 3.2.1.1 As qualidades naturais necessárias ao estudo

As qualidades naturais, ou o engenho natural, termo usado na tradução de Antônio Marchionni do *Didascálicon*[9], é composto por inteligência e memória, que se forem utilizadas separadamente, de maneira nenhuma levarão o(a) estudante ao conhecimento da Sabedoria, tendo em vista que o estudo de qualquer coisa requer a unificação entre as duas. Hugo de São Vitor desenvolve esse pensamento da seguinte forma:

> Aqueles que se dedicam ao saber teórico devem dispor de inteligência e de memória ao mesmo tempo, coisas que em qualquer estudo ou disciplina estão tão conexas que, se uma faltar, a outra não pode conduzir ninguém para a perfeição, da mesma forma que os lucros servem para nada se faltar o armazenamento e inutilmente constrói armazéns aquele que tem nada para

[9] Na obra original encontramos a frase "*Hoc ad naturam de ingenio".* A tradução de Antônio Marchionni traduz essa frase como "O engenho natural" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 146-147).

> guardar. O engenho descobre e a memória custodia a Sabedoria (Hugo de São Vitor, 2001, p. 147).

Essas qualidades naturais estão presentes na alma por natureza e possuem força e capacidade em si. Não obstante, ela melhora com o seu uso, assim como piora com o uso excessivo, levando-nos a entender que a regra da moderação[10] é a via para o aperfeiçoamento, conforme as palavras do mestre Vitorino: "O engenho é uma certa força ínsita naturalmente na alma e com capacidade própria. O engenho nasce da natureza, melhora com o uso, se idiotiza com o trabalho desmedido, se aguça com o exercício moderado" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 147). O exercício dessas qualidades acontece por intermédio de duas atividades: a leitura e a meditação.

#### 3.2.1.1.1 A leitura como primeiro exercício das qualidades naturais

A leitura, enquanto primeiro degrau na escalada do conhecimento da Sabedoria, nos conduz à ciência das regras e dos preceitos, evidenciando que há um método, o que também é denominado como a filosofia da leitura, segundo afirma Antônio Marchionni:

> O Livro III dá aos jovens conselhos sobre como ler e o que ler: quais foram os autores das artes, artes prioritárias na leitura, discernimento no estudo, meditação, memória, disciplina, humildade, silêncio, despojamento, exílio (Marchionni, *In:* Hugo de São Vitor, 2001, p. 28).

Para Hugo de São Vitor, a leitura se divide em três tipos: 1) do docente, 2) do discente e 3) do autodidata. A leitura do docente consiste naquilo que o professor ler pensando no aluno, ou quando ele lê para o aluno, como diz: "Leio um livro para ele" (Hugo de são Vitor, 2001, p. 147). Já a leitura do discente é aquilo que o aluno lê sob recomendação do docente, ou seja, aquela leitura que tem como fim tanto o conhecimento quanto o cumprimento do conteúdo programático, conforme as palavras do mestre Vitorino: "Leio um livro apresentado por ele" (*Ibid.*, p. 147). Finalmente, a leitura do autodidata não é guiada pelo professor nem pelo aluno, mas pelo anseio do leitor em adquirir conhecimento, consoante o pensamento vitoriano: "Leio um livro" (*Ibid.*, p. 147).

---

[10]Possivelmente uma influência aristotélica da ética do meio-termo, o agir moderado, como sugere a definição apresenta por Benedito Fernando Pereira no artigo intitulado *O Meio-Termo como Virtude no Livro IV da Ética a Nicômaco de Aristóteles*: como um desdobramento dos livros anteriores, no Livro IV da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles coloca a virtude ética como a aquisição da medida justa entre dois extremos. Para ele, a virtude está sempre em fazer a coisa justa no momento e do modo oportunos. A ética do meio-termo é, pois, o tema central tratado neste livro, que o autor explicita e exemplifica falando, de início, da liberalidade, que é o meio-termo entre a avareza e a prodigalidade. Disponível em: https://www.filosofante.com.br/?p=998. Acessado em 18/09/2024.

Outro ponto que recebe alguma atenção de Hugo de São Vitor é a ordenação na leitura, no qual ele discorre sobre três áreas onde é possível identificar esta ordem. A primeira delas são as disciplinas, "como se dissesse que a gramática é mais antiga que a dialética e a aritmética vêm antes da música" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 149), e isso, segundo o mestre, tem a ver com natureza da disciplina. A segunda área onde percebemos essa ordenação é nos livros, "como quando digo que Conjura de Catilina precede a Guerra Iugurtina" (*Ibid.*, p. 149), estabelecida pela pessoa do autor ou da matéria tratada. Enquanto a terceira área é a da narração, "que consiste numa concatenação contínua, ou na exposição de textos" (*Ibid.*, p. 149), sendo aquela vinculada à disposição, ou seja, a relação entre o tempo no qual a coisa aconteceu e sua narração, que, para Hugo, se divide em duas, segundo suas palavras: "natural, isto é, quando a coisa é referida segundo a ordem em que aconteceu, e artificial, isto é, quando aquilo que aconteceu depois é narrado antes e aquilo que é anterior é falado depois" (*Ibid.*, p. 149). No caso da exposição de um texto, a ordem na medida que a investigação vai acontecendo, ou seja, o que determina o lugar de cada assunto é o processo investigativo e a aquisição do conhecimento.

A exposição do texto, por sua vez, possui três níveis em sua exposição. O primeiro nível é a frase, definida pelo pensador Vitorino como "a organização apropriada das palavras que chamamos também construção da frase" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 149). O segundo nível é o sentido, que consiste no significado mais aparente, ou seja, aquele que rapidamente saltou aos olhos do leitor de um texto, destaque dado pelo mestre Vitorino "o sentido é o significado fácil e acessível que a frase apresenta à primeira vista" (*Ibid.*, p. 149). O terceiro e último nível é o do pensamento, que se configura como a compreensão mais aprofundado do texto, descoberto apenas após uma exposição ou interpretação. Nesse caso, a ordenação no texto começa pela frase, passando pelo sentido, finalizando no pensamento. Quando o estudante trilha por esse caminho a exposição é perfeita.

Além dos tipos de leituras e da ordenação presente nela, Hugo também se debruça sobre o modo de ler, assunto já discutido anteriormente, que nos faz refletir sobre prioridade na busca do conhecimento das coisas mais próximas e mais compreensíveis, as finitas, porque a aprendizagem se inicia por elas, para, depois, ascendermos as coisas ocultas. Como usamos a razão na leitura, e, conforme Hugo, é próprio dela dividir, começamos por aquilo que é mais geral e comum a todos, os universais, para, a seguir, avançar na investigação dos particulares, mais plural e complexo, almejando o entendimento da natureza das coisas. Portanto, Hugo resume a aprendizagem deste modo: "Quando, portanto, aprendemos, devemos começar pelas coisas que são mais conhecidas, determinadas e abrangentes, e aí, descendo aos poucos e

distinguindo pela divisão as coisas singulares, investigar a natureza das coisas aí contidas" (*Ibid*., p. 151).

3.2.1.1.2 A meditação como segundo exercício das qualidades naturais

A meditação se refere ao ato de pensar constante com discernimento, e prescruta cuidadosamente a causa e a origem, o gênero e a utilidade das coisas. Ela, a meditação, tem seu ponto de partida na leitura, mas não se restringe à leitura, sendo de natureza livre e fim da aprendizagem, como assevera Hugo de São Vitor:

> A meditação começa com a leitura, mas não se amarra a nenhuma regra ou prescrição da leitura. Ela se deleita em correr pela campina aberta, onde fixa o livre olhar para a verdade a ser contemplada, e deleita-se em examinar ora estas ora aquelas causas, em penetrar as coisas profundas, em deixar nada ambíguo, nada obscuro (*Ibid.*, p. 151).

A aprendizagem começa na leitura e termina na meditação, devendo ser, portanto, amada e desejada pelo estudante, já que ela torna a vida deste deleitosa e repleta de consolação nos dias de tribulação. É ela quem antecipa o gozo celestial da eternidade com Deus, afastando a alma humana dos ruídos da labuta terrena.

Por se tratar de algo tão importante no processo de aprendizagem, mediante o estudo, Hugo esclarece que a meditação, a semelhança da leitura, também possui algumas divisões no que diz respeito a sua prática, a saber: o exame da conduta, que, segundo o mestre, "consiste nos vícios e nas virtudes", ou seja, em uma análise da vida prática e no fundamento destas ações, para que elas produzam um testemunho louvável; o segundo é o conhecimento minucioso dos mandamentos, que se inicia com a leitura dos Escrituras e passa pela meditação, sendo assim, a base da moralidade cristã, que exercem três funções: ora são preceptivos – contêm preceitos que devem ser observados –, ora promitentes – transmitem promessas divinas para o homem –, ora aterradores – porque as Escrituras também manifestam os juízos divinos; o terceiro é a investigação das obras divinas, que consiste em meditar naquilo que Deus produz seja pela sua potência, seja pela *Sapiência*, seja pela sua graça.

3.2.1.1.3 A memória como elemento indispensável ao estudo

Depois de falar sobre os exercícios pertencentes às qualidades naturais, isto é, a leitura e a meditação, processos necessários ao estudo, Hugo de São Vitor discorre sobre um elemento indispensável ao conhecimento, a memória. Sem a memória o estudante jamais conseguiria aprender o que estuda, porque pela inteligência ele investiga, mas é pela memória que a Sabedoria é armazenada, como ele declara: "Aqueles que se dedicam ao saber teórico devem dispor de inteligência e de memória ao mesmo tempo [...] se uma faltar, a outra não pode conduzir ninguém a perfeição [...] O engenho descobre e a memória custodia a Sabedoria" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 147).

Já vimos anteriormente, a investigação começa pelos universais, o conhecimento mais aproximado de todos, descendo, através da divisão, aos particulares, conhecimento mais distante, plural e complexo. Toda essa investigação é conduzida pela inteligência e o exercício das qualidades naturais, que tem como ponto de partida a leitura e perpassa a meditação, ou seja, o discernimento do assunto lido. Entretanto, para que a memória consiga armazenar o conteúdo lido ou escutado, o mestre Vitorino defende a necessidade de realizar uma síntese, segundo suas palavras: "Aquilo que dividimos aprendendo, devemos sintetizá-lo para ser confiado à memória" (*Ibid.*, p. 153). Esse resumo consiste em transformar um texto ou discurso prolixo em uma breve compilação que seja capaz de recapitular o pensamento central de quem falou ou escreveu, como ele diz: "Qualquer tratado possui algum conceito basilar, sobre o qual toda a verdade da coisa e a força da argumentação se baseiam, e a ele todas as outras coisas se referem. Procurar e centrar isto é resumir" (*Ibid.*, p. 153). A justificativa de se resumir o que está estudando constitui-se na alegação de que a memória humana é fraca, estima a brevidade e quanto mais se divide entre as muitas coisas, menos dela haverá em cada parte, como diz: "Há uma fonte e muitos riachos: por que você segue as tortuosidades do rio? Fique com a fonte, e tem tudo. Afirmo que a memória do homem é fraca e gosta de brevidade, e se ela se dissipa em muitas coisas, fica menor em cada uma delas" (*Ibid.*, p. 153).

Outro detalhe acerca do resumo, exposto pelo mestre Vitorino, é que o conhecimento adquirido deve ser sempre revisto, para que, na perspectiva positiva, ele seja solidificado, e na perspectiva negativa, não seja perdido mediante um período longo de abandono. Por essa razão, Hugo entende e recomenda que o estudante não se regozije por ter lido muitos livros, pensando em nossos dias, a recomendação traria livros, revistas, artigos, sites, blogs, podcast, vídeos-aulas e tantos quantos meios de contato o estudante possa ter com conteúdo. Mas, que sua alegria esteja fundamentada naquilo que ele conseguiu entender, mediante a leitura, primeiro passo, e a meditação, segundo passo, de tal forma que sua memória o armazenou, dando-lhe condições de revisitá-lo, aquecendo-o em sua mente ao ponto de ser transformado por ele e

vivenciá-lo em seu dia a dia. Por isso, que a leitura, passo fundamental do estudo, é teleológica, ou seja, tem como finalidade construir o edifício do conhecimento na contemplação da Sabedoria. Este processo é, para o mestre Vitorino, como já afirmamos, filosofia. Todavia, para que isso aconteça, se faz necessário a presença do engenho natural e da memória.

No entanto, o pensamento de Hugo de São Vitor sobre o estudo e o estudante não se restringe apenas as qualidades naturais, com seus exercícios e sua interioridade, mas se estende à formação moral e vital do estudante, o que torna sua perspectiva pedagógico/filosófica bem atual, pois contempla o aspecto formativo da educação contemporânea.

### 3.2.1.2 A disciplina moral como elemento formativo e essencial à leitura

Além dos quatro degraus que levam o estudante, através do estudo, à perfeição, Hugo de São Vitor ainda destaca o valor da disciplina moral descrita por um sábio, relativamente ao modo e a forma de aprender. O sábio disse: "Mente humilde – respondeu – ânsia de querer, vida quieta, consideração silenciosa, pobreza, terra estrangeira. Isto costuma descortinar a muitas coisas obscuras da leitura" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 153-154). Sendo assim, o sábio apresentou duas qualidades morais: humildade e ânsia por conhecimento (também representada como dedicação à pesquisa); e quatro qualidades na vida: vida quieta, análise detalhada ou consideração silenciosa, pobreza e terra estrangeira. Deve haver uma conexão entre o conhecimento teórico e a conduta do estudante, de forma que este seja uma pessoa de boa reputação, como, assevera o pensador Vitorino, é o pensamento do sábio: "Ele ouvira, acho, quanto foi dito: 'os bons costumes adornam a ciência', e por isso aos preceitos do aprender acrescentou também os preceitos do viver, para que o estudante conheça seja o modo de viver seja as teorias do seu estudo" (*Ibid.,* p. 155). O mestre Vitorino também acreditava nesse poder transformador do conhecimento, que conduz à Sabedoria, modificando a conduta do estudante através das exigências presentes no estudo e dos efeitos do conhecer, como ele afirma: "Não é louvável o saber maculado por uma vida impudica. E, por isso, quem procura o saber deve prestar a máxima atenção a não negligenciar a disciplina moral" (*Ibid.*, p. 155).

#### 3.2.1.2.1 A humildade como fundamento moral do estudo

Como já mencionamos anteriormente, Hugo de São Vitor destaca duas qualidades morais no contexto da disciplina moral necessária no estudo, que começa pela leitura, sendo elas a humildade e ânsia pelo conhecimento. Todavia, antes de desejar o conhecimento é mister que o estudante tenha uma postura de humildade, semelhante àquilo que a palavra *discípulo*[11] apresenta como conceito, um aprendiz, perante todas as pessoas, todas as ciências e o outro mesmo, depois da aquisição de certos conhecimentos, como ele destaca:

> O começo da disciplina moral é a humildade, da qual existem muitos ensinamentos, três dos quais interessam mais ao estudante: 1) primeiro, não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito; 2) segundo, não ter vergonha de aprender de qualquer um; 3) terceiro, não desprezar os outros depois de ter alcançado o saber (Hugo de São Vitor, 2001, p. 155).

A primeira postura acima, isto é, não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito, deve levar o estudante a uma abertura generalizada ao conhecimento, de forma que este se coloque na posição de aprendiz perante todo e qualquer conteúdo posto diante dele. Esse pensamento tem uma grande utilidade para hoje, tendo em vista que nós, estudantes na contemporaneidade, tendemos a setorizar o conhecimento e nos debruçar, e se interessar, apenas sobre uma determinada área que estamos pesquisando, desprezando um conhecimento mais generalizado, ou pelo menos não demonstrando interesse.

No tocante às pessoas, não mais ao conhecimento e escritos, o pensador Vitorino também orienta que os estudantes devem enxergar no outro, ou no encontro com o outro, uma possibilidade de conhecimento, sem discriminar quem quer que seja, pois sempre haverá o que aprender, quer para agregar, quer para evitar, como diz o apóstolo Paulo à igreja em Tessalônica: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom" (1 Tessalonicenses 5.21).

A última postura designada pelo mestre Vitorino não tem a ver tanto com o outro nem com aquilo que os outros falam ou escrevem, mas com o próprio estudante, ou seja, uma certa disposição interna que se manifesta em uma conduta externa, após o entendimento de que já é um conhecedor, isto é, a soberba. Sobre isso ele afirma: "não desprezar os outros depois de ter alcançado o conhecimento" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 155). Nesse contexto, há um equívoco entre o adquirir muitas informações e ser sábio, pelo alcance da Sabedoria, destaque feito pelo pensador Vitorino quando tratamos sobre a diferença entre o professor e o educador. A

[11]Definição retirada do Dicionário Oxford Languages. Disponível em: https://www.google.com/search?q=disc%C3%ADpulo+defini%C3%A7%C3%A3o&oq=discipulo+defin&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCggDEAAYExgWGB4yBggAEEUYOTIJCAEQABgTGIAEMgkIAhAAGBMYgAQyCggDEAAYExgWGB4yCggEEAAYExgWGB4yDAgFEAAYDxgTGBYYHjIMCAYQABgKGBMYFhgeMgwIBxAAGAoYExgWGB4yCggIEAAYExgWGB4yCggJEAAYExgWGB7SAQkxMTE2NWowajmoAgCwAgE&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em 25/09/2024.

Sabedoria sempre nos conduzirá à humildade, enquanto o engano e o fingimento de ser aquilo que não é, levará à soberba e vergonha:

> Muitos ficam decepcionados porque querem aparecer sábios antes do tempo. Por esta razão, explodem numa intumescência de arrogância, começam a fingir aquilo que não são e a envergonhar-se daquilo que são, e tanto mais se afastam da Sabedoria quanto mais se preocupam não em serem sábios, mas em serem considerados tais (*Ibid.*, p. 155).

Ainda sobre essa questão, o mestre Vitorino destaca que o importante não é ter lido muitos escritos, visto muitos autores, obtido muita informação para compartilhar ou ser conhecido por pensadores famosos, se toda esta experiência não for convertida em conhecimento, que é o fim da leitura e de todos os degraus para a contemplação da Sabedoria. Porque o que realmente interessa não é ter lido, ter visto, conhecer as pessoas ou ser conhecido por elas, mas ter alcançado o entendimento de tudo o que se leu, o que se viu e o que se ouviu, como ele diz:

> Conheci muitas pessoas assim, as quais, mesmo necessitando ainda dos conhecimentos básicos, se dignam interessar-se somente das coisas sublimes, e acham que se tornaram grandes apenas por ter lido os escritos ou ouvido as palavras dos grandes e sábios. 'nós – dizem – os vimos. Nós ouvimos as lições deles. Eles costumavam falar frequentemente para nós. Aquelas sumidades, aqueles famosos, nos conheceram'. Quanto a mim, porém, oxalá ninguém me conheça e eu conheça tudo! (*Ibid.*, p. 155)

Se faz necessário acrescenta que essa postura do estudante, às vezes, leva-o a não se interessar por escritos, ou o pensamento, de autores não tão disseminados na comunidade acadêmica, de acordo com seu contexto, e que perpassam sua caminhada discente, dispersando, assim, a possibilidade de ampliar o seu conhecimento e, consequentemente, atrofiar-se naquilo que já conheceu. Contrapondo essa prática no labor estudantil, e desejando orientar o estudante no exercício da humildade como fundamento moral estudo, o mestre Vitorino propõe que o aluno deve estar aberto para todas as possibilidades de aprendizado:

> Não há ninguém ao qual foi dado de conhecer tudo, nem ninguém, por outro lado, ao qual não aconteceu de ter recebido da natureza algo especial.
>
> O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora. Daqui se origina o dito platônico: 'Prefiro aprender modestamente as coisas dos outros a ostentar descaradamente as minhas' (*Ibid.*, p. 157).

Além disso, como Hugo de São Vitor enxerga a busca pela Sabedoria a partir de um processo metodológico, onde cada passo tem a sua importância rumo ao conhecimento, iniciando pela leitura, o princípio da ordem é essencial nesta construção, de forma que o

estudante não deve almejar as coisas mais complexas antes de conquistar as mais simples, porque para aquelas se faz necessário uma base encontrada nestas, e, neste caminho, vergonhoso não é se colocar na posição de aprendiz, mas continuar ignorante. Aqui está a justificativa para o estudante se abrir a todo conhecimento possível, aliás é que alguém se torna sábio, conforme suas palavras:

> Por que, então, você se envergonha de aprender, e não se envergonha de ser ignorante? Esta vergonha é maior que aquela. E ainda, por que você aspira a coisas altíssimas, quando ainda jaz no lugar mais baixo? Avalie, antes, aquilo que as tuas forças podem sustentar. Avança bem, quem avança ordenadamente. Alguns, querendo das um grande salto, caem no precipício. Não queira, portanto, apressar demais. Deste modo você chegará mais cedo para a Sabedoria. Aprenda de todos com prazer aquilo que você não conhece, porque a humildade pode tornar comum para você aquilo que a natureza fez próprio para cada um. Será mais sábio de todos, se irá querer aprender de todos. Aqueles que recebem de todos, são mais ricos de todos (Hugo de São Vitor, 2001, p. 157).

Todavia, há um aspecto imprescindível nesse trajeto humilde que o discente precisa percorrer, configurado por um desejo no ato de ler, ou seja, por um fervor, uma paixão, direcionado ao conhecimento presente nos escritos, que lhe garantirá uma maior apropriação dos assuntos na escalada em busca da Sabedoria, como o mestre Vitorino afirma:

> Não considere vil conhecimento algum, portanto, porque todo conhecimento é bom. Se tiver tempo livre, não recuse de ao menos ler algum texto. Se você não lucra, também não perde nada, sobretudo porque não há nenhum escrito, creio eu, que não proponha algo desejável, se é tratado no lugar e no modo devido, e não há nenhum escrito que não contenha algo especial não encontrado alhures, algo que o diligente escrutador da palavra não possa agarrar com tanta maior graça quanto mais é raro (*Ibid.*, p. 157).

Contudo, para que o aluno consiga ler o máximo possível de escritos é necessário que ele tenha tempo disponível, o *otium*, como já discutimos acima. Quando isso não for possível, levando em consideração o contexto de uma escola integral, da rede pública de Pernambuco, no regime integral, onde o aluno passa entre 35 e 45 horas semanais na escola[12], ou seja, entre sete e nove horas por dia, de segunda a sexta-feira, com inúmeras atividades compondo esta carga horária, o mestre Vitorino aponta o caminho da leitura das coisas mais úteis tanto ao estudante quanto ao conhecimento. Mas, caso o discente disponha de tempo suficiente para ler tudo, ainda assim ele recomenda uma moderação da força dada a cada leitura, porque, como ele

[12]Conforme Art. 5º O Programa de Educação Integral funcionará em jornada integral de no mínimo 35 (trinta e cinco) horas-aula semanais e em até 45 (quarenta e cinco) horas-aula semanais. Disponível em: https://www.google.com/search?q=horario+de+uma+escola+integral+de+pernambuco&oq=horario+de+uma+escola+integral+de&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgCECEYoAEyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigAdIBCTEzNjM3ajBqOagCALACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso no dia 03/10/2024.

declara: “Algumas devem ser lidas para não serem desconhecidas, outras para serem apenas ouvidas, pois não raro aquilo que não ouvimos é considerado maior do que realmente é, e é mais fácil ser estimada uma coisa, da qual se conhece o fruto” (*Ibid.*, p. 159).

Quando o estudante assume uma postura humilde nos estudos, mediante a leitura, ele acaba evitando dois erros possíveis na busca pela Sabedoria, a saber, o desprezo de algum conhecimento e o desprezo dos outros, sejam eles escritores ou outros alunos, porque tal comportamento é fruto do vício da soberba, como nosso autor afirma:

> Agora você pode ver quão necessária lhe seja esta humildade, para que despreze nenhum conhecimento e aprenda de todos com prazer. Igualmente, lhe convém que, quando começar a conhecer alguma coisa, não despreze os outros. Este vício da vaidade ocorre a alguns, porque olham com demasiada diligência o seu próprio conhecimento e, parecendo-lhes de ter-se tornado alguma coisa, pensam que os outros não são como eles nem poderia nunca sê-lo, sem conhece-los (Hugo de São Vitor, 2001, p. 159).

Portanto, finalizando as reflexões sobre a humildade como fundamento do estudo, se deveras for humilde, o estudante experimentará alguns benefícios produzidos por esta que não apenas o ajudará na aquisição do conhecimento, mas contribuirá à formação do seu caráter, o que acaba atribuindo à leitura um duplo *telos*: o fundamento para a contemplação da Sabedoria; a formação do estudante enquanto um ser para Deus[13]. Sobre isso, afirma:

> O bom estudioso deve ser humilde e manso, afastado totalmente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca presuma de sua ciência, fuja dos autores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longamente sobre alguma coisa antes de julgá-la, não queira aparecer douto, mas sê-lo, ame os ensinamentos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos olhos como espelho do seu próprio rosto (*Ibid.*, p. 159).

Como o estudante humilde está aberto a tudo, sempre desejoso de ouvir a todos, ler sobre tudo e não despreza escrito algum, ele também desenvolverá outra virtude da disciplina moral necessária ao estudo.

3.2.1.2.2 A dedicação à pesquisa como segundo passo da disciplina moral no estudo

[13]Assunto analisado no meu artigo de conclusão da graduação em Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 2022, sob o título Sobre a arte do aprender e ensinar no *Didascálicon* de Hugo de São Vitor: uma pedagogia voltada para formação do homem enquanto um ser para Deus. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47933. Acessado em 03/10/2024.

Hugo de São Vitor começa destacando que a dedicação à pesquisa está contida no campo do exercício, razão pela qual, a esse respeito, o estudante necessita mais de exortação, ou seja, de encorajamento, do que de ensinamento. É por isso que o fervoroso mestre Vitorino apresenta alguns exemplos dos filósofos antigos, que em nome da diligência na busca de reflexões profundas que almejavam a contemplação da Sabedoria, não levaram em consideração as injúrias sofridas em face da abnegação e da dedicação na pesquisa filosófica, por amarem a Sabedoria acima de todas as coisas, inclusiva suas próprias vidas:

> Aquele que quisesse olhar diligentemente o que os antigos suportavam pelo amor da Sabedoria e quantas memórias memoráveis de sua virtude deixaram aos pósteros, verá quanto a sua diligência é inferior à deles. Uns calcavam as honras, outros jogaram no ar as riquezas, uns se alegravam das injúrias recebidas, outros desprezaram os sofrimentos, outros, deixando o convívio dos homens e adentrando-se nos últimos recantos nas solidões do ermo, se dedicavam somente à filosofia, para entregar-se à meditação tanto mais livremente quanto menos submetessem o espírito às volúpias que costumam impedir o caminho da virtude. Conta-se que o filósofo Parmênides passou quinze anos num rochedo do Egito. E Prometeu é recordado exposto ao abutre no monte Cáucaso por causa da sua vontade desmedida de meditar. Estes eremitas, sabendo que o verdadeiro bem não reside na estima dos homens, mas está escondido na consciência pura e que não são homens quantos, aderindo às coisas que perecem, desconhecem o seu próprio bem, demonstravam com a distância geográfica quanto diferiam dos outros na mente e na inteligência, não querendo que uma mesma habitação albergasse aqueles que não eram associados na mesma intenção. Alguém se voltava para um filósofo dizendo: "Não vê como os homens zombam de você?" E ele: "Eles zombam de mim, e deles zombam os asnos". Pensa, se você consegue, quanto valia para ele ser louvado por aqueles, dos nem de ser insultado teve medo. De um outro se diz que, depois de todos os estudos das disciplinas e depois de ter alcançado as sumidades das artes, desceu para o trabalho de oleiro. E os discípulos de um certo estudioso, querendo promover com louvores o seu mestre, gloriavam-se de que a ele não faltava, entre outras coisas, nem a perícia de sapateiro (Hugo de São Vitor, 2001, p. 161).

Essa entrega louvada e recomendada por Hugo de São Vitor procede da concepção de que a única coisa que não perde sua força com o passar do tempo é a Sabedoria. O corpo, com o tempo, tende a perder sua força e envelhecer, mas a Sabedoria não abandona o seu amante, segundo o mestre: "Quase todas as forças do corpo mudam nos velhos, e, enquanto cresce apenas a Sabedoria, todas as outras decrescem" *(Ibid.,* p. 163).

Para reforçar ainda mais sua tese de que a Sabedoria deve ser buscada com primazia na vida do estudante, porque ela tende a se fortalecer no período em que o corpo se enfraquece, o pensador Vitorino fornece alguns exemplos de pensadores tanto entre os filósofos antigos quanto entre os poetas que expressaram o poder da Sabedoria mesmo em meio a velhice do corpo, como segue abaixo:

> Por isso, se conta que aquele homem sábio da Grécia, Temístocles, percebendo que estava morrendo após ter terminado cento e sete anos, ficava triste em ter que sair da vida quando começava a conhecer as coisas. Platão morreu aos oitenta e um anos, escrevendo. Sócrates completou noventa e nove anos na dor e no trabalho do ensino e da escrita. Não falo de outros filósofos, Pitágoras, Demócrito, Xenócrates, Zenão e Eleante, os quais se destacaram nos estudos da Sabedoria quando estavam em idade avançada.
>
> E agora venho aos poetas, Homero, Hesíodo, Simônides, Tersícoro, os quais, já velhos, perto da morte cantaram não sei qual canto de cisne mais doce que de costume. Sófocles, sendo acusado de demência pelos filhos em razão da velhice avançada e da negligência nos negócios da família, recitou ao juiz a tragédia de Édipo, que acabara de escrever, e deu um tal exemplo de Sabedoria em idade avançada, que transformou a severidade do tribunal em entusiasmo pelo teatro. E não é estranho, pois também Catão o Censor e o mais eloquente dos romanos, já velho, não teve vergonha nem desesperou de aprender o grego. Apropriadamente Homero conta que da língua de Nestor, já velho e quase decrépito, fluía um discurso mais suave que o mel (*Ibid.*, p. 163).

Portanto, à luz desse contexto de valorização da Sabedoria em detrimento do desgaste corporal, os estudantes são instigados a amar e, consequentemente, buscar com avidez esse conhecimento visando sempre sua contemplação.

No entanto, Hugo de São Vitor entende que além das qualidades morais o aluno também precisa de qualidades vitais, que são organizados de forma que o primeiro sempre corresponde à disciplina, enquanto o segundo está ligada ao exercício, como ele declara: “Os quatro conselhos que seguem foram dispostos alternativamente de modo que um se refere sempre à disciplina, o outro ao exercício” (Hugo de São Vitor, 2001, p. 163).

#### 3.2.1.3 As qualidades vitais como princípios formativos e essenciais à leitura e ao estudo

Segundo Hugo de São Vitor, o discente carece de quatro qualidades vitais na dedicação à leitura e estudo. São elas a quietude, a análise minuciosa, a sobriedade e o exílio.

##### 3.2.1.3.1 A qualidade vital da quietude à leitura

A quietude, qualidade pertencente à disciplina, já que exige do discente uma certa dedicação para se tornar uma realidade, pode se manifestar de duas formas, uma que diz respeito ao aspecto interior, outra ao exterior. No tocante ao interior, Hugo de São Vitor está pensando na quietação da mente capaz de produzir um afastamento dos desejos ilícitos, fruto de uma repulsa, pois, além de carregarem o discente de inquietação, estes ainda corrompem a moral. Com relação ao exterior, a reflexão perpassa o conceito do *otium* já trabalhado anteriormente e

a comodidade, ambos fundamentais, segundo o mestre Vitorino, para a realização de estudos honestos mediante a leitura.

3.2.1.3.2 A qualidade vital da análise minuciosa à leitura

A análise minuciosa, qualidade correspondente à meditação, pertence ao exercício, porque se refere ao como o aluno realizará seus estudos através da leitura. Embora a análise minuciosa possa ser confundida com a dedicação à pesquisa, há uma distinção presente no objeto das duas, como destaca Hugo: "Mas deve-se saber que entre os dois campos existe a seguinte diferença: a dedicação à pesquisa indica mais a aplicação ao trabalho, enquanto a análise minuciosa indica à meditação" *(*Hugo de São Vitor, 2001, p. 165).

Falando sobre essa análise, o pensador Vitorino se utiliza da metáfora das liteiras[14] para demonstrar que a filologia é o ponto de partida nesta análise. Esta, assim como a liteira, é sustentada por quatro servidores, denominados por ele como: o trabalho, o amor, a cura e a vigília, segundo as palavras do mestre: "O trabalho e o amor perfazem a obra, a cura e a vigília engendram o bom conselho" (Hugo de São Vitor, 2001, p. 165). Cada um deles possuem uma função específica, tais como: "no trabalho você faz, no amor você aperfeiçoa. Na cura você provê, na vigília você preserva" (*Ibid.*, p. 165). Os dois primeiros constituem a obra, os dois últimos o bom conselho. Todos ocupam essa posição porque, fazendo jus ao campo do exercício, exercitam a mente que é morada da Sabedoria, tendo a filologia como sua sede. Nesse contexto, os jovens estariam posicionados na parte frontal da liteira, por causa da sua força, sendo eles os *philos* e *kóphos*, isto é, amor e trabalho, atuando no lado de fora; na parte traseira se encontram as duas moças, marcadas pela cura e a vigília, *philémia* e *agrímnia*, sendo responsáveis pelos conselhos na parte interna em segredo.

3.2.1.3.3 A qualidade vital da sobriedade à leitura

[14]Cadeira portátil us. como meio de transporte, coberta e fechada, sustentada por duas varas compridas que são levadas por dois homens ou dois animais de carga, um à frente e outro atrás. Significado extraído do dicionário Oxford Languages. Disponível em: https://www.google.com/search?sca_esv=4fc2b25e9d5170f8&sxsrf=ADLYWILWaXKuqxBScxKEF6Mjn1zsxbkhhA:1728305828627&q=liteira+significado&source=lnms&fbs=AEQNm0AuaLfhdrtx2b9ODfK0pnmi046uB92frSWoVskpBryHTrdWqiVbaH6EqK0Fq9hkAkqRDuhGs7UQnPtZiL0Bzcj78aaFR2vnR4DfQyahVzxKNc4LGy-dSmtu0GzO7wqoCoKeVc1DGD7oqFC5NSRNfugkowmHkG6b6P3pNqnjH9wiZMaj4fjG1jdVkuVLIMivt99Wnsv1qj1v01DE4a8lq57ILUNbUw&sa=X&ved=2ahUKEwjS5-n3qPyIAxWZs5UCHYsSOv0Q0pQJegQIDhAB&biw=1366&bih=607&dpr=1. Acessado em 07/10/2024.

A sobriedade é uma qualidade vital destacada por Hugo de São Vitor, no tocante a disciplina, por evitar uma entrega demasiada na busca por bens materiais, o que poderia desviar o foco do estudante caso ele vivesse no encalço de coisas supérfluas. Coisas como essas, segundo o mestre Vitorino, militam contra a disciplina e se colocam como obstáculo na busca do conhecimento, fato evidente já em seu tempo: "Mas o que podem responder sobre isto os estudantes do nosso tempo os quais não somente recusam a frugalidade durante os seus estudos, mas até se preocupam em aparecer mais ricos do que são" *(Ibid.,* p. 167). Sem dúvida alguma, quando o estudante precisa se dividir entre os estudos e o trabalho para conquistar o mínimo necessário à subsistência, isto é, por si só uma grande dificuldade no caminho do conhecimento. Essa é a realidade de muitos estudantes do nosso tempo. Bom seria que fosse garantido a todo estudante o *otium*, para que estes pudessem ter dedicação exclusiva na busca da Sabedoria. Portanto, essa crítica do mestre Vitorino dirigida aos jovens da sua época não se aplica plenamente ao contexto atual, exceto nos casos que é assegurado ao estudante todas as necessidades básicas para que ele possa concentrar seus esforços nos estudos.

#### 3.2.1.3.4 A qualidade vital do exílio à leitura

O exílio, ou a consciência de peregrino, é uma qualidade vital da esfera do exercício, porque é um entendimento que precisa ser reafirmado diariamente, segundo Hugo de São Vitor, na prática dos estudos. Como uma das definições apresentadas e defendida pelo mestre Vitorino acerca da filosofia é o amor à Sabedoria, é mister que o estudante deixe as coisas visíveis e transitórias pelas invisíveis e eternas. Esse desapego é descrito por ele como um processo de maturação: "É ainda delicado aquele ao qual a pátria é doce, todavia é já forte aquele para o qual o mundo inteiro é um exílio. O primeiro fixou o seu amor ao mundo, o segundo espalhou, o terceiro o extinguiu" (*Ibid.*, p.167).

## 3.3 A LEITURA DE MUNDO SEGUNDO PAULO FREIRE E SEUS ENCONTROS E DESENCONTROS COM O ATO DE LER EM HUGO DE SÃO VITOR

Inicialmente, queremos justificar a inclusão de Paulo Freire em nossa pesquisa por duas razões: primeiro, porque nosso trabalho está fundamentado em um autor medieval, Hugo de São Vitor, que o tempo não desfez a imensa contribuição deixada por ele nas reflexões sobre a pedagogia, filosofia e teologia, dentre as quais está a ponderação da leitura e o seu poder transformador, temática desenvolvida nesta pesquisa; segundo, porque oito séculos mais tarde,

pensando na alfabetização dos adultos e na educação destes como uma atuação política, Paulo Freire apresenta reflexões sobre o ato de ler que se conectam com o pensamento Vitorino, possibilitando uma aproximação entre os pensamentos destes dois pensadores, além de demonstrar quão atual é a proposta de uma leitura teleológica defendida por Hugo de São Vitor no século XII.

### 3.3.1 Contextualizando Paulo Freire e sua reflexão sobre a consciência

Ainda que não seja necessária uma extensa apresentação de quem foi Paulo Freire (1921-1997), visto ser um autor muito conhecido e pesquisado em trabalhos acadêmicos na área das humanidades, conforme o site O mundo da educação, ele foi um filósofo, educador, pesquisador e escritor brasileiro. Publicou quase 40 livros, além de artigos acadêmicos e jornalísticos, tornando-se o terceiro autor mais citado em trabalhos acadêmicos na área de humanidades no mundo mediante sua obra *Pedagogia do Oprimido*, ficando atrás apenas do filósofo da ciência estadunidense Thomas Kuhn e do sociólogo estadunidense Everett Rogers[15]. Ele foi amplamente premiado por entidades e universidades, além de atuar em cargos de gestão pública e é considerado o patrono da educação brasileira desde 2012, conforme o artigo citado acima.

O cenário político e pedagógico no qual desabrocha o pensamento freiriano sobre a educação é dos anos 1960, período marcado por dois movimentos com impactos mundiais, como destacam os autores Luiz Percival Leme Britto e Cristiano Amaral Di Giorgi no artigo Leitura do mundo e educação em Paulo Freire:

> De um lado da Guerra Fria e do predomínio de duas potências totalitárias, forte movimento libertário, aí incluído um importante movimento cristão que se consolidaria na teologia da libertação. Ao mesmo tempo, as Ciências Humanas – Educação, Psicologia, Sociologia, Antropologia – constituíam novos paradigmas, indicando o protagonismo do sujeito no processo de aprendizagem e propondo metodologias de ensino que questionavam os modelos tradicionais, baseados na aquisição de conhecimento por exposição ostensiva e repetição (2022, p. 2-3).

A perspectiva freiriana consistia na Paulo educação de adultos, isto é, na alfabetização, que entendia este processo como uma atividade que relacionava o aprendizado com a atuação do indivíduo na sociedade, ou seja, a alfabetização assumiria um papel político, fazendo com

[15] Informações presentes no artigo publicado por Francisco Porfírio no site O mundo da Educação. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/paulo-freire.htm. Acessado em 19/10/2024.

que o ensino e a aprendizagem da escrita acontecessem à medida que o aluno toma consciência de si e do mundo.

Já é possível estabelecer uma aproximação entre a proposta de Paulo e o pensamento de Hugo de São Vitor, ainda que aconteçam em contextos diferentes, com pressupostos distintos e objetivos diferentes[16]. Para Paulo Freire, a tomada de consciência de si e do mundo acontece na alfabetização, levando o estudante a modificar o mundo. No pensamento Vitorino, o conhecimento de si acontece no conhecimento da Sabedoria, a *Sapiência*, o Criador de tudo, caminho no qual ele conhece o trabalho mecânico e desenvolve qualidades morais e vitais indispensáveis ao aprendizado e à formação pessoal. Em ambos os casos, o aprendizado leva o estudante a uma tomada de consciência de si e do mundo, ao desenvolvimento da atual sociedade e ao protagonismo do aluno.

No horizonte de Paulo Freire estava a libertação da denominada educação bancária, no horizonte de Hugo estava a resistência contra uma concepção "tecnicista"[17] emergente com o crescimento das cidades e a necessidade de mais mão de obra. Nota-se, portanto, que, embora os propósitos fossem diferentes, ambos destacavam a necessidade de libertar o homem das garras de uma ideologia dominante e restritiva. No tocante a Freire, falando sobre a libertação dos oprimidos pela educação, ele escreve: "Quero aprender a ler e a escrever para mudar o mundo' [é] a afirmação de um analfabeto paulista para quem, acertadamente, conhecer é interferir na realidade conhecida" (Freire, 1967, p. 112).

Todavia, como já citamos anteriormente, os pressupostos desses dois autores são divergentes, porque, para Freire, é uma realização materialista, que acontece simultaneamente entre o homem no mundo e o mundo no homem, sendo a educação o instrumento libertador de qualquer fantasia idealista, pensamento perceptível neste trecho da *Pedagogia do Oprimido*, sua obra de maior impacto, redigida durante o exílio no Chile entre 1967 e 1978:

> [...] a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem [e da mulher] abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens [e mulheres]. A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem [e mulher] abstração nem sobre este mundo sem homem [ou mulher], mas sobre os homens [e as mulheres] em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa (Freire, 1968, p. 45).

[16]A proposta de Hugo visa a formação do estudante, em Paulo Freire o objetivo é a alfabetização de adultos.

[17]A utilização do termo tecnicista não aparece no contexto de Hugo de São Vitor, por se tratar de um conceito desenvolvido na modernidade. Porém, esse conceito moderno descreve o que já estava acontecendo no século XII, a transformação da educação em um processo técnico e mecânico focado na lógica do trabalho.

No tocante a Hugo, essa realização acontece no encontro com o Criador, conduzindo o estudante, pelos degraus do conhecimento que leva à Sabedoria, à prática no mundo.

Para fundamentar essa teoria entre a consciência e o mundo, Paulo Freire empreende um caminho para compreender a consciência individual e coletiva, como Luiz Percival Leme Britto e Cristiano Amaral Di Giorgi:

> No esforço de compreender os homens e as mulheres – o humano em sua história –, bem como no empenho em fundamentar teórica e epistemologicamente sua ideia de "conscientização", Freire busca a compreensão da consciência mesma de que cada indivíduo – mas também as classes sociais – dispõe de si e do mundo (2022, p. 3).

No entanto, a conscientização de si e do mundo não acontece igualitariamente entre todas as pessoas em todos os contextos, porque alguns se encontram enclausurados em um plano de vida mais vegetativo, conduzindo-os a uma consciência intransitiva, configurando uma separação entre o homem e sua existência, como declara Paulo Freire: "representa um quase incompromisso entre o homem [e a mulher] e sua existência" (Freire, 1967, p. 58). Tal condição não se reproduz nas áreas urbanas, onde há um estado de consciência transitiva, que possibilita uma interação entre as pessoas e seu próprio mundo, como destaca o pensamento freiriano:

> [...] amplia o seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno e aumenta o seu poder de dialogação, não só com o outro homem [mulher], mas com o seu mundo [...]. Seus interesses e preocupações, agora, se alongam a esferas mais amplas do que à simples esfera vital (Freire, 1967, p. 59).

Essa transitividade, embora amplie a consciência de si e do mundo, ainda é, a princípio, uma expressão ingênua, como o próprio Freire afirma:

> A transitividade ingênua, fase em que nos achávamos e nos achamos hoje nos centros urbanos, mais enfática ali, menos aqui, se caracteriza, entre outros aspectos, pela simplicidade na interpretação dos problemas. Pela tendência a julgar que o tempo melhor foi o tempo passado. Pela subestimação do homem comum. Pela impermeabilidade à investigação, a que corresponde um gosto acentuado pelas explicações fabulosas. Pela fragilidade na argumentação. Por forte teor de emocionalidade. Pela prática não propriamente do diálogo, mas da polêmica (*Ibid.*, p. 59).

Nesse sentido, a transitividade ingênua é um estágio mais aprofundado de consciência com relação à intransitividade, porém, segundo Freire, ainda não é o ideal para a dialogação do homem consigo, com a sociedade e com o mundo. Sobre isso, acrescentam Ana Maria Boldo e Elisete Enir Garcia, citando Celso Rui Beisiegel (2010) afirma que a consciência transitiva ingênua é a consciência da existência bruta, articulada com coisas, transcorrendo no nível das

coisas e por isso destituída de subjetividade e perspectiva histórica" (Beisiegel, *apud* Baldo; Garcia, 2021, p. 61). Dessa forma, Paulo Freire descreve esse nível de consciência como aquele que se caracteriza:

> Pelas explicações mágicas. Esta nota mágica, típica da intransitividade, perdura, em parte, na transitividade. Ampliam-se os horizontes. Responde-se mais abertamente aos estímulos. Mas se envolvem as respostas de teor ainda mágico. É a consciência do quase homem-massa, em quem a dialogação, mais amplamente iniciada do que na fase anterior, se deturpa e se distorce (Freire, 1967, p. 62).

Paulo Freire ainda enxerga esse contexto como perigoso, porque ela é capaz de perceber as incoerências, mas é incapaz de promover a mudança e repousa em explicações surreais, como explica Luiz Gilberto Kronbauer:

> Ela não é capaz do pensamento autônomo porque não se arrisca na investigação pelas verdadeiras causas e, por isso mesmo, não é capaz de se aventurar na direção da mudança. É o tipo de consciência dependente, que transfere para os outros e para as instituições a responsabilidade pela solução dos problemas (2018, p. 104).

Essa forma de consciência não impulsiona o homem à sua própria libertação, antes o mantém em um cárcere e amordaçado. É seguindo esse raciocínio que Luiz Percival Leme Britto e Cristiano Amaral Di Giorgi percebem que a verdadeira mudança se encontra apenas na consciência crítica, capaz de ser desenvolvida apenas mediante uma intervenção política por força da educação, ainda que esta cumpra um papel de apropriação e não de causalidade na mudança.

> A criticidade, para nós, implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na sua inserção, na sua integração, na representação objetiva da realidade. Daí a conscientização ser o desenvolvimento da tomada de consciência. Não será, por isso mesmo, algo apenas resultante das modificações econômicas, por grandes e importantes que sejam. A criticidade, como a entendemos, há de resultar de trabalho pedagógico crítico, apoiado em condições históricas propícias (Freire, 1967, p. 60).

Assim, alinhado com esse pensamento freiriano, Luiz Gilberto Kronbauer assevera que a transitividade crítica é indispensável para que o homem possa interpretar profundamente os problemas e apresentar suas resoluções, ou seja, um cidadão que, despertado criticamente pela educação, possa participar como protagonista das intervenções públicas que discutem sua própria realidade enquanto indivíduo e participante da sociedade, como o próprio Freire afirma: "A transitividade crítica [...] a que chegamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para

a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas" (Freire, 1967, p. 60).

Há algo mais que precisa ser dito acerca da consciência transitiva crítica, é que ela tem mais uma marca, que diz respeito a uma troca entre o aprisionamento às coisas e a liberdade perante as coisas, objetivando a ênfase no ser e não no ter, como destaca Celso Rui: "pelo desprender-se ativo das coisas, pela aquisição de liberdade diante delas, pela historicidade" (Beisiegel, 2010, p. 31). Outro aspecto importante a ser levantado, ainda que já tenha sido postulado anteriormente, é, segundo Luiz Gilberto Kronbauer, a profundidade que a consciência transitiva crítica busca na interpretação dos problemas e o engajamento sociopolítico gerado através desta: "caracteriza-se pela profundidade com que interpreta os problemas e pelo engajamento sociopolítico" (Kronbauer, 2018, p. 104). Essa capacidade crítica e de engajamento, de acordo com Paulo Freire, é o que retomaria a matriz da genuína democracia: "a transitividade crítica é característica dos autênticos regimes democráticos e das formas de vida altamente interrogadoras, inquietas e dialogais, em oposição às formas de vida e regimes autoritários" (Baldo ; Garcia *apud* Freire, 2021, p. 62).

E assim, livres da ingenuidade e da ilusão produzida pela consciência intransitiva, o homem consegue perceber-se, ao passo que percebe também o mundo à sua volta, e atuar objetivamente mediante esta apropriação da realidade histórica, fazendo-se capazes de transformá-la.

### 3.3.2 A leitura do mundo em Paulo Freire

Pensar o conceito de leitura do mundo em Paulo Freire passa pelo marco inicial dessa ideia: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele" (Freire, 2001, p. 11).

Comumente a definição atribuída à "leitura" é fundamentada na observação e vivência que determinada "pessoa faz das coisas que vê, de processos que se passam em seu entorno, do que lhe acontece" (Brito; Di Giorgi, 2022, p. 7). Tal definição é, em alguns contextos, aproximada daquilo que defende o pensamento freiriano sobre a "leitura do mundo".

Todavia, Freire considera essa equiparação a mais um reflexo da instrumentalização autoritária da educação dominante que busca alienar as pessoas. É por isso que, segundo Luiz Percival Leme Britto e Cristiano Amaral Di Giorgi, Freire "vincula de forma estrita a aprendizagem da leitura-escrita à condição de cada um, e do coletivo, de dizer aquilo que é seu projeto de mundo e de vida, intervindo na sociedade e transformando-a de modo a fazê-la justa

e democrática" (2022, p. 7). Nesse sentido, a leitura do mundo seria o entendimento da vida vivenciada no dia a dia, envolvendo tanto as experiências subjetivas mais íntimas como as relações histórico-sociais mais complexas.

Contudo, é necessário fazermos um destaque não pouco importante sobre esse tema da leitura nas obras de Paulo Freire. Não há nenhum desenvolvimento sistemático sobre a leitura, seja como procedimento cognitivo, seja como intelecção do texto escrito, como Luiz Percival Leme Britto e Cristiano Amaral Di Giorgi, Freire demonstram:

> O tema específico da leitura, seja como procedimento cognitivo, seja como intelecção do texto escrito, não se encontra propriamente na obra de Paulo Freire, cujo cerne sempre esteve na educação – originalmente, na alfabetização de adultos e, em função da força epistemológica e política de seu argumento, nos processos formativos dos movimentos populares, na reflexão teórico-prática da ação cultural e, até mesmo, na educação escolar (2022, p. 7).

O que encontramos, quando ocorrem, são considerações sobre a interação com o texto escrito no processo de alfabetização, desenvolvendo a concepção do processo de apreensão desse texto.

Entretanto, ainda que não haja um desenvolvimento epistemológico sobre a leitura, como encontramos em Hugo de São Vitor, Freire estabelece uma relação entre o ato de ler e a percepção crítica da realidade, a consciência crítica desenvolvida no tópico anterior, fruto da consciência de si, da sociedade e do mundo, destacando as diferenças e desigualdades produzidas na história humana, como percebemos no trecho a seguir:

> O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem [e a mulher], afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel é de sujeito e não de mero e permanente objeto. A partir daí, o analfabeto começaria a operação de mudança de suas atitudes anteriores. Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que tanto ele, como o letrado, tem um ímpeto de criação e recriação (Freire, 1967a, p. 108).

A perspectiva freiriana na reflexão sobre a leitura não está tanto no ato propriamente dito, mas na consequência que esta produz na vida homem que outrora era analfabeto e, agora, passa a descobrir o novo, dando-lhe a capacidade de se refazer e interagir com o mundo ao seu redor, sem as amarras de um sistema opressor:

> Mais que escrever e ler que a "asa é da ave", os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de "escrever" a sua vida, o de "ler" a sua realidade, o que não será possível se não tomarem a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos (Freire, 1976, p. 13).

> Aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. O destino, criticamente, recupera-se como projeto (Freire, 1967, p.12).

Tal pensamento não é muito distante da concepção do mestre Vitorino, pelo menos no tocante a uma certa resistência, tendo em vista que ele está propondo uma educação humanista em detrimento de uma crescente valorização da educação profissionalizante, reduzindo a educação à formação profissional, que surgiu com o crescimento das cidades. Nesse caso, Hugo propõe uma educação que envolve a reflexão sobre o trabalho mecânico, uma filosofia do trabalho, sem perder o propósito primordial que é a formação do estudante.

Voltando para Freire, sua compreensão faz com que a aprendizagem da escrita-leitura, percebida como ato criador, implique necessariamente na compreensão crítica da realidade – expressão também usada para a leitura do mundo. No contexto de Hugo de São Vitor, a leitura conduz ao autoconhecimento no conhecimento do seu Criador, a *Sapiência*. É a partir desse conhecimento, que é tanto intelectual quanto formativo, que o homem interage com a realidade em torno de si.

Diante desse novo conhecimento, que proporciona um novo olhar sobre o conhecimento anterior, os alfabetizandos extrapolam os limites do passado, mediante sua própria análise do contexto social, desvelando-se a razão de ser dos fatos, desfazendo, com isso, as interpretações fantasiosas deles.

Portanto, para Paulo Freire, só faz sentido a aprendizagem da leitura-escrita se for para servir à ampliação da compreensão crítica da realidade e da tomada de atitude para sua transformação. Nesse sentido, o aluno aprende a ler e escrever como parte de uma educação que deseja despertar a construção da capacidade de aprender através do exercício crítico dos educandos comprometidos com o processo pedagógico, sem desprezar o momento anterior, dialeticamente respeitando e tensionando sua percepção de mundo, a qual é parte constituinte de quem ele é.

Com isso, Freire faz emergir os elementos da subjetividade e a individualidade de cada pessoa como elemento indispensável na aprendizagem, num movimento onde a compreensão da objetividade histórica depende da compreensão de si e do seu mundo.

É somente sob essa ótica profundamente fenomenológica, que trabalha a conexão entre a subjetividade e a objetividade, na qual a consciência de si gera uma transformação da realidade, que Freire encontra o caminho para fugir tanto do erro subjetivista quanto do erro mecanicista.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, texto com a finalidade de alcançar os professores que estão atuando diariamente em uma escola, Paulo Freire defende que a "explicação do mundo do(a) educando(a) faz parte da compreensão de sua própria presença no mundo" e que ela se encontra presente, objetiva ou subjetivamente na "leitura do mundo" que sempre antecede, na concepção freiriana, a "leitura da palavra". Isso porque, afirma Freire, "a leitura do mundo revela a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo" (Freire, 1996, p. 42, 63). A intenção desse processo é que o aluno possa escrever ou reescrever o mundo, ou seja, transformá-lo através de sua prática consciente.

No entanto, para que essa finalidade seja alcançada, é imprescindível que o educador respeite o educando em sua fala pessoal, ouvindo-o, para que aquele fale a este e não com este, como declaram Luiz Percival Leme Britto e Cristiano Amaral Di Giorgi:

> É imperativo reconhecer o direito da gente – o(a) educando(a), o(a) outro(a), com quem nos relacionamos e a quem dirigimos nossa palavra – de "dizer a sua palavra' e, portanto, de 'escutá-los', falando com ela e não a ela, pois 'simplesmente falar a eles seria uma forma de não os ouvir'; e, para falar com os educandos e educandas, devem os educadores e as educadoras (2022, p. 11).

Fundamentando a posição de ambos os autores, encontramos as palavras de Paulo Freire direcionando os docentes a assumirem essa postura de humildade para com os alunos e, assim, superarem juntos as ingenuidades: "'Assumir' a ingenuidade dos educandos para poder, com eles, superá-la. E assumir a ingenuidade dos educandos demanda de nós a humildade necessária para assumir também a sua criticidade, superando, com ela, a nossa ingenuidade também" (Freire, 1982, p. 17).

Em suma, a leitura do mundo e a leitura da palavra são um empreendimento que visa à alfabetização, ou que se deve realizar na alfabetização, manifestando um ato de conhecimento, criador e político.

## 3.4 A UTILIZAÇÃO DAS TDICS COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NA BNCC E NO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO

É corrente nas discussões sobre metodologias da educação a implementação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), como ferramentas que aproximam o processo de ensino-aprendizagem com o contexto diário dos alunos, possibilitando um maior interesse e engajamento nas diversas áreas da Educação Básica. Sobre

isso, o artigo Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar: possibilidades, disponibilizado no site da *Base Nacional Comum Curricular*, afirma:

> Na educação, as TDICs têm sido incorporadas às práticas docentes como meio para promover aprendizagens mais significativas, com o objetivo de apoiar os professores na implementação de metodologias de ensino ativas, alinhando o processo de ensino-aprendizagem à realidade dos estudantes e despertando maior interesse e engajamento dos alunos em todas as etapas da Educação Básica (Tecnologia..., 2024, p. 1).

Além do estímulo no uso dessas tecnologias, como ponto de contato entre a realidade dos estudantes e os processos pedagógicos, o Ministério da Educação e Cultura, pensando na implementação dessas ferramentas, recomenda que haja uma alfabetização e letramento digital, já que o uso informal das tecnologias não implica, necessariamente, em uma utilização formal destas no ensino-aprendizado. Acerca disso, encontramos a seguinte afirmação no artigo supracitado:

> As razões pelas quais as tecnologias e recursos digitais devem, cada vez mais, estar presentes no cotidiano das escolas, no entanto, não se esgotam aí. É necessário promover a alfabetização e o letramento digital, tornando acessíveis as tecnologias e as informações que circulam nos meios digitais e oportunizando a inclusão digital (Tecnologia..., 2024, p. 1).

Outrossim, como destacamos o incentivo do uso das TDICs presente na própria Base Nacional Comum Curricular, esta incorporou em suas competências gerais um parágrafo normativo/orientador sobre a aplicação dessas tecnologias a fim de refletir sobre o uso responsável e crítico, sempre objetivando a aquisição de conhecimento nas diversas áreas do saber:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, BNCC, 2018, p. 9).

Essa incorporação, segundo o mesmo artigo, também implica em uma caminhada conjunta entre docentes e discentes, despertando nos participantes do labor pedagógico a apropriação não apenas do conhecimento, mas das próprias ferramentas, como descrito abaixo:

> É preciso lembrar que incorporar as tecnologias digitais na educação não se trata de utilizá-las somente como meio ou suporte para promover aprendizagens ou despertar o interesse dos alunos, mas sim de utilizá-las com os alunos para que construam conhecimentos com e sobre o uso dessas TDICs (Tecnologia, 2024, p. 1).

No tocante ao uso dessas tecnologias na prática pedagógica, o Centro de Informação para a Educação Brasileira (CIEB) desenvolveu um Currículo de Referência em Tecnologia e Computação (2018)[18], que antecipa algumas possibilidades alinhadas à BNCC mediante três passos na educação tecnológica: cultura digital, tecnologia digital e pensamento computacional, para contribuir na utilização dessas tecnologias nas escolas.

Pensando nas metodologias ativas, elas proporcionam um envolvimento maior do aluno no processo de aprendizagem, encorajando-o a ser mais participativo e proativo na construção dos saberes. Elas possuem a capacidade de desenvolver os estudantes em diversas competências e habilidades, tais como: argumentação; comunicação; cultura digital; empatia e cooperação; pensamento científico, crítico e criativo; responsabilidade e cidadania; trabalho e projeto de vida.

De acordo com Sabrina Andrade, algumas abordagens que podem ser aplicadas em sala de aula pelos professores são: "aprendizagem baseada em problemas (PBL); ensino híbrido; estudo de caso; gamificação; mão na massa – hands on; promoção de seminários e discussões; sala de aula invertida; storytelling" (Andrade, 2020, p. 1).

Retornando à BNCC, encontramos na introdução da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas a necessidade de efetivar o protagonismo do aluno através das diversas formas de comunicação, inclusive a tecnológica:

> É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil, investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.) (Brasil, BNCC, 2018, p. 562).

A mesma recomendação também está presente no campo que discorre sobre o ensino de filosofia, especificamente na Competência 1, acerca do uso das tecnologias da informação como procedimento a ser implementado na análise de processos, visando a compreensão e o posicionamento crítico dos estudantes, mediante argumentação, conforme trecho abaixo:

> Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica (Brasil, BNCC, 2018, p. 562).

[18]O Currículo de Referência em Tecnologia e Computação está disponível em: https://curriculo.cieb.net.br/. Acesso em: 01/11/2024.

Essa recomendação é reforçada, e ainda mais especificada, na habilidade EM13CHS106, que compõe as habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes na área de Ciências Humanas Sociais e Aplicadas:

> Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, BNCC, 2018, p. 571).

Todavia, quais são os impactos desse incentivo em uma geração já marcada pela utilização demasiada das telas? Claro que não é nosso objetivo empreender uma análise minuciosa sobre esse tema, nem é o foco da nossa pesquisa, mas queremos apresentar uma reflexão fundamentada no pequeno recorte da nossa experiência lecionando a disciplina de Filosofia em escolas da rede privada, estadual e federal, além de uma entrevista realizada por Diogo Sponchiato, editor da *Revista Veja* e redator-chefe da Veja Saúde, com o neurocientista Michel Desmurget, um dos mais prestigiados neurocientistas do mundo, segundo site da editora Contraponto, com a seguinte biografia: "Doutorado em Neurociências, é diretor de investigação do INSERM[19]. Com livros traduzidos em vinte países, é autor do bestseller *A Fábrica de Cretinos Digitais – os perigos dos ecrãs para os nossos filhos*, que a Revista Contraponto publicou em 2021" (Desmurget, 2024, p. 1).

## 3.5 OS IMPACTOS DO USO DAS TDICS EM UMA CULTURA DA TELA, AS OBSERVAÇÕES DO PSICANALISTA MICHEL DESMURGET E A DESVALORIZAÇÃO DE UMA LEITURA TELEOLÓGICA PROPOSTA POR HUGO DE SÃO VITOR

Como já mencionamos na introdução deste trabalho, tivemos a honra de participar de dois projetos de iniciação à docência, no período de trinta seis meses (01/2018 – 03/2022), o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – e a Residência Pedagógica, ambos objetivando não apenas uma observação da prática docente, mas a própria iniciação na prática; transitando em três espaços escolares bem distintos, sendo duas escolas de referência (EREM – Escola de Referência do Ensino Médio) e um Instituto Federal (IFPE- Instituto Federal de Pernambuco, polo Recife), onde pudemos perceber uma grande dificuldade na

[19] De acordo com o site Vide Editorial, o INSERM é o Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica da França. Disponível em: https://videeditorial.com.br/index.php?route=product/author&author_id=7939. Acesso em: 01/11/2024.

educação básica, a partir deste pequeno recorte, a saber, a falta de leitura por parte dos estudantes e uma certa dependência no uso de aparelhos eletrônicos, especialmente os smartphones, que mesmo sob proibição dos professores sua presença era perceptível nas carteiras.

Além desse contexto, outro fato nos chamou a atenção: os estudantes não levavam os livros didáticos para casa. Essa situação inusitada nos fez perceber que a leitura destes e de outros livros poderia não acontecer no dia a dia dos alunos, exceto nos momentos em que estavam na escola, o que poderia se constituir como um reforçamento negativo, associando que a leitura é coisa da escola.

Ainda vivenciamos outra experiência na educação básica que aconteceu em uma escola da rede privada de ensino, que, embora o contexto seja outro, o problema permanece, ou, caso não seja um problema real, o mesmo cenário se reproduz: os estudantes continuam negligenciando a prática da leitura e manifestando uma certa dependência no uso de aparelhos eletrônicos, especialmente os smartphones, sempre presentes à mão ou carteiras.

Pensando nessa temática com certa preocupação, o neurocientista Michel Desmurget oferece a solução para modificar os problemas já evidentes pela onipresença das telas, games, redes sociais e similares, a saber, a leitura, como destaca Diogo Sponchiato:

> Em Faça-os Ler!, publicado pela editora Vestígio, ele reúne uma avalanche de estudos para mostrar que esse hábito – sobretudo quando cultivado por prazer, fora das obrigações escolares – tem sido corroído pela vida virtual, numa troca que faz crianças e adolescentes perderem as vantagens únicas oferecidas por livros e revistas (Desmurget, 2024, p. 11).

Quando questionado sobre a denúncia feita por ele sobre uma redução gradual e perigosa nos níveis de leitura em face do uso dos meios eletrônicos, Michel Desmurget responde:

> Numerosos estudos confirmam que, nos últimos cinquenta anos, o tempo de leitura diminuiu drasticamente, e isso está relacionado ao aumento no tempo dedicado às telas. As horas que nossos filhos destinam ao entretenimento digital têm de ser roubadas de algum lugar, de modo que as telas consomem hoje quase todo o período antes reservado à leitura. E, como esperado, à medida que os mais novos leem menos, cai também sua proficiência na leitura [...] a maioria dos países ocidentais registrou um declínio nas competências linguísticas e no desempenho de leitura entre os jovens (2024, p.11).

Todavia, alguém poderia questionar que as crianças, adolescentes e jovens também podem fazer leituras via smartphones, tablets ou computadores. A isso, Michael Desmurget respondeu:

> As pessoas dizem que as crianças gostam de ler. Só que, no fim das contas, elas não estão lendo. Preferem jogar videogames ou assistir a séries ou desenhos animados. Também nos dizem que nunca leram tanto desde o

> advento da internet, mas isso não é verdade. O tempo de tela dedicado à leitura não excede 2% a 3% do período total dedicado aos meios eletrônicos, dependendo da idade. Fora que o conteúdo é pobre demais do ponto de vista linguístico para oferecer um efeito benéfico. A maioria dos estudos mostra que o tempo gasto em blogs e redes sociais impacta negativamente as habilidades com o idioma e o desempenho acadêmico (2024, p. 12).

Ainda discorrendo sobre os problemas oriundos desse uso desenfreado dos digitais, ele assevera sobre os problemas já identificados em investigações científicas e observações do cotidiano:

> O excesso de telas está por trás de uma proliferação de problemas relacionados à linguagem, atenção, memória e impulsividade, levando a um declínio na capacidade intelectual de nossos filhos. Os últimos estudos do Pisa (*Programa Internacional de Avaliação de Estudantes*) reforçam essa preocupação [...] E 41 estados americanos estão levando o caso aos tribunais sob a acusação de que eles causam 'danos significativos à saúde física e mental' (Desmurget, 2024, P. 12).

Não obstante, o estímulo para o uso da tecnologia continua crescente, com pessoas cada vez mais engajadas no mundo digital e cada vez menos conectadas com o mundo real, quase que uma versão atualizada e em tempo real do filme Matrix. Baseado nessa construção social, Michel Desmurget enxerga o futuro da humanidade da seguinte forma:

> É claro que podemos viver e encontrar a felicidade sem ler. No entanto, uma vez que se aceita esse princípio, surge a questão: o que perdemos quando não lemos? A resposta é simples: perdemos uma parte essencial daquilo que nos torna humanos. Não é por acaso que os livros e a linguagem têm sido consistentemente alvos das ditaduras mais implacáveis. Os nazistas queimaram mais de 100 milhões de livros e, como bem destacou o acadêmico Vicente Klemperer, embarcaram em um processo de empobrecimento linguístico semelhante ao descrito por George Orwell em seu romance 1984. Em Minha Luta, Hitler retrata a literatura como um veneno para as pessoas. A melhor ilustração de como seria um mundo sem a leitura é, a meu ver, fornecida por Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo*. Nele, o autor descreve uma massa voluntária de técnicos devotados, moldados para atender às necessidades econômicas, alimentados à força por entretenimento estúpido e contentes com a servidão que mal podem perceber. Em contraste com eles, Huxley descreve uma pequena elite equipada com as ferramentas linguísticas e culturais necessárias ao pensamento. Encontramos a mesma ideia no romance *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. De um lado, está o bombeiro Montag, cansado de queimar livros, refletindo sobre o mundo e a sociedade. Do outro, sua esposa Mildred, viciada em TV e em drogas psicotrópicas. Ler é o antídoto para Mildred. É o caminho para a emancipação (2024, p. 12).

Se a continuada escalada no uso das tecnologias digitais, ou, quem sabe, seja melhor utilizar a metáfora da descida vertiginosa, já tem produzido efeitos catastróficos nas crianças, adolescentes e jovens, como podemos atuar, pelo menos, na busca de um equilíbrio desse contexto? Sobre isso, o autor supramencionado propõe uma reeducação doméstica

fundamentada na prática da leitura familiar, que, segundo ele, trará uma contribuição significativa por três razões:

> Em primeiro lugar, porque é a família que estabelece a identidade de meninos e meninas como leitores ao demonstrar a importância dos livros. Isso envolve ler histórias com frequência para os mais novos, levá-los a bibliotecas, modelar esse comportamento desde cedo. Em segundo lugar, a família equipa a criança com os pré-requisitos para o aprendizado. E, nesse sentido, é crucial entender que a linguagem escrita é mais rica e complexa que a falada. Estudam revelam que há maior riqueza verbal nos álbuns ilustrados pré-escolares do que em qualquer conversa, desenho ou programa de TV infantil. Daí a importância da leitura compartilhada entre os pais e os filhos. Elas devem começar cedo – entre 3 e 6 meses de vida, segundo pesquisas – e continuar pelo maior tempo possível. Muitos pais deixam de fazer isso quando percebem que os filhos já começam a ler de forma independente. Mas é um erro porque, nesse momento, a criança não está aprendendo a ler de fato, e sim a decodificar o que está escrito, ler não é só decodificar. Exige compreensão. Quando a atividade é feita em família, ajudamos os mais novos a desenvolver as competências para ler com autonomia, a lidar com textos mais complexos e, portanto, mais enriquecedores, e a preservar a alegria da leitura. Não podemos esquecer que, nesse início, ler exige esforço e o prazer nem sempre é imediato. E, sem prazer, não haverá leitor. Por fim, os estudos mostram que as escolas não conseguem cumprir esse papel tão bem como as famílias. Não quero dizer que os professores sejam incapazes ou não possam ler histórias. Mas eles têm um tempo limitado para essas atividades, geralmente feitas em grupo. Nesse aspecto, a família proporciona um ambiente insubstituível (Desmurget, 2024, p. 13).

Entretanto, hoje temos literatura em muitos formatos diversos, desde os digitais aos físicos. Ler um livro digital ou escutar um áudio book ainda assim seria uma leitura. Acerca disso, Michel Desmurget traça uma diferenciação no resultado da compreensão e memorização entre as leituras feitas em livros físicos e em conteúdos digitais:

> Os resultados revelam duas coisas. Quando o trecho é simples, não há diferença entre eles. Mas, quando ele é complexo, emerge a superioridade do papel. No formato impresso, conseguimos nos concentrar melhor, esclarecer mais facilmente mal-entendidos e, diante daquela unidade espacial, navegar dentro do texto, o que repercute na hora de recordar elementos e fazer uma representação mental do que foi escrito. O cérebro se orienta melhor no livro físico do que numa estrutura virtual. Isso não quer dizer que os outros meios devem ser banidos. É preferível que crianças ouçam audiobooks ou leiam livros digitais do que desperdicem anos decisivos na *Netflix*, no TikTok ou no videogame. É como escreveu Umberto Eco: ‘O livro é como a colher, o martelo, a roda ou o cinzel. Depois de inventá-los, você não poderá fazer nada melhor’ (2024, p. 13).

É nesse sentido que a contribuição de Hugo de São Vitor assume um papel importantíssimo no contexto do ensino e estudo de filosofia na educação básica. Claro que Hugo não está enfrentando a reflexão contemporânea do uso de aparelhos digitais tanto na vida quanto na educação. Mas, em face da crescente onda de uma educação restrita à

profissionalização como resposta à necessidade de mão de obra para suprimento das cidades em crescimento, Hugo reitera a indispensabilidade do caráter formativo da educação, a partir da leitura de livros, ou seja, a prática da leitura de livros já contribui na formação dos estudantes, conforme observações acima apresentadas por Michel Desmurget. Para Hugo de São Vitor, conhecimento e leitura de livros, inclusive as Escrituras, são duas coisas inseparáveis. É mediante elas que alcançamos o autoconhecimento, o conhecimento do Criador, do mundo e da Sabedoria, e nisto consiste a filosofia, o amor à Sabedoria, e a reflexão sobre o que ler, como ler e quando ler.

Portanto, o objetivo desta pesquisa não é negar o avanço tecnológico ou a contribuição que o uso dos digitais proporciona à educação e ao ensino e estudo de filosofia na educação básica. Também não é nosso desejo, nem pretensão, abolir a aplicação de metodologias ativas no trabalho do docente em filosofia, ou em qualquer outra área do saber. Outrossim, não é nosso intento atribuir toda a problemática do uso demasiado dos digitais ao ambiente escolar, embora, hoje, há estudantes que passam mais tempo na escola do que em casa ou em qualquer outro contexto.

Nosso desejo é acrescentar dados nessa reflexão, à luz de um filósofo, teólogo e pedagogo medieval, Hugo de São Vitor, que tem muito a ofertar à educação contemporânea, ainda que seja um medievalista.

# 4 INTERVENÇÃO: A INVESTIGAÇÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONHECIMENTO FILOSÓFICO ATRAVÉS DA METODOLOGIA VITORIANA FUNDAMENTADA NA LEITURA

Neste capítulo, iremos apresentar nossa intervenção realizada na escola campo, descrevendo a escola, os participantes, a tecnologia escolhida para coleta de dados, o questionário, os resultados e as análises dos resultados obtidos.

## 4.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

**Figura 1: Instituição de Ensino – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife**

Fonte: portal.ifpe.edu.br, 2023.

Nossa intervenção aconteceu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, localizado na Avenida Prof. Luiz Freire, 500, Cidade Universitária, Recife – PE.

O IFPE Campus Recife, como popularmente o instituto é conhecido entre nós, é uma escola que goza de grande reputação no tocante à qualidade do ensino e na formação dos estudantes, atraindo alunos de diversas cidades nas proximidades do Recife. Essa instituição tem como missão:

> promover a educação “profissional, científica e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, com base no princípio da indissociabilidade das ações de Ensino, Pesquisa e Extensão, comprometida com uma prática cidadã e inclusiva, de modo a contribuir para a formação integral do ser humano e o desenvolvimento sustentável da sociedade (Instituto Federal de Pernambuco, 2023, p.1).

Essa missão é tão somente o reflexo da visão que a instituição tem e que se concretiza diariamente em sua prática, de tal modo que o anseio manifesto pela comunidade estudantil em pertencer ao IFPE, testifica desse comprometimento evidente na escola, conforme declaração presente em seus documentos normativos:

> Ser reconhecido como uma instituição comprometida com uma prática cidadã e inclusiva na formação humana, promotora de transformação social e alinhada, até 2026, com o desenvolvimento institucional e com os seus valores de Inclusão, Sustentabilidade, Integridade, Gestão Democrática e Governança Pública, assumidos como um compromisso do IFPE com a comunidade acadêmica e a sociedade (Instituto Federal de Pernambuco, 2023, p.1).

Mas, para que se efetive tanto a missão quanto a visão, se faz necessário um caminho sólido, alicerçado em princípios que norteiam todas as práticas desenvolvidas no âmbito escolar. Sobre isso, a instituição declara:

> Inclusão: é a prática do respeito à diversidade, à pluralidade e às diferenças. Representa o que é diverso e múltiplo; Sustentabilidade: é o desenvolvimento que atende ao presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações, primando, em suas três dimensões, pela integração econômica, social e ambiental, por meios de programas e políticas centrados nas questões sociais e, particularmente, nos sistemas de proteção e justiça social; Integridade: é o comprometimento e o apoio da alta administração e de todos os servidores para que se possa garantir que a instituição preste serviços de forma eficiente, eficaz e de qualidade à sociedade, permitindo o adequado gerenciamento das estratégias de monitoramento para prevenir, detectar e punir atos de corrupção e desvios de conduta; Gestão democrática: é a forma de gerir a instituição de maneira que possibilite a participação, a transparência, a democracia, o respeito às pessoas, a pluralidade, a inclusão e a diversidade, permanentemente alinhados à Constituição Federal de 1988, que aponta a gestão democrática como um dos princípios para a educação brasileira; e Governança Pública: significa um compromisso com os mecanismos de liderança, estratégia e controle postos em prática para avaliar, direcionar e monitorar a gestão, com vistas à condução das políticas institucionais direcionadas à prestação de serviços de interesse da sociedade e à geração de valor público (*Ibid*, p.1).

Tudo isso faz do IFPE Campus Recife uma escola de referência em nosso estado e uma opção sempre presente na carreira acadêmica dos nossos estudantes.

## 4.2 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi desenvolvida com alunos do primeiro período das turmas de Edificações e Mecânica.

Aproximadamente setenta e cinco alunos participaram da intervenção, dos quais apenas vinte e seis responderam ao questionário de avaliação, conforme gráfico a seguir.

Entendemos que alguns fatores foram relevantes para esse baixo envolvimento de trinta e seis por cento dos estudantes. Primeiro, o semestre curto e quebrado que perdura desde o contexto da pandemia, gerando um certo congestionamento na realização das atividades. Segundo, por força do calendário, o questionário foi aplicado no final do ano, durante as festividades de Natal e Réveillon, o que sem dúvida desencorajou os estudantes em contribuírem em nossa pesquisa. Outro fator que pode ter contribuído, mas que não tem relação nem com o calendário nem com a organização, é o baixo interesse pela disciplina de Filosofia ainda presente nas turmas do ensino médio. Essa realidade pode ser um reflexo das inúmeras discussões sobre a presença ou não da filosofia no currículo do ensino médio como disciplina obrigatória, e da desvalorização, ora mais forte, ora menos forte, mas sempre no tocante à filosofia.

## 4.3 CAMPO METODOLÓGICO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a possibilidade de conhecimento filosófico, no ensino de filosofia, em três turmas do primeiro ano do ensino médio Integrado do IFPE, utilizando a metodologia vitoriana da leitura. Considerando a complexidade do tema e a necessidade de uma compreensão profunda e abrangente da intervenção, optou-se por uma abordagem metodológica mista que concilia o aspecto qualitativo e quantitativo. A pesquisa qualitativa, por meio da aplicação do questionário com perguntas subjetivas, permitirá explorar os significados subjetivos atribuídos pelos participantes ao objeto de estudo, aprofundando a compreensão das suas experiências e percepções. Por sua vez, a pesquisa quantitativa, por meio da aplicação de perguntas objetivas do questionário, possibilitará a coleta de dados numéricos que permitirão identificar padrões, tendências e generalizar os resultados para uma população mais ampla. Essa combinação metodológica garante uma visão mais completa e rica do fenômeno em estudo, superando as limitações de cada abordagem isolada. Sobre isso, afirma J. W. Creswell: "A pesquisa qualitativa [...] busca compreender a perspectiva dos participantes,

enquanto a pesquisa quantitativa [...] busca generalizar os resultados para uma população maior" (Creswell, 2014, p. 45).

### 4.3.1 Instrumentos para coletas de dados

Para coleta de dados, nós lançamos mão de um instrumento que poderia potencializar a resposta para a nossa questão inicial: a metodologia vitoriana da leitura possibilita o conhecimento filosófico, no ensino de filosofia, nas turmas do primeiro do ensino médio Integrado do IFPE? Para isso, realizamos um questionário composto por perguntas objetivas e subjetivas, através da ferramenta Google forms, buscando coletar dados gerais e particulares necessários à investigação, que viabilizem uma análise satisfatória e realista acerca do problema da pesquisa, a saber, o déficit de leitura por parte dos estudantes de filosofia no ensino médio e como a metodologia da leitura de Hugo de São Vitor pode impulsionar tanto a leitura quanto o conhecimento filosófico.

O quadro a seguir apresenta os instrumentos, seguido de objetivo e de justificativa para a escolha.

**Quadro 1: Instrumento para coleta de dados**

| **Estratégia** | **Instrumento** | **Objetivo** |
|---|---|---|
| Pesquisa de Campo | Questionário Google forms para os estudantes | Investigar a possibilidade do conhecimento filosófico, no ensino de filosofia, nas turmas do primeiro ano do ensino médio Integrado no IFPE, mediante a metodologia vitoriana da leitura |

Fonte: Autoria própria, 2025

A construção dos resultados contribuiu para percebermos que precisamos pensar sobre como o estudante do ensino médio tem utilizado o seu tempo, especialmente quando está no ambiente escolar, alguns passam oito horas na escola, e como ele tem lido, o que tem lido, quanto tempo dedica à leitura e quais os resultados dessa leitura. É imprescindível que toda a comunidade escolar esteja envolvida em reflexões sobre o resgate da leitura, especialmente de livros, que contribui para o desenvolvimento da criatividade, imaginação, autonomia e formação do estudante.

### 4.3.2 Análise e discussões dos dados

Quando olhamos para a história da filosofia, percebemos que a filosofia surgiu como um esforço de pensamento meticuloso há aproximadamente dois mil e quinhentos anos, ainda que haja discussões sobre essa origem grega da filosofia. No começo, ainda vinculada ao pensamento mítico, procurou esclarecer o significado das coisas e a razão dos fenômenos. Nesse contexto, o mito era utilizado para encontrar respostas plausíveis aos fenômenos naturais e aos comportamentos.

Em relação à filosofia, pode-se afirmar que a admiração traz consigo a dúvida, que esclarece o sentido das coisas, estimulando o conhecimento de diversas maneiras, instigando novas incertezas sobre o que se acredita saber, que por sua vez, conduz à absoluta certeza sobre o que foi aprendido através da observação atenta e curiosa.

O inquietante sentimento de perda, uma constante ao longo da história humana, faz com que o ser humano reflita sobre sua própria existência, o propósito de sua vida, a morte e até mesmo a razão de estarmos neste mundo e o propósito da nossa estadia aqui. Assim, o ser humano sempre se apresenta como um ser inquisitivo, sempre em busca de desvendar a vida e seus enigmas.

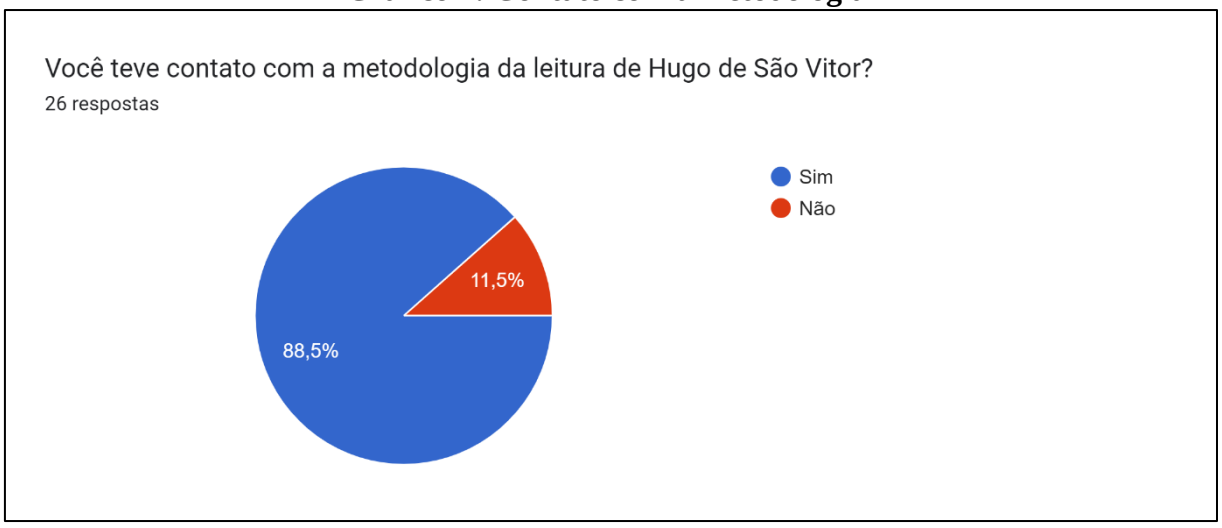
Portanto, para a análise dos dados do estudo, parte-se do pressuposto de que os resultados alcançados proporcionam novas reflexões, podendo representar o conceito de que a aquisição de uma nova visão pode representar oportunidades para mudanças.

Foi nesse espírito, que, primeiramente, apresentamos o problema da nossa pesquisa (o déficit de leitura de livros em detrimento do uso exacerbado de aparelhos eletrônicos) e a proposta metodológica vitoriana da leitura. A seguir, acompanhamos os alunos durante os seus estudos até a finalização do período letivo, sempre lembrando-os sobre os benefícios da metodologia vitoriana no estudo da filosofia. Finalmente, passadas essas etapas, enviamos por whatsapp um questionário produzido no Google forms (**Apêndice A**), composto por 3 (três) questões objetivas e 2 (duas) questões subjetivas, para três turmas do primeiro ano do ensino médio Integrado do IFPE, sendo duas do curso de Edificações e uma de Mecânica, totalizando aproximadamente 75 alunos, dos quais apenas 26 (vinte e seis) responderam o questionário, sendo 15 (quinze) do sexo feminino e 11 (onze) do sexo masculino, recorte que utilizaremos para fazer nossa análise. Sobre a baixa adesão dos estudantes, já apresentamos uma análise acima, no tópico “descrição dos participantes da pesquisa”.

#### 4.3.2.1 Os participantes da pesquisa falam: o que os estudantes pensam sobre a metodologia vitoriana da leitura?

A primeira pergunta do questionário tem como objetivo sondar se todos os alunos tiveram contato com a metodologia apresentada em sala de aula, relembrada em diversas ocasiões e disponibilizada em PDF via whatsapp, nos grupos das turmas, para todas as pessoas envolvidas na pesquisa. Porque era imprescindível que todos os participantes do experimento tivessem contato com a metodologia vitoriana da leitura.

**Gráfico 1: Contato com a metodologia**




Fonte: Autoria própria, 2025

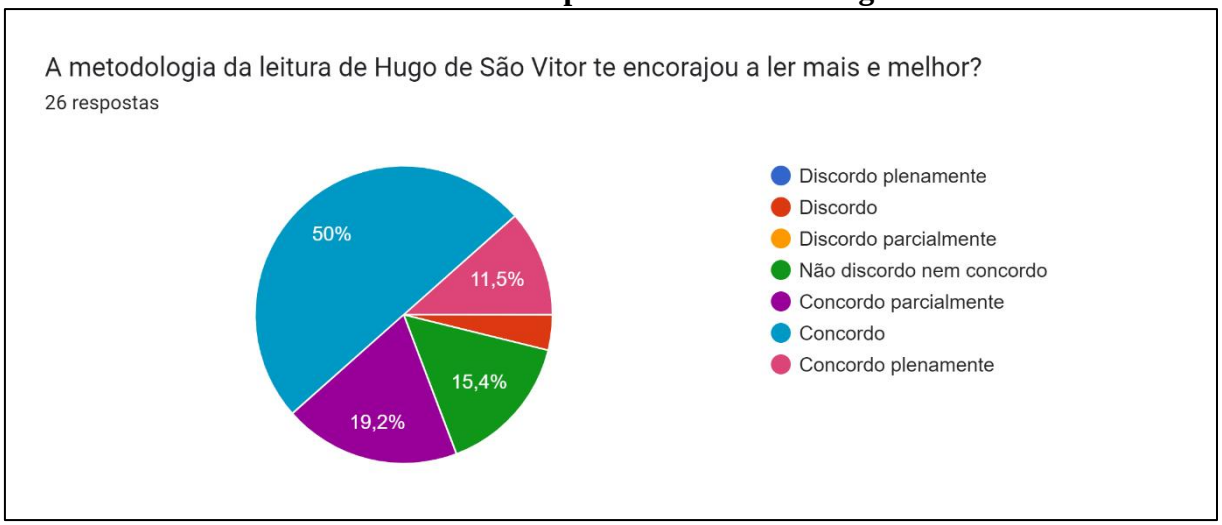
Dos vinte e seis estudantes que responderam ao questionário, três relataram que não tiveram contato com a metodologia (**cf. gráfico 1**), mesmo que tenhamos feito sua apresentação com duração de uma aula em cada turma participante do experimento, relembrado a metodologia em diversos encontros e disponibilizado uma sinopse nos grupos de whatsapp das turmas. Como não temos informações sobre a interpretação dada à palavra “contato” na pergunta acima – podendo ser relacionada com a utilização da metodologia, não apenas sua audição –, pensamos em algumas hipóteses: 1) Esses alunos não estavam presentes no dia da apresentação nem nas vezes que a metodologia foi relembrada, e, por não saberem do que se tratava, não tiveram interesse em ler o conteúdo disponibilizado publicamente nem o utilizar, razão pela qual responderam que não tiveram contato. 2) Esses alunos não estavam presentes no dia da apresentação, mas ouviram falar nas diversas vezes que a metodologia foi relembrada, sem, contudo, terem interesse em ler o conteúdo e utilizar a metodologia, por isso responderam que não tiveram contato. 3) Esses alunos estiveram presentes no dia da apresentação, mas não ouviram os diversos lembretes, não tiveram interesse em acessar o documento com o conteúdo

e utilizá-lo, dessa forma responderam que não tiveram contato. 4) Esses alunos estiveram presentes no dia da apresentação, ouviram os diversos lembretes sobre a metodologia, mas não tiveram o desejo de acessar o conteúdo nem o utilizar, entendendo que isso implica em não ter contato. 5) Esses alunos estiveram presentes no dia da apresentação, ouviram os diversos lembretes sobre a metodologia, acessaram o conteúdo disponibilizado, mas, ainda assim, por não a utilizar responderam que não tiveram contato.

No entanto, vinte e três alunos tiveram contato com a metodologia, seja na apresentação, nos lembretes ou no documento disponibilizado nos grupos.

Na próxima pergunta, buscamos entender se a metodologia vitoriana da leitura proporcionou alguns efeitos positivos ao estudo mediante a leitura, especialmente na disciplina de filosofia.

**Gráfico 2: Efeitos positivos da metodologia**




Fonte: Autoria própria, 2025

Sobre essa pergunta, percebemos que vinte uma das respostas variaram entre concordo parcialmente e concordo plenamente, quatro declararam não concordar nem discordar e um estudante, que teve contato com a metodologia, respondeu “discordo”, ou seja, não se sentiu encorajado para ler mais e melhor após o contato com a metodologia da leitura vitoriana.

Das quatro respostas “não concordo nem discordo”, duas foram dadas por alunos que tiveram contato com a metodologia e duas por alunos que não tiveram contato com a metodologia. Se essas respostas viessem de estudantes que não tiveram contato com a metodologia, afirmaríamos que a falta de contato promoveu essa incerteza, podendo ser o caso de duas das respostas, porque é muito difícil, senão impossível, avaliar uma metodologia sem nem ter contato com ela. Mas, duas respostas vieram de pessoas que tiveram contato com a metodologia. Em comparação com o total de participantes da pesquisa, esse número de

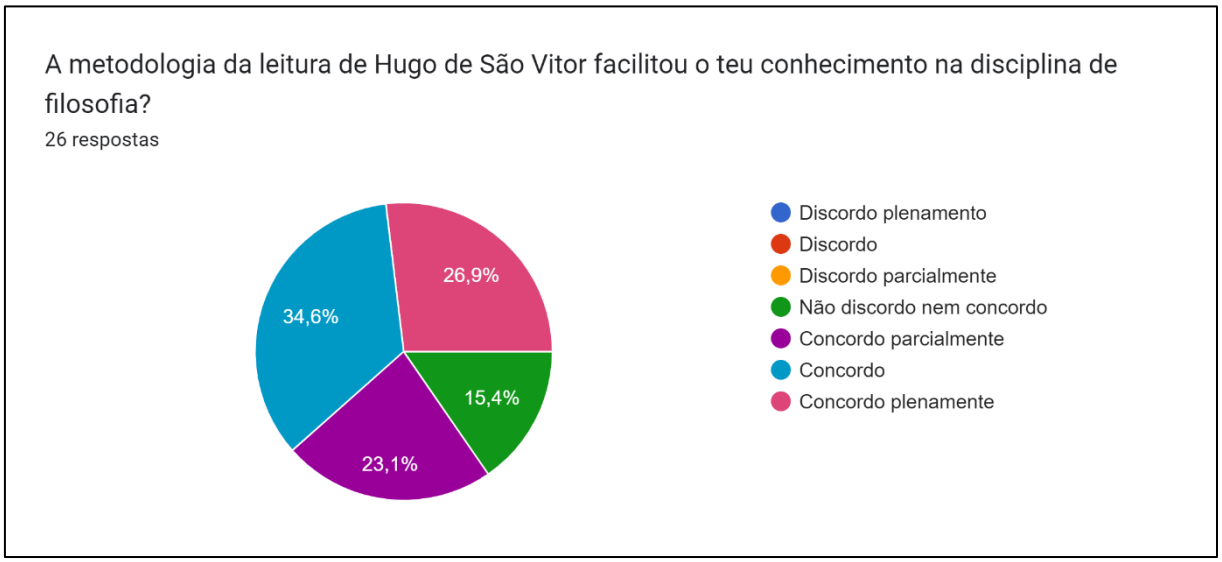
respostas “não concordo nem discordo” representa 15,4%. Se levarmos em consideração apenas o número de estudantes que tiveram contato com a metodologia vinte e três (23), e que responderam “não concordo nem discordo”, esse número corresponde a 8,6% do total, ou seja, apenas duas pessoas das vinte e três (23).

Individualizando um pouco mais nossa análise, notamos que um estudante, dos dois acima, “concordou parcialmente” quando respondeu à pergunta: “A metodologia da leitura de Hugo de São Vitor facilitou o teu conhecimento na disciplina de filosofia?” Quando solicitamos que explicasse “como a metodologia vitoriana da leitura contribuiu na tua formação e no conhecimento da filosofia”, sua resposta foi a seguinte: “No estudo da filosofia, a leitura – diferente de outras formas de aprendizado – foi a que mais contribuiu e auxiliou para meu desempenho”. E, quando perguntamos “Você recomendaria a metodologia vitoriana da leitura para outros estudantes?”, a resposta dada por ele foi “Recomendaria, entretanto, pode não ser um método útil para todos os estudantes, uma vez que, exige de capacidades neurológicas e o ambiente correto. Então, tais pontos devem ser considerados antes da recomendação da metodologia”. Notamos, portanto, que a metodologia acrescentou algo positivo no estudo da filosofia, especialmente no campo da leitura, capaz de levá-lo a recomendar sua utilização. Todavia, ficou evidente, mediante essa resposta, que a metodologia apresentou uma limitação no tocante à inclusão de pessoas com deficiências intelectuais. No tocante ao segundo estudante que teve contato com a metodologia, mas respondeu “não concordo nem discordo”, sua resposta à pergunta “A metodologia da leitura de Hugo de São Vitor facilitou o teu conhecimento na disciplina de filosofia?” também foi “concordou parcialmente”. Quando ele passou a explicar “como a metodologia vitoriana da leitura contribuiu na tua formação e no conhecimento da filosofia”, sua resposta foi a seguinte: “Na minha formação não, pois eu já tinha o hábito de ler e estudar através de livros.” Porém, ao perguntarmos “Você recomendaria a metodologia vitoriana da leitura para outros estudantes?”, a resposta dada por ele foi “Sim, recomendaria especialmente para estudantes que tem dificuldade na compreensão dos assuntos didáticos.” Notamos, portanto, que houve uma compreensão reducionista da metodologia vitoriana da leitura, como se ela apenas estimulasse a prática da leitura de livros, ora praticada por esse aluno. É possível que, para esse estudante, tenha havido algum ruído na compreensão, seja por parte da exposição ou da assimilação do conteúdo, porque o mestre Vitorino não tencionou somente estimular a leitura, mas escreveu uma filosofia da leitura, ou, ainda, uma formação filosófica e pessoal mediante a leitura teleológica. O que se constitui em uma reconfiguração do modo de ler.

No restante das respostas, vinte e uma (21), tivemos 11,5% (equivalente a 3 estudantes) respondendo “concordo plenamente”, 19,2% (equivalente a 5 estudantes) respondendo “concordo parcialmente” e 50% (equivalente a 13 estudantes) respondendo “concordo”. Os três alunos que responderam “concordo plenamente” testemunharam que de fato a metodologia vitoriana da leitura trouxe um ganho significativo na forma de estudar, especialmente na disciplina de Filosofia. Os cinco alunos que responderam “concordo parcialmente” também apresentaram um parecer positivo sobre a metodologia vitoriana da leitura, apesar de um deles ter destacado que “é mais razoável ter um repertório de técnicas de estudo maior. Em vista disso, recomendo sim para outras pessoas testarem a metodologia”. Isto é, segundo esse estudante, o aluno deve ter o conhecimento de mais de um método. Entendemos que essa foi a razão de ter escolhido a opção “concordo parcialmente”. Já os 13 alunos que responderam “concordo” declararam, em sua grande maioria, que a metodologia produziu ganhos nos seus estudos na disciplina de Filosofia, embora que um desses fez o seguinte comentário: “Não teve alguma contribuição muito significativa, mas foi útil pata estudar certas coisas, facilitou um pouco”, ou seja, ainda que não tenha sido tão promissora, não deixou de contribuir nos estudos deste aluno.

Na pergunta a seguir, procuramos entender se a metodologia vitoriana da leitura facilitou o conhecimento filosófico na disciplina de Filosofia.

**Gráfico 3: Facilitadora do conhecimento**




Fonte: Autoria própria, 2025

O percentual de respostas “não discordo nem concordo” permaneceu o mesmo da pergunta anterior, 15,4% (equivalente a 4 estudantes), sendo três dos estudantes que não tiveram contato com a metodologia (uma resposta esperada); outra por um estudante que declarou ter

sido encorajado pela metodologia para ler mais e melhor, e que no caso da filosofia “essa abordagem faz toda a diferença”, resposta que parece se distanciar da escolha de “não discordo nem concordo”.

As demais respostas se configuraram da seguinte forma: 23,1% (equivalente a 6 estudantes) “concordo parcialmente”, 26,9% (equivalente a 7 estudantes) “concordo plenamente” e 34,6% (equivalente a 9 estudantes) “concordo”. Concluímos, portanto, que a metodologia vitoriana da leitura contribuiu para o conhecimento filosófico na disciplina de Filosofia.

As próximas duas perguntas realizadas aos alunos foram de caráter subjetivo, a fim de observarmos os testemunhos dos estudantes sobre suas experiências com a metodologia vitoriana da leitura. Na primeira pergunta, pedimos para eles explicarem como a metodologia vitoriana da leitura contribuiu na sua formação e no seu conhecimento filosófico. Vamos apresentar algumas das respostas que avaliamos expressar a reflexão da maioria dos participantes:

“Acredito que, antes de utilizá-la, eu fazia uma leitura muito passiva e superficial do tema que estava lendo. Me ajudou muito nessa questão.”

“Eu comecei a ler mais e compreender melhor as coisas.”

“A meditação na leitura foi a parte mais interessante para mim, lendo de forma mais lenta, porém refletindo tudo o que estava lendo foi essencial para compreender os conteúdos de filosofia.”

“A metodologia Vitoriana ajudou e contribuiu de várias formas para a formação e conhecimento da filosofia. Como por exemplo: no pensamento crítico, desenvolvendo a análise e avaliação de argumentos; na compreensão de conceitos fundamentais, ontologia, epistemologia e ética; no desenvolvimento de argumentações, construção de raciocínios lógicos; entre outras contribuições.”

“Através da metodologia, fui capaz do compreender melhor o que lia, algo que tinha dificuldade, e como a matéria de filosofia inclui bastantes textos, posso dizer que a metodologia vitoriana foi crucial para minha aprovação.”

“Eu basicamente só consegui estudar filosofia com a metodologia quando eu comecei a usar. É uma disciplina que precisa ser lida e compreendida, eu estudei a 1 unidade normalmente (sem a metodologia), e a 2 eu estudei na metodologia vitoriana. Percebi de cara a diferença, mesmo a nota abaixando (a prova do professor realmente é difícil), consegui compreender o assunto de um jeito bem melhor.”

“Com a metodologia vitoriana, foi possível, além de ler, compreender de fato o que estava escrito, pois não se tratou apenas de uma leitura, mas de todo um processo de aprendizado que possibilitou a aquisição do conhecimento adequado.”

“Nos dias de estudo com base na metodologia citada acima, foi perceptível que um foco mais detalhado e centrado na leitura, principalmente para uma disciplina que requer ler muito e interpretar com cuidado, me ajudou significativamente a ter tempos melhores lendo textos extensos e mais complexos.”

Todas essas respostas indicam que realmente a metodologia vitoriana da leitura, ainda que seja um método medieval, produz na contemporaneidade uma contribuição significativa na formação pessoal, intelectual e filosófica dos estudantes da disciplina de Filosofia, no primeiro ano do ensino médio Integrado do IFPE. Entendemos também, à luz dessa pequena amostra, que sua contribuição ultrapassa as barreiras da filosofia, potencializando o conhecimento em qualquer ramo do saber.

A segunda e última pergunta do questionário, tinha como objetivo saber se os alunos recomendariam a metodologia vitoriana da leitura para outros estudantes e o porquê. Iremos mais uma vez apresentar algumas das respostas que avaliamos expressar a reflexão da maioria dos participantes:

“Sim! É uma forma mais eficaz de consolidar o aprendizado, fazendo "links" (conexões) com outras informações atribuídas.”

“Com certeza! A metodologia vitoriana da leitura pode parecer um pouco antiquada, mas tem muito a ensinar para estudantes modernos.”

“Sim, porque considero a leitura muito importante para o aprendizado da filosofia, além é claro, da metodologia ter ajudado na minha compreensão.”

“Sim, eu recomendaria. Essa metodologia ajuda a ler com mais atenção e a entender o conteúdo de um jeito mais profundo. Ela incentiva os alunos a irem além da leitura superficial, o que é extremamente importante para o aprendizado.”

“Sim, pelos seguintes motivos: 1- Melhoraria o desenvolvimento crítico dos estudantes; 2- Uma melhor compreensão de texto, desenvolvendo um ótimo entendimento histórico e cultural 3- E por último, teria um vocabulário enriquecido ampliando seu conhecimento linguístico.”

“Sim, para a criação do hábito de leitura. Muitas vezes, não temos a "chama da leitura" por conta de não compreendermos o que lemos, seja por uma escrita requintada ou por se perder durante a leitura. Todavia, com a metodologia vitoriana torna-se mais fácil ler e criar o hábito de ler.”

Essas respostas, que representam o testemunho da grande maioria dos estudantes, nos apontam para quão benéfica é a metodologia vitoriana da leitura para os estudantes contemporâneos do ensino médio, não apenas na disciplina de Filosofia e muito menos exclusivamente para os alunos do IFPE, mas no estudo de qualquer disciplina e em qualquer escola. A metodologia vitoriana da leitura extrapola o contexto de uma escola ou disciplina e alcança a própria formação do indivíduo, levando-o ao aprimoramento do seu caráter mediante as disciplinas vitais e morais necessárias ao conhecimento.

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas considerações finais apresentando duas questões, que perfazem o problema da nossa pesquisa e estão em pleno debate atualmente. A primeira refere-se à falta de hábito de leitura de livros entre os alunos do ensino fundamental. Isso é evidente não só quando pedimos que um aluno leia, é claro que há exceções, mas também nas dificuldades que eles enfrentam para interpretar, entender e até mesmo redigir um texto. Enquanto acompanhávamos os alunos no período da intervenção, notamos que simples perguntas proferidas pelo professor não eram facilmente compreendidas. A segunda está relacionada diretamente com o uso excessivo das telas, que vem desenvolvendo nas crianças e adolescentes uma verdadeira dependência, promovendo inúmeros problemas como inquietação, perda do sono, ansiedade, falta de concentração, doenças oftalmológicas, enclausuramento social, disfunções neurológicas, dificuldades cognitivas, desafeto, perda da criatividade, obesidade, desequilíbrio hormonal etc. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria as crianças e adolescentes são expostas a diversos perigos, conforme o quadro abaixo:

| | Conteúdo (criança se envolve ou é exposta a conteúdos potencialmente danosos) | Contato (criança vivencia ou é alvo de contatos potencialmente danosos de ou por adultos) | Conduta (criança testemunha, participa ou é vítima de condutas potencialmente danosas entre pares) | Contrato (criança é parte ou é explorada por um contrato potencialmente danoso) |
|---|---|---|---|---|
| Agressivo | Violento, sangrento, explícito, racista, odioso ou informação e comunicação extremista | Assédio, perseguição (stalking), ataques de ódio, vigilância indesejada ou excessiva | Cyberbullying, comunicação ou atividade de ódio ou hostil entre pares, como trollagem, exclusão, ato com o intuito de causar constrangimento público | Roubo de identidade, fraude, phishing, golpe, invasão e roubo de dados, chantagem, riscos envolvendo segurança |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Sexual | Pornografia (danosa ou ilegal) cultura da sexualização, normas opressivas para a imagem corporal | Assédio sexual aliciamento sexual, sextorsão, produção ou compartilhamento de imagens de abuso sexual infantil | Assédio sexual, troca não consensual de mensagens sexuais, pressões sexuais adversas | Tráfico para fins de exploração sexual, transmissão de conteúdo pago de abuso sexual infantil |
| Valores | Informação incorreta/ desinformação, publicidade imprópria para idade ou conteúdo gerado pelos usuários | Persuasão ou manipulação ideológica, radicalização e recrutamento extremista | Comunidades de usuários potencialmente danosas, como automutilação, antivacinação, pressões entre pares adversas | Jogos de azar, filtro bolha (filtro de seleção de conteúdos por semelhanças), microsegmentação, padrões ocultos de design (dark patterns design) modelando a persuasão ou a compra |
| Transversais | Violações de privacidade (interpessoal, institucional e comercial)<br>Riscos para a saúde física e mental (como sedentarismo, estilo de vida, uso excessivo das telas, isolamento, ansiedade)<br>Desigualdades e discriminação (inclusão/exclusão, exploração de vulnerabilidades, viés dos algoritmos/análise preditiva) | | | |

Fonte: Livingstone ; Stoilova, 2021. Traduzido por Safernet Brasil e CETIC.br|NIC.br.

Além disso, a mesma sociedade apresenta os principais problemas médicos e alertas de saúde de crianças e adolescentes na era digital:

> Dependência digital e uso problemático das mídias interativas, problemas de saúde mental: irritabilidade, ansiedade e depressão, transtornos do déficit de atenção e hiperatividade, transtornos do sono, isolamento, no quarto ou em casa, por períodos longos, transtornos de alimentação: sobrepeso/obesidade e anorexia/bulimia, sedentarismo e falta da prática de exercícios, bullying & cyberbullying, transtornos da imagem corporal e da autoestima, riscos da sexualidade, nudez, sexting, sextorsão, abuso sexual, estupro virtual, comportamentos auto-lesivos, indução e riscos de suicídio, aumento da violência, abusos e fatalidades, problemas visuais, miopia e síndrome visual do computador, problemas auditivos e perda auditiva induzida pelo ruído (PAIR), transtornos posturais, lesões de esforço repetitivo (LER) e músculo esqueléticos, uso de nicotina, vaping, bebidas alcoólicas, maconha, anabolizantes e outras drogas (2022-2024, p.7).

Diante desses dois problemas que estão afetando profundamente nossas crianças e adolescentes, e, consequentemente, interferindo diretamente na educação deles, o que fazer?

Hugo de São Vitor propõe uma filosofia da leitura, que é muito mais do que simplesmente ler, é se autoconhecer, no conhecimento da Sabedoria, desenvolvendo qualidades morais (humildade e ânsia por conhecimento) e vitais (vida quieta, análise detalhada ou consideração silenciosa, pobreza e terra estrangeira) necessárias ao conhecimento e à formação do sujeito, através dos cinco degraus do conhecimento – leitura, meditação, oração, prática e contemplação. No entanto, entendendo que a vida nem sempre é estável, ele também pensou no surgimento de possíveis obstáculos na escalada rumo ao saber: a negligência = desvio, falta de empenho; a imprudência = desorganização, desvio do método pré-estabelecido; a má sorte = infortúnio. Para cada um deles estabeleceu como o professor deve responder ao aluno. Se o obstáculo for a negligência, o professor deve repreender o estudante, para que ele retorne à disciplina. Se o obstáculo for a imprudência, o professor deve instruir o estudante, buscando supri-lo de tudo o que for indispensável ao estudo diligente. Mas, se o obstáculo for a má sorte, o professor deve socorrer o estudante, dando-lhe todo o conforto e consolo essencial para sua recuperação e retorno aos estudos.

Hugo também considerou o efeito que as quedas ou retrocessos nos degraus do conhecimento poderiam ter nos estudantes. Ele propôs o argumento do desejo por conhecimento, que deve ser convertido no desejo por subir, inerente ao coração daqueles que amam a Sabedoria, evidenciando que isso nunca deve faltar no aluno.

Todos esses detalhes e muitos outros apresentados ao longo deste trabalho, sobre a metodologia vitoriana da leitura, fazem com que o pensamento do mestre Vitorino transcenda o seu tempo e seja plenamente relevante atualmente. Seria uma leviandade esconder a riqueza e atualidade existentes nessa filosofia da leitura por trás de qualquer preconceito medieval. Também seria um grande desperdício não trazer Hugo de São Vitor para as reflexões metodológicas sobre a leitura e sobre a formação do sujeito, temas presentes nas discussões sobre a educação contemporânea.

Portanto, entendemos que a metodologia vitoriana da leitura tem muito a contribuir na vida dos estudantes do ensino médio e de toda a comunidade escolar, produzindo reflexões importantes sobre o processo do conhecimento, do autoconhecimento e da formação do sujeito contemporâneo.

# REFERÊNCIAS


ABELARDO. **História de minhas calamidades**. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).

ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia de estudo Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, 1969 p.

ANDRADE, Sabrina. **Saiba porque você precisa trabalhar as metodologias ativas segundo a BNCC com seus alunos**. 19/11/2020. Disponível em: https://educacao.imaginie.com.br/metodologias-ativas-segundo-a-bncc/. Acessado em 01/11/2024.

ANÔNIMO. **Notas sobre a pedagogia de Hugo de São Vítor**. Disponível em: file://D/Documenta%20Chatolica%200mnia/99%20-%20Pr...s%20Library/001%20-Da%20Fare/01/NotasPedagogia-2.htm(1 of 2). Acesso em: 02.06.2006.

ANÔNIMO. **Princípios_fundamentais_de_pedagogia_de Sao_Vitor_de_Vitor**. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine. Acesso em: 23.11.2021.

ARISTÓTELES. **Metafísica.** Tradução de Vicenzo Cocco e notas de Joaquim de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).

ARISTÓTELES. **Metafísica**, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ATHAYDE, Wesley Rodrigues. A sapiência e as artes liberais segundo Hugo de São Vítor. **Humanidades em Diálogo,** vol. I, n. I, 2007.

ATHAYDE, Wesley Rodrigues. **As artes liberais e mecânicas**: uma via para o conhecimento da sapiência, segundo Hugo de São Vitor. São Paulo: PUC-SP, 2009, 105 p. Dissertação (mestrado em História).

BONETTI, Carolina Peixoto Gontijo de Oliveira**. Leitura e memória em *Didascalicon de studio legendi*:** recursos didáticos atemporais. Paranavaí: UEPA, 2018, 128 f. Dissertação (Mestrado em Ensino).

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - BNCC, 2018.

CHAGAS JÚNIOR, Wilson Arnhold. **De Hugo de São Vitor a Pedro Abelardo**: a importância das virtudes morais para a vida de estudos no século XII. UFRGS, Porto Alegre: UFRGS, 2014, p. 46, TCC (Bacharelado em História).

CAMARGO, R. L.; BRONZATTO, M. Moral e afetividade em Piaget: os "movimentos íntimos da consciência" em O Juízo Moral na Criança**. Schéme - Revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas**. São Paulo, 2010, 85 p.

BALDO, Ana Maria; GARCIA, Elisete Enir Bernardi. Intransitividade, transitividade ingênua e transitividade crítica da consciência em Paulo Freire. **Reflexão e ação.** v. 29, n. 2, p. 57-68, 2021. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index. Acesso em: 29/10/2024.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BRITTO, Luiz Percival Leme; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. **"**Leitura do mundo" e educação em Paulo Freire. **Educ. Soc.** v. 43, p. 1-18, 2022.

CARNEIRO, Douglas de Castro. O ensino no *Didascalicon* de Hugo de São Vitor. *In:* **VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**.

COSTA, Ricardo da. A ciência no especulativo medieval (Hugo de São Vitor). **SINAIS – Revista Eletrônica Ciências Sociais**. Vitoria, v. 1, n. 5, 2009.

DESMURGET, Michael. **Contraponto**. 2024. Disponível em: https://www.contrapontoeditores.pt/autor/michel-desmurget/1707280. Acesso em: 01/11/2024.

DESMURGET, Michel. A leitura como salvação. Entrevista concedida a Diogo Sponchiato. A força das máquinas. **Revista Veja**. São Paulo. Edição 2887, n. 14, Ano – 2024.

FERNANDES, Clístenes Hafner. **Opúsculo sobre o modo de Aprender e Estudar — Hugo de São Vítor.** Disponível em: https://www.hugodesaovitor.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Aula-sobre-estudar-e-aprender.pdf. Acesso em: 07.11.2024.

FAETHE, Sílvia Berbert de Andrade. Contribuições de Hugo de São Vítor para as universidades. *In:* **VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá: Universidade Estadual do Paraná, 2010. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/trabalhos.html. Acesso em: 07.08.2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **A alfabetização de adultos – crítica de sua visão ingênua compreensão de sua visão crítica**. Ação cultural para liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização de adultos e bibliotecas populares:** a importância do ato de ler – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2001.

HAMZE, Amélia. **Professor pedagogo**. Brasil Escola. Disponível em: https://educador.brasilescola.uol.com.br/trabalho-docente/professor-pedagogo-condutor-de-criancas-a-empreen.htm#:~:text=Trabalho%20Docente,ajuda%20a%20conduzir%20o%20ensino. Acesso em 08.10.2024.

HUGO de São Vítor. **Didascálicon:** da arte de ler. Tradução e introdução de Antonio Maschionni. Petrópolis: Vozes, 2001. 293 p.

HUGO de São Vítor. **A instrução dos principiantes.** Tradução e introdução de Eduardo Zaratini. Campinas: Kírion, 2021. 90 p.

IRIE, Michele Cristina. **Método de ensino de Hugo de Saint Victor.**

KRONBAUER, Luiz Gilberto. Consciência: intransitive, transitiva ingênua e transitive crítica. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. E ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 103-104.

LACALLE, Juan Manuel. Das artes liberais às humanidades digitais: a leitura antes e depois do *Didascalicon* de Hugo de San Víctor**. Revista Signum,** v. 15, n. 2, 2014.

MARCHIONNI, Antônio. **Trabalho e razão no *Didascalicon* de Hugo de São Vitor**. Campinas: UNICAMP, 1998, 220 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

MARCHIONNI, Antônio. Introdução. *In*: HUGO de São Vítor. **Didascálicon:** da arte de ler. Tradução e introdução de Antonio Maschionni. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 5-15.

MARCHIONI, Antônio. As *arts mechanicae* como via para o conhecimento de Deus em Hugo de São Victor e São Bernardo. **Revista Española de Filosofia Medieval**, n. 60, p. 661 – 685, 2004.

MIRANDA, Juliana. **Grupo escolar**. 2006. Disponível em: https://www.grupoescolar.com/pesquisa/pedagogia-tecnicista.html. Acesso em: 16.08.2022.

NETO, João Paulo dos Santos. **Pensado nas "Mente de Deus": os fundamentos do saber em Hugo de São Vitor**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2019.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. O *Didascalicon* de Hugo de São Victor – regras de leitura enquanto normas de vida. **Revista Eletrônica Mirabillia**, n. 16, p. 53-64, 2013.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **Instruções Didáticas**. Tradução de Ary Estevão Pintarelli. *In*: **Scintilla,** v. 3, n. 2, p. 129 – 147, 2006.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na Idade Média**. Campinas: Editora Kirios, 2018a.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na antiguidade cristã**. Campinas: Kírion, 2018b.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **Do modo de aprender e meditar**. *In:* **Scintilla,** v. 9, n. 2, p. 179-, 2012.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **Textos notáveis sobre a memória**.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **Opúsculo sobre o modo de aprender e meditar**.

OLIVEIRA, Terezinha. ***Didascálion*, da arte de ler:** a leitura como instrumento educativo no século XII Medievo. p. 1-7. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem12pdf/sm12ss05_01.pdf. Acesso em: 08.10.2024.

PACHECO, Maria Candida Monteiro. A filosofia e as ciências no *Didascalicon* de Hugo de São Victor. **Revista da Faculdade de Letras — FLUP -**Série II, v. 14, p. 107 – 117, 1997.

PEREIRA, Benedito Fernando. O meio-termo como iirtude no Livro IV da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. **FilosoFant**e, 2012. Disponível em: https://www.filosofante.com.br/?p=998. Acessado em 18/09/2024.

PERIN, Conceição Solange Bution; OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei Cláudio Magno Magre. Um estudo sobre alguns dos ensinamentos realizados por Hugo de São Vitor e São Boaventura de Bagnoregio. **Interfaces Científicas,** v. 5, n. 3, p. 113 – 122, 2017.

PLATÃO: reminiscência e conhecimento em filosofia. Disponível em: https://descomplica.com.br/d/vs/aula/platao-reminiscencia-e-conhecimento/. Acesso em 29/08/2022

PORFÍRIO, Francisco. **O mundo da Educação**. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/paulo-freire.htm. Acesso em: 19/10/2024

PRINCÍPIOS_fundamentais_de_pedagogia_de Sao_Vitor_de_Vitor. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine . Acesso em: 23.11.2021.

REINHARDT, Elisabeth; SARAYANA, Josep Ignasi. La configuración de la ciencia teológica: de Hugo de San Vícto a Tomás de Aquino. **Veritas,** v. 43. n.3. p. 471 – 472, 1998.

SANTOS NETO, João Paulo dos. **Pensados na mente de Deus**: os fundamentos do saber em Hugo de São Vítor. Manaus: UFAM, 2019, 95 f. Dissertação (Mestrado em História).

SILVA, Filipe. Teologia e teoria das ciências em Hugo de S. Vitor. **Mediaevalia – Textos e Estudos**, v. 21, p. 21 – 36, 2002.

SILVA, Pedro Henrique Ciucci da. *Didascálicon* e a educação para Hugo de São Vitor. **Revista Pandora Brasil.**

SPEER, Andréas. Amor vel studium sapientiae – filosofia e sabedoria em Hugo de São Victor e Theirry de Chartres. *In:* STEIN, Ernildo (org). **A cidade de Deus e a cidade dos homens**: de Agostinho a Vico. Festschift para Luis Alberto de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 275 – 290.

STAMMBERGER, Ralf. Hugh of Saint Victor and Peter Abelard. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 58, p. 65 – 92, 2002.

TECNOLOGIAS Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar: possibilidades. Base Nacional Curricular Comum. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/%20aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades?highlight=WyJocSJd. Acesso em: 01/11/2024.

VIANA, Ana Paula dos Santos; OLIVEIRA, Terezinha. Abelardo e Hugo de Sant Victor: um estudo da educação citadina no século XII. *In:* **Anais do IX Congresso Brasileiro de Educação**. Curitiba, [s.d.].

VIANA, Ana Paula dos Santos; OLIVEIRA, Flávio Rodrigues de. A arte de ler: uma análise entre Hugo de Saint Victor e a educação. *In*: **IX ANPEDSUL,** 2012

ZARATINI, Eduardo. Introdução. *In:* HUGO de São Vítor. **A instrução dos principiantes**. Tradução e introdução de Eduardo Zaratini. Campinas: Kírion, 2021. p. 7-15.

MISSÃO, Visão e Valores. Instituto Federal de Pernambuco. Disponível em: https://portal.ifpe.edu.br/o-ifpe/institucional/missao-visao-e-valores/. Acesso em: 17/01/2025.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MANUAL de Orientação: grupo de trabalho saúde na era digital (2022-2024). Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/24604c-MO__MenosTelas__MaisSaude-Atualizacao.pdf. Acesso em 28/01/2025.

**APÊNDICE A – Questionário do Google forms para intervenção com os alunos**

**Questionário de avaliação**

**Este questionário tem como objetivo avaliar a perspectiva vitoriana da leitura como uma abordagem metodológica para a construção do conhecimento no ensino de filosofia na atualidade.**

1. **Você teve contato com a metodologia da leitura de Hugo de São Vitor?**

( ) Sim

( ) Não

2. **A metodologia da leitura de Hugo de São Vitor te encorajou a ler mais e melhor?**

( ) Discordo plenamente

( ) Discordo

( ) Discordo parcialmente

( ) Não discordo nem concordo

( ) Concordo parcialmente

( ) Concordo

( ) Concordo plenamente

3. **A metodologia da leitura de Hugo de São Vitor facilitou o teu conhecimento na disciplina de filosofia?**

( ) Discordo plenamente

( ) Discordo

( ) Discordo parcialmente

( ) Não discordo nem concordo

( ) Concordo parcialmente

( ) Concordo

( ) Concordo plenamente

4. **Explique como a metodologia vitoriana da leitura contribuiu na tua formação e no conhecimento da filosofia.**
5. **Você recomendaria a metodologia vitoriana da leitura para outros estudantes? Por quê?**